



Fernando Pessoa

Vinte Anos de Poesia Ortónima

IV

1934-1935



PESSOANA • EDIÇÕES

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Vinte Anos de Poesia Ortónima

IV

1934-1935



© Luís Prista e Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Esta edição digital pode ser descarregada gratuitamente.

A citação e a reprodução total ou parcial são autorizadas, devendo a proveniência ser indicada da seguinte forma: «Fernando Pessoa, *Vinte Anos de Poesia Ortónima. IV — 1934-1935*, edição de Luís Prista, ed. digital gratuita, Lisboa, Imprensa Nacional, 2020».

Os textos que formam esta edição foram inicialmente publicados no vol. 1, tomo v, da Edição Crítica de Fernando Pessoa: *Poemas de Fernando Pessoa — 1934-1935*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

A estrutura e o conteúdo dessa edição-mãe são conservados, com as seguintes intervenções principais: foram corrigidas gralhas, foram revistas leituras, foi adotada a ortografia oficial vigente, foram retirados os instrumentos críticos acessórios do texto (aparatos, anotações, introduções, índices, etc.), em alguns volumes foram retirados poemas incompletos. Para facilitar o cotejo com a edição-mãe, os textos mantêm o número que aí tinham, o que explica alguns saltos na numeração desta edição digital.

Janeiro de 2021.

Fernando Pessoa
Vinte Anos de Poesia Ortónima
IV
1934-1935
Edição de Luís Prista

PESSOANA • EDIÇÕES

LISBOA 2020

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

ÍNDICE GERAL

POEMAS 1934-1935

2	Aqui, que é o fundo	19
3	Baixei, como quem desce do alto sólio,	19
4	Quem me roubou meu sonho com dedadas? —	20
5	Fadas ou elfos ou o que quer que seja!,	20
6	A linha da casaria	21
7	Não foi princesa quem o sonho trouxe.	21
8	Teu nome ignoro. Teu perfil deslembro.	22
9	Vai lá longe, na floresta	22
10	Hoje que nada sou e nada quero,	23
11	Os dois do lugar	23
12	Eu vou dormir, vou dormir...	24
13	Porque choras de que existe	25
14	Os mesmos deuses são precários...	26
15	Tudo me cansa. Nada me consola.	26
16	Pálida, a lua permanece	27
17	Dorme, criança, dorme,	27
18	Eu, que vendi a alma a meio diabo	28
19	Meu ser é o centro de tudo.	28
20	Regularmente	29
21	Sinto um prenúncio de morte	29
22	Vibra, clarim, cuja voz diz	30
23	Com que revolta me reconheço	34
24	O som da chuva lá fora, —	34
25	O Silva	35
26	Durmo a vida. Que fazer	36
27	O Chaga	36
28	Cismo, remoto da calma	37
29	As fadas dançam no ermo	37
30	Sim, por fim certa calma...	38
31	Boiam farrapos de sombra	39
32	Verdadeiramente	39

33	Vem uma voz pela bruma,	40
34	O que é vida e o que é morte	40
35	Sabes quem sou? Eu não sei —	41
36	Tenho escrito muitos versos,	41
37	Renega, lápis partido,	42
38	Acordo, chasco de quem me supus	42
39	Se eu me sentir sono	43
40	A Igreja materna cobriu como uma redoma	43
41	Na paz da noite, cheia de tanto durar,	44
42	Onde, em jardins exaustos	44
43	Toda beleza é um sonho, inda que exista.	45
44	Tudo que sou não é mais do que abismo	45
45	Tudo se vai ajustando	45
46	Flui, indeciso na bruma,	46
47	Sangra-me o coração. Tudo que penso	47
48	Vem brando o vento quieto	48
49	Nesta grande oscilação	49
52	Sup. Inc.	49
53	Tudo que sinto, tudo quanto penso,	50
54	Onda que, enrolada, tornas,	51
55	Montes, e a paz que há neles, pois são longe...	51
56	Neste mundo em que esquecemos	52
57	Foi um momento	53
58	Cessa o teu canto!	54
59	Tenho a verdade na algibeira.	56
60	Voam gaivotas rente ao chão.	56
61	No fim do mundo de tudo	57
62	Soa na noite um grito involuntário,	58
63	O a quem tudo é negado	58
64	O céu, azul de luz quieta...	59
65	Auto do Circo	59
66	A lenda dourada e linda	60
67	«Porque gastas tempo em sonhos?»	61
68	Aquele constrangimento	61
69	Esse momento	62

70	Só por ver passar um carro	62
71	Houve um ritmo no meu sono.	63
72	Por trás da torre o luar	63
73	Quem me amarrou a ser eu	64
74	Reli, como quem lê uma obra alheia,	65
75	Céu alto, que astros revelam	65
76	Tambor da banda que não há	65
77	Pobre de tudo, exceto de o saber,	66
78	Entre nuvens casuais	66
79	Parte-te contra a parede,	67
80	Durmo só por cansaço,	68
81	Um sorriso de criança,	68
82	É sono? É sonho? É ver?	69
83	O cão que veio do abismo	69
84	Pouco me falta para ser quem sou.	69
85	Quando eu morrer e tu fores,	70
86	Sonho sem fim nem fundo.	71
87	Eram vadios todos	73
88	Já me não pesa tanto o vir da morte.	73
89	Era um bêbado sem fim...	74
90	Não digas nada! Que hás me de dizer?	74
91	A casa foi deixada,	75
92	No Beco do Fala-Só	75
93	Beco do Fala-Só...	76
94	Cor de rosa vago	76
95	Lágrimas que não chorei,	77
96	Veio um corvo negro, negro,	77
97	Ignoro e espero. Passa no arvoredo	78
98	Do fundo do fim do mundo	79
99	Tenho em mim como uma bruma	79
100	Quando era jovem, quando tinha pena	80
101	Dá só treze badaladas	80
102	Quando deixei de dormir	81
103	Se toda a gente trabalha,	81
104	Canto a Leopardi	82

105	Essas coisas que escrevi	83
106	Depois de te conheceres	84
107	Não sei se é triste	84
108	Tu, de quem o Sol é sombra,	85
109	Quem sabe se o que pensamos	85
110	Como é por dentro outra pessoa	86
111	Teu perfil, teu olhar real ou feito,	87
112	Qual é aquela canção	87
113	Horas, obrigações... Deem-me a eira...	88
114	A lâmpada nova	88
115	Vaga saudade, tanto	89
116	Concluso a opalas e ametistas,	89
117	Outrora, antes de tempo e espaço,	89
118	Não: nada quero, nada vou querer.	90
119	Sorriso porque sonho,	91
120	Dá rosas, rosas, a quem sonha rosas!	91
121	No alto da torre está o relógio,	91
122	Meu coração, se alguém o quis,	92
123	Ao som da música adormeço	92
124	No fim do fim de tudo,	93
125	Por mais que a penumbra seja	93
126	Onde quer que o arado o seu traço consiga	94
127	Era água corrente.	94
128	O louco endoideceu	95
129	Tive quem me amasse,	95
130	Névoa... A manhã é névoa e o dia é este...	96
131	Quero, antes que me cesse o dia,	96
132	Música, ao contrário de tudo...	96
133	Soam doze horas. É o fim...	97
134	A criança e o seu brinquedo	98
135	Ah, como eu queria	98
136	Bem sei... Um leve sorriso	99
137	O pavão no parque morto	99
138	Como criança, ou como condenado,	100
139	Quem fez de mim aquilo que hoje sou?	101

140	Que bebedeira! Mas no fundo	101
141	Anos e anos do que não foi eu	101
142	Como um grande rochedo debruçado	102
143	Estou cheio de tédio, de nada. Estendido na cama	103
144	Passa um silêncio sobre a erva alta.	103
145	No silêncio da noite te chorei...	104
146	Tragam-me tédio para divertir-me!	104
147	Tenho sono. Depois de não sentir	105
148	As meninas que há na feira	105
149	Eram todos mascarados	106
150	Quem me pôs nódoas no vestido dela?	106
151	Pouco, pouco, pouco...	107
152	As fadas são pensamentos,	108
153	De tanto me fingir quem sou deveras,	108
154	Sorrindo, com as mãos ainda estando	109
155	Já que por sonhos posso ser quem quero	110
156	Um inseto feio	110
157	Traze — não negues nem um só botão! —	111
158	Sem fim oscila quanto é erva ou trigo	111
159	Poema após poema, íntimo, escrevia	112
160	Ninguém me disse quem eu era, e eu	112
161	Ténue, uma brisa ou não vem ou esquece.	113
162	Tão leve, tão suave,	113
163	Quem foi que, em minha ausência, regou flores	114
164	O louco olhou-me de frente.	114
165	Colhe todas as rosas que encontrares!	115
166	A tua voz e o que ela diz,	115
167	Dorme, fluindo lentamente, a água,	116
168	Há um lago para barcos de crianças	117
169	Nas voltas todas da dança	117
170	Os ranchos das raparigas	118
171	Por tantos e tão ásperos caminhos!	119
172	Como a noite chegasse e ninguém vinha,	119
173	Releio, triste e com um tédio feio,	120
174	As coisas que errei na vida	121

175	Cansaço... Sim, cansaço do que fui	121
176	O sol que doura as neves afastadas	122
177	Ah, quero as relvas e as crianças!	122
178	Deixem-me o sono! Sei que é já manhã.	123
179	Deixei atrás os erros do que fui,	123
180	Não digas nada!	124
181	Os reis que fora quando o sonho o tinha	124
182	No poço que há no fim do mundo	125
183	Que torpor vela o olhar que quero ter?	125
184	Que é feito de Jules Laforgue	126
185	Tudo acabou: os campos e os pinhais	126
186	Aquelas danças de roda	128
187	Estamos sempre na encruzilhada.	129
188	A preguiça de pensar	129
189	Debaixo de onde altos ramos	130
190	Qual foi a suposição	131
191	O riso da tua boca	131
192	Quero dormir. Não sei se quero a morte,	132
193	Ah, verdadeiramente a deusa! —	133
194	Teu inútil dever	133
195	Cessa teu canto! Cessa o que ele traz	133
196	Depois de não ter dormido,	134
197	O mar, o mar, o mar...	135
198	Se alguém bater um dia à tua porta,	135
199	Sim, vem um canto na noite.	136
200	Todas as coisas são	137
201	Falsas, amor, as coisas que dizias...	137
202	Tudo que amei, se é que o amei, ignoro,	138
203	Verdade de Provar	138
204	Oiço falar onde na rua	139
205	Tudo, menos o tédio, me faz tédio.	139
206	Sim, tens razão...	140
207	Foi ontem ou foi nunca ou foi ninguém	140
208	A vida inútil que vivi e vivo	141
209	Sobe a grande escada	141

210	Já decifrei a cifra sem sentido	142
211	A nuvem veio e o sol passou.	142
212	Sonho. Como uma asa que tocasse	143
213	Divido o que conheço.	143
214	Começa, no ar da antemanhã	144
215	A menina dorme.	144
216	Que dia este! Quantas coisas foram	145
217	Deslembro incertamente. Meu passado	145
218	Se há arte ou ciência para ler a sina	146
219	A febre do que me suponho	146
220	O sol	147
221	A pompa inútil de teus gestos quedos,	147
222	Bem sei que estou endoidecendo.	148
223	Eu caminhava, anónimo e distante	149
224	O Caos tem uma verdade.	150
225	Nada é: o Caos dorme, e a Noite é muda.	150
226	Quando se está cansado e apraz ser outro	150
227	Vinha bêbado sempre para casa	151
228	Tarda, tarda, tarda,	152
229	Não quero pedir nada ao fado e à vida.	152
230	Domingo, Maria,	153
231	Ah, que maçada o piano	153
232	Bem sei que há ilhas lá ao sul de tudo	154
233	Chega-me a dança rústica por som:	155
234	Dias tão gastos em se não gastar	156
235	Pouco da vida que tive	156
236	Não, não é esta astúcia do luar,	157
237	Ninguém me disse quem tu eras,	157
238	O sol que está onde a montanha está	158
239	Passa uma nuvem ligeira	158
240	A montanha por achar	159
241	Grande é a noite que me cerca,	160
242	Pobres das hostes	160
243	Não sei qual o caminho — se o que passa	160
244	Ao certo não sei...	161

245	Paira na noite um som de água	161
246	Não distingo se sou eu	162
247	O sol, ausência de Deus,	162
248	Porque dormes, porque dormes,	163
249	A ciência, a ciência, a ciência...	163
250	Sim, já sei...	164
251	Era isso mesmo —	164
252	Eu ia pra casa bêbado	165
253	Que fútil toda essa tristeza	166
254	Bem sei que ela era a Rainha.	166
255	Bem sei que todas as mágoas	166
256	Quietas, fiéis, na velha quinta alheia	167
257	Na véspera de nada	167
258	Não digas nada a quem te disse tudo —	168
259	A reunião foi marcada	168
260	Como é que qualquer coisa pode ser,	169
261	Bate dura na vidraça	169
262	Bem sei, bem sei: eu sou essa criança	170
263	Sob olhos que não olham — os meus olhos —	171
264	Não tenho que sonhar que possam dar-me	171
265	Nunca faz mal o que escrevas	172
266	Não! Isso não!	172
267	Quando os anjos são gente são crianças,	173
268	Sonhei — quem não sonhara? — porque a tarde	174
270	Exígua lâmpada tranquila,	174
271	Eu quisera pensar,	174
272	Não, não sou nada, nem o quero ser.	175
273	O som contínuo da chuva	175
274	Depois de ter seguido	175
275	Nunca supus que isto que chamam morte	176
276	Música... Que sei eu de mim?	178
277	A mão posta sobre a mesa,	179
277A	Mas eu, casual e fortuito,	179
278	Num diminuendo que vem	180
279	Não deixes de falar, inda que tarde	180

280	O burro vai nos caminhos	180
281	Colho impressões como se colhem flores.	181
282	Não quero rosas, desde que haja rosas.	181
283	Foi um olhar casual,	182
284	Quais são, enfim, as flores que colheste	182
285	Mas tu mulher, tu homem, tu criança,	183
286	O meu menino não dorme.	184
287	Tudo quanto penso,	184
288	Liberdade	185
289	Um dia baço mas não frio...	186
290	António de Oliveira Salazar.	187
291	Este senhor Salazar	187
292	Coitadinho	187
293	Mata os piolhos maiores	188
294	Vai pra o seminário	189
295	O amor é que é essencial.	189
296	À Emissora Nacional	189
297	Solenemente	190
298	Azul, azul, azul, o mar fraqueja	191
299	A paz do dia, a luz que faz a paz —	192
300	Elegia na Sombra	193
301	Azul ou verde ou roxo, quando o sol	198
302	Praça da Figueira	200
303	Sim, um momento	211
304	Já estou tranquilo. Já não spero nada.	212
305	Começa a ir ser dia.	212
306	A Outra	213
307	Através da radiofonia	215
308	Sim, é o Estado Novo, e o povo	216
309	O Rei	218
311	No túmulo de Christian Rosencreutz	219
312	Há quanto tempo isso foi!	221
314	Este nó no lenço é	221
315	Dizem que o Jardim Zoológico	222
316	Sei bem que não consigo	222

317	Se eu pudesse não ter o ser que tenho	222
318	Virgem Maria	223
318A	Dizem-me que vão apresentar	223
319	Aquilo que a gente lembra	224
320	Desce a névoa da montanha,	225
321	Já não me importo	225
322	Não sou feio nem bonito,	226
323	<i>Un Soir à Lima</i>	226
324	Pedrouços	237
325	Triolet, rondeau, balada —	238
326	Teus olhos entristecem.	238
327	Lembro-me vagamente	239
328	Que triste na noite sem luar	240
329	Eu falei no «mar salgado»,	241
330	Argumentamos em vão.	241
331	Nunca te achei nem te vi.	242
332	Navega inútil pelas águas mansas	242
333	Meu pobre Portugal,	242
334	Poema de Amor em Estado Novo	243
335	Eu morava à beira-rio	245
336	Há doenças piores que as doenças,	247

Aqui, que é o fundo
Do fim do mundo,
Livre do tudo
De ter que ser,
Poderei, mudo
De mim, esquecer.

2

Sob o ermo e quedo
Grande arvoredado,
Dormindo esperto,
Verei passar,
De mim liberto,
Meu sonho no ar

Ele é diverso
Do ser disperso
Com que, distinto
De mim, sonhei.
Não penso; sinto.
Ignoro: sei.

3-1-1934

Baixei, como quem desce do alto sólio,
Ao chão de mim, humilde e iluminado...
Queimeei, dentro de mim, o Capitólio
E ergui-me livre, como um condenado.
Ir ser morto é ir ser iluminado.

3

5-1-1934

4 Quem me roubou meu sonho com dedadas? —
 Aquele onde, entre música, se erguia,
 A Princesa retida pelas fadas
 Que é hoje a minha nostalgia...

Amor? Desejo? Confusão? Remédio?
Que extravagâncias me vieram dar
A esta vida, louca de intermédio,
Que vê o sol parado andar.
Deito poeira de ouro no meu tédio.

E os palhaços da última velada
Ao luar, no parque onde a Princesa errou,
Riem ainda a sua mascarada...
O ouro que deitei era nada...
Tudo foi noite e o sonho se apagou.

5-1-1934

5 Fadas ou elfos ou o que quer que seja!,
 Desde que a vida não se sinta,
 E eu demoradamente veja
 Só o que me minta...

Música feita cousa! Gnomos, fadas...
Desde que o dia seja alheio
E eu viva as lendas ilustradas
Do meu vago anseio...

Vida tornada música! Do alto
Da varanda sobre sonhar
Ver pela álea, em sobressalto,
Os brinquedos passar.

5-1-1934

A linha da casaria
Que está dada ao sol cadente,
Do oblíquo sol pouco quente
Brilha iluminada e fria.

6

Assim o meu coração,
Que está dado ao desamparo
Do que na razão é raro,
E que é a pura razão,

Sente brilhar nele brando
Um resquício de saudade...
Quando tornarei, verdade
De quando eu era meu? Quando?

17-1-1934

Não foi princesa quem o sonho trouxe.
Ninguém. Na sombra com que o parque orlava
A passagem quieta de quem fosse,
Nada, nada estava...

7

Nada, a não ser essa impressão furtiva,
Que não pode evitar um coração,
De haver qualquer presença viva e ativa
Sem dela haver visão...

Nada, a não ser entre o que é buxo ou ramos
Qualquer imprecisão no que sentimos
Só porque ali anónimos estamos
E assim nos vimos.

18-1-1934

8 Teu nome ignoro. Teu perfil deslembro.
 Tuas palavras esqueci.
 Era manhã, nevoeiro, era dezembro,
 Quando te achei e te perdi.
 Sonho ou relembro?

 Não sei. Era manhã e o nevoeiro
 Envolvia o que havia e o que eu pensava,
 Como um falso refúgio derradeiro
 Do que em parte nenhuma estava.
 Sonho, prolixo e inteiro,

 Mas se, nas teclas tua mão errar,
 Assim, despida de ser tua, sei
 Que talvez poderia achar
 Entre o que não pude encontrar
 Aquilo que não acharei.

18-1-1934

9 Vai lá longe, na floresta
 Um som de sons a passar,
 Como de gnomos em festa
 Que não consegue durar...

 É um som vago e distinto.
 Parece que entre o arvoredor
 Quando seu rumor é extinto
 Nasce outro som em segredo.

 Ilusão ou circunstância?
 Nada? Escuto atento, e o que há
 Nesse som é só distância
 Ou o que nunca haverá.

1-2-1934

Hoje que nada sou e nada quero, 10
Relíquia inútil de quem nunca fui,
Eu que meu fim, sem resignar-me, spero
E nada sou do que foi eu em mim,
Aqui, onde este rio obscuro flui,
Quero, sentindo-o ir, ser eu enfim...

Desejo, sem esperança, ver correr
Estas inertes águas fugidias,
Servo de nada ter e nada ser,
E sem esperança ver passar sem forma
O curso estéril dos inúteis dias
Em que em mim minha vida se transforma.

Outrora havia outra esperança minha,
Outra era a vida que teria aqui,
Mas a quem coroaram por rainha
Caiu, por falsa e vil a coroa infiel.
E assim a taça de ouro do que eu vi,
Quando a ergui à boca, tinha fel.

1-2-1934

Os dois do lugar 11
Vieram brincando,
Cantando ou beijando,
Por mim a passar...

Rapazes da aldeia
Passaram onde eu
Olhava só o céu
Com a lua cheia.

Vinham da taberna
Brincando, cantando,
No silêncio brando
Desta noite terna.

Eram dois ou um?
Como a sombra engana!
Mas que importa? Irmana.
Eu não sou nenhum.

1-2-1934

12

Eu vou dormir, vou dormir...
Dormem os astros também.
Eu vou dormir a sorrir
O sorriso que astros têm;

E entre mim e o firmamento
Haverá tal ligação
Que terei entendimento
Com esses céus sem razão.

E eu, o proscrito do espaço
Casarei meu nada ser
Com esse abstrato regaço
Com que a mãe-noite é mulher.

E as falsas núpcias instáveis
Que resultarão do abismo
Dar-me-ão estes planos hábeis
Com que tenho misticismo.

Mas que digo? Que conheço?
Vou dormir, vou sossegar,
E a sombra do que me esqueço
É um rastro vago no ar.

4-2-1934

Porque choras de que existe
A terra e o que a terra tem?
Tudo nosso — mal ou bem —
É fictício e só persiste
Porque a alma aqui é ninguém.

13

Não chores! Tudo é o nada
Onde os astros rasgos são.
Tudo é lei e confusão.
Toma este mundo por strada
E vai como os santos vão.

Levantado de onde lavra
O inferno, em que somos réus
Sob o silêncio dos céus,
Encontrarás a Palavra,
O Nome interno de Deus.

E, além da dupla unidade
Do que em dois sexos mistura
A ventura e a desventura,
O sonho e a realidade,
Serás quem já não procura;

Porque, limpo de universo,
Em Cristo nosso Senhor,
Por sua verdade e amor,
Reunirás o disperso
E a Cruz abrirá em Flor.

6-2-1934

14 Os mesmos deuses são precários...
Ninguém dos homens é alguém.
Passam os Silas e os Mários.
Todos igual a terra tem,
E os mesmos deuses são precários.
Quem sabe se eles são ninguém?

Talvez que tudo, em mal ou bem,
Um nada seja, feito vários,
Para os processos de vaivém
Que fazem mundos, para quem
Os mesmos deuses são precários.

14-2-1934

15 Tudo me cansa. Nada me consola.
O que fiz fi-lo em vão.
Tu, tocando arranjos de viola
Dás-me uma outra emoção.

Não me viste, mas vieste. Isso me basta.
Toca sem dor nem fim.
E a tua música, vazia, contrasta
Com o pleno de mim.

Quanto levantes baixa-me, mas antes
Quero eu teu soluçar
Que a vida toda com os seus cambiantes
De dormir sem sonhar.

22-2-1934

Pálida, a lua permanece
No céu que o sol vai invadir.
Ah, nada inteiramente esquece.
Sonhar, pensar — tudo é existir.

16

Mas pudesse o meu coração
Saber à tona do que eu sou
Que existe sempre a sensação
Ainda quando ela acabou...

4-3-1934

Dorme, criança, dorme,
Dorme, que eu velarei;
A vida é vaga e informe,
O que não há é rei.
Dorme, criança, dorme.
Eu também dormirei.

17

Bem sei que há grandes sombras
Sobre áleas de esquecer,
Que há passos sobre alfombras
De quem não quer viver,
Mas deixa tudo às sombras,
Vive de não querer.

16-3-1934

18 Eu, que vendi a alma a meio diabo
 E a quem, no Carnaval do sem-remédio,
 A Sorte pôs, furtivamente, o rabo
 Multicolor e mole do meu tédio —

 Eu, que não sou ninguém de tanto ser,
 E a cuja face a dúvida arrojou
 Farinha, a fé que tive que perder,
 Água, o desgosto de ficar quem sou —

 Eu, assim mesmo, ainda sei mudança,
 E, lançado no abismo de aqui estar,
 Lembro os meus amplos tempos de criança
 E de como era rápida a esperança...
 Deixem-me ouvir o coração parar!...

16-3-1934

19 Meu ser é o centro de tudo.
 Sou o universo a pensar.
 (Atenção: quero chorar.)
 (Prevenção: penso e sou mudo.)
 Deram-me um livro de estudo
 Feito de não começar...

16-3-1934

Regularmente 20
Marca o relógio
Seu tempo taque,
Indiferente.

Não stá parado
Fala em tiquetaque
Tão regular que é
Como parado.

Nada na vida,
Nada esperando,
Tiquetaque eterno...
Olvida! Olvida!

16-3-1934

Sinto um prenúncio de morte 21
Dentro do meu coração.
Virá quando a der a Sorte
Quando vier, virá em vão.

Porque a morte é sombra e nada,
É só a vida vulgar
Que de um lugar é tirada
E posta em outro lugar.

Ri, alma, do que acontece!
Nada existe, salvo seres.
A aranha da vida tece
Só teias de o não saberes.

16-3-1934

Vibra, clarim, cuja voz diz
Que outrora ergueste o grito real
Por D. João, Mestre de Avis,
E Portugal!

Vibra, grita aquele hausto fundo
Com que impeliste, como um remo,
Em El-Rei D. João Segundo
O Império extremo!

Vibra, sem lei ou com a lei,
Como aclamaste outrora em vão
O morto que hoje é vivo — El-Rei
D. Sebastião!

Vibra chamando, e aqui convoca
O inteiro exército fadado
Cujas extensões os polos toca
Do mundo dado!

Aquele exército que é feito
Do quanto em Portugal é o mundo
E enche este mundo vasto e estreito
De ser profundo!

Para a obra que há que prometer
Ao nosso esforço alado em si,
Convoca todos sem saber
(É a Hora!) aqui!

Os que, soldados da alta glória,
Deram batalhas com um nome,
E de cuja alma a voz da história
Tem sede e fome.

E os que, pequenos e mesquinhos,
No ver e crer da externa sorte,
Calçaram imperiais caminhos
Com vida e morte.

Sim, estes, os plebeus do Império,
Heróis sem ter para que o ser,
Chama-os aqui, ó som etéreo
Que vibra a arder!

E os que sonharam, enlevados
No Outro Império que sorri
Além do mundo e os céus fechados,
Aqui! Aqui!

E, se o futuro é já presente
Na visão de quem sabe ver,
Convoca aqui eternamente
Os que hão de ser!

Todos, todos! A hora passa,
O génio colhe-a quando vai.
Vibra! Forma outra e a mesma raça
Da que se esvai!

A todos, todos, feitos num
Que é Portugal, sem lei nem fim,
Convoca, e, erguendo-os um a um,
Vibra, clarim!

E outros, e outros, gente vária,
Oculta neste mundo misto.
Seu peito atrai, rubra e templária,
A Cruz de Cristo.

Glosam, secretos, altos motes,
Dados no idioma do Mistério —
Soldados não, mas sacerdotes,
Do Quinto Império.

Aqui! Aqui! Todos que são
O Portugal que é tudo em si,
Venham do abismo ou da ilusão,
Todos aqui!

Armada intérmina surgindo,
Sobre ondas de uma vida estranha,
Do que por haver ou do que é findo —
É o mesmo: venha!

Vós não soubestes o que havia
No fundo incógnito da raça,
Nem como a Mão, que tudo guia,
Seus planos traça.

Mas um instinto involuntário,
Um ímpeto de Portugal,
Encheu vosso destino vário
De um dom fatal.

De um rasgo de ir além de tudo,
De passar para além de Deus,
E, abandonando o gládio e o escudo,
Galgar os céus.

Titãs de Cristo! Cavaleiros
De uma cruzada além dos astros,
De que esses astros, aos milheiros,
São só os rastros.

Vibra, estandarte feito som,
No ar do mundo que há de ser.
Nada pequeno é justo e bom.
Vibra a vencer!

Transcende a Grécia e a sua história
Que em nosso sangue continua!
Deixa atrás Roma e a sua glória
E a Igreja sua!

Depois transcende esse furor
E a todos chama ao mundo visto,
Hereges por um Deus maior
E um novo Cristo!

Vinde aqui todos os que sois,
Sabendo-o bem, sabendo-o mal,
Poetas, ou santos, ou heróis
De Portugal.

Não foi pra servos que nascemos
De Grécia ou Roma ou de ninguém.
Tudo negámos e esquecemos:
Fomos para além.

Vibra, clarim, mais alto! Vibra!
Grita a nossa ânsia já ciente,
Que o seu inteiro voo libra
De poente a oriente!

Vibra, clarim! A todos chama!
Vibra! E tu mesmo, voz a arder,
O Portugal de Deus proclama
Com o fazer!

O Portugal feito Universo,
Que reúne, sob amplos céus,
O corpo anónimo e disperso
De Osíris, Deus.

O Portugal que se levanta
Do fundo surdo do Destino,
E, como a Grécia, obscuro canta
Baco divino.

Aquele inteiro Portugal,
Que, universal perante a Luz,
Reza, ante a Cruz universal,
Ao Deus Jesus.

[21-3-1934]

23

Com que revolta me reconheço
Sempre esquecido do que eu ameí!

O sol luz claro, o céu azul
Dá aos sentidos a lucidez
O vento é brando, neste amplo sul,
E os mortos morrem segunda vez.

[27-3-1934]

24

O som da chuva lá fora, —
Pingos, vento, triste som, —
Junta qualquer coisa à hora
Que faz dormi-la ser bom.

Dá um sentimento vago
De que não ser é um bem,
Como se à margem de um lago
Nunca estivesse ninguém.

Um som de chuva na noite
Com tudo fechado e quedo.
Que o coração não se afoite
Porque existir é segredo.

Um som de chuva lá fora
Sem que se veja chover...
Dormir... Nunca ter agora...
Noite sem dia... Esquecer...

27-3-1934

O Silva

25

Morreu o filho do barbeiro,
Uma criança de cinco anos.
Conheço o pai — há um ano inteiro
Que me barbeia e nos falamos.

Quando mo disse, o que em mim há
De coração sofreu assombro
E eu abracei-o, incerto já,
E ele chorou sobre o meu ombro.

Nunca acho uma atitude plana
Na vida estúpida e tranquila;
Mas, meu Deus, sinto a dor humana!
Nunca me tires o senti-la!

28-3-1934

26

Durmo a vida. Que fazer
Ao que terei que perder?
Durmo-a, sonhando e acordando,
E nada crendo nem dando.

Mas entre o sonho e a vida
Qualquer coisa, que é escondida,
Sem se mostrar aparece
Ao que em mim a vê e a esquece.

E assim minha alma cansada
Guarda memória de nada,
E espera confiadamente
Num passado que pressente.

Se depois desperto e lido
Com o mundo e o seu olvido,
Quero só

28-3-1934

27

O Chaga

Foste sempre uma bodega —
Bêbado, porco, ferida
Que nem a ser chaga chega...
Mas bodega é toda a vida.

Anda tudo sujo e grosso
Sob frases simples ou raras,
E é chaga este corpo nosso
A que a saúde põe saras.

Morreste? Que é isso? Nada!
Morrem as fés e os sóis.
Que é a vida que nos é dada?
Taberna à beira da strada...
(Quanta vez bebemos dois!)

31-3-1934

Cismo, remoto da calma
Em que de sentir-me vou,
Não sei quem é a minha alma
Nem ela sabe quem sou.

28

Entendê-lo? Tardaria.
Explicá-lo? Não.

E neste mal entendido
Entre quem sou e o que é eu
Vai todo um outro sentido
Que está entre a terra e o céu.

No intervalo nasce o mundo
Com sóis e estrelas sem fim.
Tem um sentido profundo.
Conheço-o. É fora de mim.

31-3-1934

As fadas dançam no ermo
Sem ninguém as poder ver —
Nessa clareira sem termo
Que é cercada de esquecer...

29

Danças num ritmo diverso
Do que a vida faz e canta,
Que é um poema sem ter um verso
E sem se ouvir nos encanta.

Tal é a dança que a aragem
Interrompe e nos vem dar.
É só ruído da folhagem?
O que fiz foi uma viagem
Ou só não querer sonhar?

31-3-1934

30

Sim, por fim certa calma...
Certa ciência antiga, sentida
Na substância da vida,
De que não há acabar da alma,
Qualquer que seja a estrada que é seguida...

Fiel visão?
Crença de muitos? Não,
Que o que sinto tem diferença.
É uma vida, não uma crença...
Não é pele: é o coração.

Sol que atingiste o ocidente,
Sei que outro te tornarei a ver —
Um outro e o mesmo no oriente.
Tudo é ilusão, mas nada mente,
O Nada que é tudo é o Ser.

31-3-1934

Boiam farrapos de sombra 31
Em torno ao que não sei ser.
É todo um céu que se escombra
Sem me o deixar entrever.

O mistério das alturas
Desfaz-se em ritmos sem forma
Nas desregradas negruras
Com que o ar se treva torna.

Mas em tudo isto, que faz
O universo um ser desfeito,
Guardei, como a minha paz,
A sprança, que a dor me traz,
Apertada contra o peito.

3-4-1934

Verdadeiramente 32
Nada em mim sente.
Há uma desolação
Em quanto eu sinto.
Se vivo, parece que minto.
Ao coração.

Outrora, outrora
Fui feliz, embora
Só hoje saiba que o fui.
E este que fui e sou,
Margens, tudo passou
Porque flui.

6-4-1934

33

Vem uma voz pela bruma,
Vem pela bruma a falar.
Não me diz cousa nenhuma
Sei ouvi-la sem escutar.

É a voz antiga e perdida
Que diz sempre ao coração
Que não é nada esta vida
Que todo esforço é em vão.

Nafraga em ser toda intuito.
Morre em passar todo passo.
O que queremos é muito,
O que obtemos só chega.

Chega e vê que há somente
No cais aonde amarramos
A ausência de toda a gente
E a chegada que lhes damos.

E assim, inúteis do acaso,
Senhores do nada ser,
Cantamos o nosso caso,
Poetas, ao entardecer.

6-4-1934

34

O que é vida e o que é morte
Ninguém sabe ou saberá
Aqui onde a vida e a sorte
Movem as cousas que há.

Mas, seja o que for o enigma
De haver qualquer cousa aqui,

Terá de meu sempre o stigma
Da sombra em que eu o vivi.

10-4-1934

Sabes quem sou? Eu não sei —
Outrora, onde nada foi
Fui o vassalo e o rei.
É dupla a dor que me dói.
Duas dores eu passei.

35

Fui tudo que pode haver.
Ninguém me quis igualar;
E entre o pensar e o ser
Senti a vida passar
Como um rio sem correr.

12-4-1934

Tenho escrito muitos versos,
Muitas cousas a rimar,
Dadas em ritmos diversos
Ao mundo e ao seu olvidar.

36

Nada sou, no fim de tudo.
Quanto escrevi ou pensei
É como o falar de um mudo —
«Amanhã eu te direi»

E isto só por gesto e esgar,
Feito de nadas e dedos
Como uma brisa ao passar
Por onde havia arvoredos.

12-4-1934

37 Renega, lápis partido,
Tudo quanto desejei.
E vem deslizar sem ruído
Para onde nunca irei.

Pajem metido em farrapos
Da glória que outros tiveram,
Poderei amar os trapos
Por ser tudo que me deram.

E, irei, príncipe mendigo,
Colher, com a boa gente,
Entre o ondular do trigo
A papoila inteligente.

12-4-1934

38 Acordo, chasco de quem me supus
E um vago frio do que fora mágoa
Se as lágrimas não fossem mais do que água
Tocada vagamente pela luz,
Entorpece um momento
Meu pensamento.

Mas volto a mim, e novamente dorme
O que em mim foi o rei de eu existir.
Que coisa enorme o mundo, que faz rir
Só porque deveras é uma coisa enorme.
Nada desentorpece
O que em mim esquece.

12-4-1934

Se eu me sentir sono
E quiser dormir,
Naquele abandono
Que é o não sentir,

39

Quero que aconteça
Quando eu estiver
Pousando a cabeça
Não num chão qualquer,

Mas onde sob ramos
Uma árvore faz
A sombra em que achamos
A sombra da paz.

20-4-1934

A Igreja materna cobriu como uma redoma
Meus dias serenos.
Chamo-lhe agora, com razões, a Igreja de Roma.
Sei mais ou sou menos?

40

Kabalas, gnoses, mistérios, maçonarias
Tudo tive na mão
Na busca ansiosa que enche minhas noites e dias.
Mas nunca o meu coração.

De que fui deserdado pela verdade?
A maçã diabólica
Comi-a, e sou outro, mas quanto?! Oh a saudade
Da Igreja Católica!

Qualquer cousa de mim quebrou-se, como uma mó
Que caísse mal.
Em pequeno eu seguia, magnanimamente só
Sem nada fatal.

20-4-1934

41 Na paz da noite, cheia de tanto durar,
Dos livros que li
Que eu li a sonhar, a sentir, a mal meditar,
Nem vendo que os vi,

Ergo a cabeça subitamente estonteada
Do lido e do vão
De ler e vejo que há paz na noite acabada —
Não no meu coração.

Criança, era outro... Naquele em que me tornei,
Cresci e esqueci.
Tenho de meu agora um silêncio, uma lei.
Ganhei ou perdi?

[1934]

42 Onde, em jardins exaustos
Nada já tenha fim,
Forma teus fúteis faustos
De tédio e de cetim.
Meus sonhos são exaustos,
Dorme comigo e em mim.

[1934]

Toda beleza é um sonho, inda que exista. 43
Porque a beleza é sempre mais do que é.
Tua beleza vista
Não está de mim ao pé.

Dista de mim o que em ti vejo, mora
Onde sonho. Se existes, não o sei
Senão porque é agora
Aquilo que sonhei.

A beleza é uma música que, ouvida
Em sonhos, para a vida transbordou.
Mas não é bem a vida:
É a vida que sonhou.

22-4-1934

Tudo que sou não é mais do que abismo 44
Em que uma vaga luz
Com que sei que sou eu e incerto cismo
Obscura me conduz,

Um intervalo entre não-ser e ser
Feito de eu ter lugar,
Como o pó, que se vê o vento erguer,
Vive de ele o mostrar.

22-4-1934

Tudo se vai ajustando 45
Ao fim que terá que ser.
Sem ação, aguardo e espero.
Férias: só o vento brando

Enche de nada o que quero,
Toca de bem o que vier.

Depois da curva da estrada,
Da jornada sem razão,
Terei o conhecimento
De quanto havia de nada
Em meu pleno pensamento
E minha inteira emoção.

E então, livre do Destino
Cujo poder entrou
O que fui sem que existisse,
Entoarei o meu hino
Ao Deus que me deu que visse
Que não sou esse que sou.

22-4-1934

46

Flui, indeciso na bruma,
Mais do que a bruma indeciso,
Um ser que é cousa nenhuma
E a quem nada é preciso —

Quer somente consistir
No nada que o cerca ao ser,
Um começo de existir
Que acaba antes de o ter.

É o sentido que existe
Na aragem que mal se sente
E cuja essência consiste
Em passar incertamente.

26-4-1934

Sangra-me o coração. Tudo que penso
A emoção mo tomou. Sofro esta mágoa
Que é o mundo imoral, regrado e imenso,
No qual o bem é só como um incenso
Que cerca a vida, como a terra a água.

Todos os dias, oiça ou veja, são
Misérias, males, injustiças — quanto
Pode afligir o estéril coração.
E todo anseio pelo bem é vão,
E a vontade tão vã como é o pranto.

Que Deus duplo nos pôs na alma sensível
Ao mesmo tempo os dons de conhecer
Que o mal é a vida, o natural possível,
E de querer o bem, inútil nível,
Que nunca assenta regular no ser?

Com que fria esquadria e vão compasso
Que invisível Geómetra regrou
As marés deste mar de mau sargaço —
O mundo fluido, com seu tempo e spaço,
Que ninguém sabe como se criou?

Mas, seja como for, nesta descida
De Deus ao ser, o mal teve alma e azo;
E o Bem, justiça espiritual da vida,
É perdida palavra, substituída
Por bens obscuros, fórmulas do acaso.

Que plano extinto, antes de conseguido,
Ficou só mundo, norma e desmazelo?
Mundo imperfeito, porque foi erguido?
Como acabá-lo, templo inconcluído,
Se nos falta o segredo com que erguê-lo?

O mundo é Deus que é morto, e a alma aquele
Que, esse Deus exumado, refletiu
A morte e a exumação que houveram dele.
Mas stá perdido o selo com que sele
Seu pacto com o vivo que caiu.

Por isso, em sombra e natural desgraça,
Tem que buscar aquilo que perdeu —
Não ela, mas a morte que a repassa,
E vem achar no Verbo a fé e a graça —
A nova vida do que já morreu.

Porque o Verbo é quem Deus era primeiro,
Antes que a morte, que o tornou o mundo,
Corrompesse de mal o mundo inteiro:
E assim no Verbo, que é o Deus terceiro,
A alma volve ao Bem que é o seu fundo.

26-4-1934

48

Vem brando o vento quieto
Do fundo da terra e sonho.
Há um sossego completo
No que vejo e que suponho.

Sem ser na brisa, que é nada,
Só na erva mais alta há bem
Um movimento; e agrada
A maneira que ele tem.

E como se nesta calma
Surgisse um mover somente
Para nele sentir a alma
Como o sossego se sente.

3-5-1934

Nesta grande oscilação
Entre crer e mal descrever
Transtorna-se o coração
Cheio de nada saber;

49

E, alheado do que sabe
Por não saber o que é,
Só um intento lhe cabe,
Que é o conhecer a fé —

A fé, que os astros conhecem
Porque é a aranha que está
Na teia que todos tecem,
E é a vida que neles há.

5-5-1934

Sup. Inc.

52

Nunca os vi nem lhes falei
E eles me têm guiado
Segundo a forma e a lei
Do que, inda que conhecido,
Tem que ficar ignorado.

Nunca li o livro ocluso
Nem vi o túmulo aberto,
Mas, em meu claustro recluso,
Vendo o céu só pela luz,
Senti a verdade perto.

Não foi o Mestre incorrupto
Nem O que foi exumado
Que me fez negar o fruto

Que guarda em seus quatro gomos
O segredo do pecado.

Mãos do meu Anjo da Guarda,
Que bem guiais, como dois,
O meu ser que teme e tarda,
Postas firmes nos meus ombros
Sem que eu saiba de quem sois!

Vou pela noite infiel
Sentindo a aurora raiar
Por trás do alguém que me impele;
Mas já adiante de mim
Vejo o dia a se espelhar.

9-5-1934

53

Tudo que sinto, tudo quanto penso,
Sem que eu o queira se me converteu
Numa vasta planície, um vago extenso
Onde há só nada sob o nulo céu.

Não existo senão para saber
Que não existo, e, como a recordar,
Vejo boiar a inércia do meu ser
No meu ser sem inércia, inútil mar.

Sargaço fluido de uma hora incerta,
Quem me dará que o tenha por visão?
Nada, nem o que tolda a descoberta
Com o saber que existe o coração.

9-5-1934

Onda que, enrolada, tornas,
Pequena, ao mar que te trouxe,
E ao recuar te transtornas
Como se o mar nada fosse,

54

Porque é que levas contigo
Só a tua cessação,
E, ao voltar ao mar antigo,
Não levas meu coração?

Há tanto tempo que o tenho
Que me pesa de o sentir.
Leva-o no som sem tamanho
Com que te oiço fugir!

9-5-1934

Montes, e a paz que há neles, pois são longe...
Paisagens, isto é, ninguém...
Tenho a alma feita para ser de um monge
Mas não me sinto bem.

55

Se eu fosse outro, fora outro. Assim
Aceito o que me dão,
Como quem espreita para um jardim
Onde os outros estão.

Que outros? Não sei. Há no sossego incerto
Uma paz que não há.
E eu fito sem o ler o livro aberto
Que nunca mo dirá.

9-5-1934

Neste mundo em que esquecemos
Somos sombras de quem somos
E os gestos reais que temos
No outro em que almas vivemos
São aqui esgares de gnomos —

Tudo é noturno e confuso
No que entre nós aqui há:
Projeções, fumo difuso
Do lume que brilha ocluso
Ao olhar que a vida dá.

Mas um ou outro, um momento
Olhando bem, pode ver
Na sombra o seu movimento
Qual no outro mundo é o intento
Do gesto que o faz viver,

E então encontra o sentido
Do que aqui está a esgarar
E volve ao seu corpo ido,
Imaginado e entendido,
A intuição de um olhar.

Sombra do corpo saudosa,
Mentira que sente o laço
Que a liga à maravilhosa
Verdade que a lança, ansiosa,
No chão do tempo e do espaço.

9-5-1934

Foi um momento
O em que pousaste
Sobre o meu braço,
Num movimento
Mais de cansaço
Que pensamento,
A tua mão,
E a retiraste.
Senti ou não?

Não sei. Mas lembro
E sinto ainda
Qualquer memória
Fixa e corpórea
Onde pousaste
A mão que teve
Qualquer sentido
Incompreendido,
Mas tão de leve...

Tudo isto é nada,
Mas numa estrada
Como é a vida
Há muita coisa
Incompreendida.

Sei eu se quando
A tua mão
Senti pousando
Sobre meu braço
E um pouco, um pouco,
No coração,
Não houve um ritmo
Novo no espaço?

Como se tu
Sem o querer
Em mim tocasses
Para dizer
Qualquer mistério
Súbito e etéreo
Que nem soubesses
Que tinha ser.

Assim a brisa
Nos ramos diz
Sem o saber
Uma imprecisa
Coisa feliz.

9-5-1934

58

Cessa o teu canto!
Cessa, que enquanto
O ouvi, ouvia
Uma outra voz
Como que vindo
Nos interstícios
Do brando encanto
Com o que o teu canto
Vinha até nós!

Ouvi-te e ouvi-a
No mesmo tempo
E diferentes
Juntas cantar.
E a melodia
Que não havia
Se agora a lembro
Faz-me chorar.

Foi tua voz
Encantamento
Que sem querer
Nesse momento
Vago acordou
Um ser qualquer
Alheio a nós
Que nos falou?

Não sei. Não cantes!
Deixa-me ouvir
Qual o silêncio
Que há a seguir
A tu cantares.

Ah, nada, nada.
Só os pesares
De ter ouvido,
De ter querido
Ouvir além
Do que é o sentido
Que uma voz tem.

Que anjo, ao ergueres
A tua voz
Sem o saberes
Veio baixar
Sobre esta terra
Onde a alma erra
E com as asas
Soprou as brasas
De ignoto lar?

Não cantes mais!
Quero o silêncio
Para dormir
Qualquer memória
Da voz ouvida
Desentendida
Que foi perdida
Por eu a ouvir.

9-5-1934

59

Tenho a verdade na algibeira.
Nasci nu, mas, quando vesti
Adulto qualquer coisa inteira —
Um fato, um ritmo, o que vivi —
Fiquei feito de outra maneira

Fiquei senhor do que não sou.
Fiquei meu fato.

18-5-1934

60

Voam gaivotas rente ao chão.
Dizem que é chuva a ir chegar.
Mas não, neste momento não:
São só gaivotas rente ao chão
Só a voar.

Assim também se há alegria
Dizem que diz que a dor nos vem.
Talvez. Que importa? Se este dia
Tem aqui a sua alegria,
Que é que a dor tem?

Nada: só o rastro do futuro.
Quando vier, ficarei triste.
Por ora é o dia bom e puro.
Hoje o futuro não existe.
Há um muro.

Goza o que tens, ébrio de seres!
Deixa o futuro onde ele está.
Poemas, vinho, ideais, mulheres —
Seja o que for, se é o que há,
Há para o teres.

Mais tarde... Mas mais tarde sê
O que o mais tarde te for dando.
Por ora aceita, ignora e crê.
Sê rente à terra, mas voando,
Como a gaivota é.

18-5-1934

No fim do mundo de tudo
Há grandes montes que tem
Ainda aléns para além —
Um grande além mago e mudo.

61

São paisagens escondidas
Que são o que a alma quer.
Ali ser, ali viver
Vale por vidas e vidas.

Todos nós, que aqui cansamos
A alma com a negar,
Num momento de sonhar
Ali somos, ali estamos.

Mas, depois, volvidos onde
Há só a vida que há
Vemos que ante nós está
Só o que vela e que esconde.

Só dormindo os horizontes
Se alargam e há a visão
Dos montes que ao fundo estão
E o sonho do além dos montes.

19-5-1934

62

Soa na noite um grito involuntário,
Assassinaram quem nunca existiu.

25-5-1934

63

O a quem tudo é negado
Tem o mundo por fado,
O a quem ninguém ama
Tem a vida por chama.
Esse a quem tudo falta,
Por baixo, a alma é alta.

São muitos os caminhos
E alheios os vizinhos!
São largas as estradas
E as distâncias erradas,
Mas sempre sobra à alma
A fé que a faça calma.

Assim, sem spada ou lança,
Vou, como uma criança
Pela estrada cantando
Porque vou confiando.
Vou sem medo e sem frio
Nem sei em que confio.

25-5-1934

O céu, azul de luz quieta...
As ondas brandas a quebrar
Na praia lúcida e completa —
Pontas de dedos a brincar...

64

No piano anónimo da praia
Tocam nenhuma melodia,
De cujo ritmo por fim raia
Todo o sentido deste dia.

Que bom se isto satisfizesse!
Que certo, se eu pudesse crer
Que esse mar e essas ondas e esse
Céu têm vida e têm ser.

29-5-1934

Auto do Circo

65

Era mouco, mouco, mouco.
Sabia sem entender
Muito pouco, pouco, pouco
Do pouco que há que saber.

E por isso, isso, isso
Sabia tudo de cor,
Porque é nisso, nisso, nisso
Que está o saber sem dor.

E assim indo, indo, indo,
Chegou a ministro enfim,
Porque é lindo, lindo, lindo
O ter um saber assim.

Pim!

2-6-1934

66

A lenda dourada e linda
Que me contaram outrora,
Em minha alma dorme ainda
Mas é outra lenda agora.

Antigamente falava
De fadas, elfos e gnomos;
Hoje fala só da escrava
Indecisão que nós somos.

Mas elfos, gnomos e fadas,
Vistos certos, que mais são
Que as projeções enganadas
Dessa nossa indecisão?

Criamos o que não temos
Por nos doer não o ter,
E quási tudo que vemos
É o que ansiamos por ver.

Depois, cansados daquela
Visão que viu só o nada,
Fechamos toda janela,
Ficamos na alma fechada.

Mas inda esses entes todos
Que outrora eram visão,
Bailam mesmos, e inda a rodos,
Mas dentro do coração.

9-6-1934

«Porque gastas tempo em sonhos?»
Em que melhor o gastar?
Sonhos, enfim, são risonhos,
E fazem-nos não pensar.

67

O tempo que sonho passa
Pelo teor dos meus dias
Como o sol pela vidraça.
As sombras são sempre frias.

[circa 10-6-1934]

Aquele constrangimento
Que vem de nos entendermos
Somente no pensamento,
Sem nada dele dizermos,

68

Liga-nos e nos separa,
Faz-nos atados se sós;
E nunca há uma vida clara
Ou entendida entre nós.

Assim não nos entendemos
Porque havia que entender,
E esta vida perderemos,
Complexos de o mal saber.

11-6-1934

69

Esse momento
Do teu olhar
Trazia qualquer pensamento...
Fez-me cismar,
Desatento.

Outro e outra
Seria
Não esta neutra
Cousa vazia,
Mas a verdade.

Sim, mas há sempre
No que se evita,
Inda que contra
Nossa vontade,
Uma esquisita
Serenidade.

11-6-1934

70

Só por ver passar um carro
Quando não reparo nele
De mim mesmo me desgarro,
Com meu pensamento esbarro
E vejo que não sou ele.

Meus olhos fitam, reclusos,
A carroça que passou.
Tudo tem fins e tem usos.
E fecho à chave os abusos
A que não ver me obrigou.

11-6-1934

Houve um ritmo no meu sono.
Quando acordei o perdi.
Porque saí do abandono
De mim mesmo, em que vivi?

71

Não sei que era o que não era.
Sei que suave me embalou,
Como se o embalar quisera
Tornar-me outra vez quem sou.

Houve uma música finda
Quando acordei de a sonhar.
Mas não morreu: dura ainda
No que me faz não pensar.

11-6-1934

Por trás da torre o luar
Faz a torre uma outra torre.
A voz alegre a cantar
É-me triste, de a escutar,
Pois sei que quem canta morre.
Tenho pena de sentir
Porque sentir é pensar.

72

A torre é negra e esplendente.
A lua oculta por ela
E um halo de luz ausente.
Meu coração é dormente:
Cisma sentado à janela.
Tenho pena de pensar
Porque quem pensa não sente.

13-6-1934

73

Quem me amarrou a ser eu
Fez-me uma grande partida.
Debaixo deste amplo céu,
Não tenho vinda nem ida.
Sou apenas um ser meu.

Nem isso... Anda tudo à volta
A retirar-me de mim.
Parece uma fera à solta
Este mundo que anda assim
A servir-me de má escolta.

Quando encontrar a verdade
Hei de ver se hei de fugir,
Pelo menos em metade.
Depois ficarei a rir
Da minha tranquilidade.

16-6-1934

Reli, como quem lê uma obra alheia, 74
O que escrevi nessa distância minha
De jovem, a de que a alma ficou cheia
Porque foi o melhor que a alma tinha;

Reli, e desconheço quem foi poeta
Nessa ocasião em que esplendia absorto,
E o que sou hoje é uma nódoa preta
Sobre o chão limpo desse poeta morto.

Reli; nem saberei que é que fui
Quando fui o poeta que não sou...
Não sei que rio por minha alma flui;
Sei que trouxe minha alma e a levou.

23-6-1934

Céu alto, que astros revelam 75
Entre as nuvens que não são
Mais que os nadas que o não velam,
Que sombras minha alma estrela?
Que noite é o meu coração?

23-6-1934

Tambor da banda que não há 76
Toca sempre, toca já,
Toca duro, toca louco,
Toca achando sempre pouco

O que tocas — tão, tão, tão,
Toca, que tocar é vão!

Toca até partir quem és
E que ao tom que em ti houver
Dançam outros — é sua vez! —
Toca, que é o teu dever!

Toca! Tão, tão, tão, tão,
Toca, que és meu coração!

[23-6-1934]

77

Pobre de tudo, exceto de o saber,
Volvo atrás para ler
Aquele anúncio à porta da morada
Do regedor do Nada
Onde se diz que alguém perdeu na rua
Uma alma que era sua,
E quem a achasse que a trouxesse ali
Onde o anúncio vi.
Encontrei-a, escondi-a, não a dei
Por achada ante a lei.
Mas sofro a dor de não poder saber
Dela o que hei de fazer,
Que ter uma alma a mais faz pena e dó;
São dois a um estar só.

[23-6-1934]

78

Entre nuvens casuais
Brilham astros ao acaso,
Nos desníveis desiguais
De não haver nada mais
Que nuvens num lento atraso.

Não há vento que se sinta
Mas as lentas nuvens vão
Pela noite, na indistinta
Passagem que vaga pinta
Sombras brancas no céu vão.

Não há vento... Não há nada...
Mas passam as nuvens e há
Em minha alma fruste e errada
Qualquer certeza enganada,
Qualquer dor que lá não está.

É talvez uma tristeza
Que como as nuvens existe
Só porque passam e nem lesa
A alma, nem tem beleza,
Nem é mais do que ser triste.

[23-6-1934]

Parte-te contra a parede,
Coração que ninguém quer!
Alma com fome e com sede
Só do que não pode haver
O que te há de suceder?

79

Cai no lixo e fica lá,
Anseio que és somente
De ir buscar o que não há
Onde os não há não são gente!
Quebra-te, coisa que sente!

23-6-1934

80

Durmo só por cansaço,
Não por um sono meu,
E há um vago, abstrato, laço,
Fora de tempo e espaço
Com que alguém me prendeu...

Pareço estar suspenso
Num abismo de mim —
E acho tudo o que penso
Feito de um corpo denso
A coisa alguma afim.

23-6-1934

81

Um sorriso de criança,
Um ar brando entre arvoredo...
E há uma súbita mudança
No que em mim tem mal e medo...

Tenho todas as doenças...
Tenho vômitos de tudo...
Não tenho força nem crenças:
Meu pensamento está mudo...

Sim, mas o bebé sorriu
E a brisa correu tão bem
Que nada disso existiu
E a vida é o que a vida tem.

23-6-1934

É sono? É sonho? É ver? 82
Não sei, nem sei saber..
Há um sol negro no fundo
Do que me sinto ser
E em torno gira o mundo.

23-6-1934

O cão que veio do abismo 83
Roeu-me os ossos da alma,
E erguendo a perna — o que eu cismo —
Mijou no meu misticismo
Que me dava a minha calma.

O cão veio de onde dorme
Aquele anseio que tenho
Por qualquer coisa de enorme
Que indistintamente forme
A forma de quanto estranho.

E depois de isso completo
O cão que veio do abismo
Que estava inteiro e repleto
Fez sobre tudo o dejetos
Que é hoje o meu misticismo.

24-6-1934

Pouco me falta para ser quem sou. 84
Basta morrer. E vou
Para a morte a sorrir como quem vai
Para casa; e o atraí

A ideia, sem saber se a casa é
Como era, mas tem fé.
Há sempre qualquer coisa de materno
Naquele mundo interno

Que é o lar original, o não ter já
Este caminho que há,
Chamando a vida, o leito antigo
Por detrás do postigo.

2-7-1934

85

Quando eu morrer e tu fores,
Ó prado, o que já não sei,
Haverá prados melhores
Para o melhor que eu serei.

E as flores que aqui são belas
Nos campos que vejo aqui,
Com cores serão estrelas
Nos vastos campos de ali.

E talvez meu coração
Vendo essa outra natureza
Mais natural que a visão
Que aqui nos mentiu certeza,

Possa, como ave que pouso
Por fim num ramo, sentir
Como era nenhuma cousa
Esse voo de existir.

2-7-1934

1

86

Sonho sem fim nem fundo.
Durmo, fruste e infecundo.
Deus dorme, e é isso o mundo.

Mas se eu dormir também
Um sono qual Deus tem
Talvez eu sonhe o Bem —

O Bem do Mal que existo.
Esse sonho, que avisto
Em mim, chamo-lhe o Cristo.

2

Não foi em cruz erguida
Num calvário da vida,
Mas numa Cruz vivida

Que foi crucificado
O que foi, em seu lado,
Por lança golpeado.

E desse coração
Água e sangue virão,
Mas a Verdade não...

3

Só quando já, descido
De aonde foi subido
Para ser escarnecido,

Seu corpo for baixar
Onde se há de enterrar
O haverei de encontrar.

Água o seu ser ausente,
Sangue o que há de presente
Na ausência, eternamente.

4

Desde que o mundo foi
No mundo à alma dói
O que ao mundo destrói.

Desde que a vida dura
Tem a vida a amargura
De ser mortal e impura.

E assim na Cruz se pôs
A vida, para que a sós
Seja o melhor de nós.

5

O túmulo fechado
Aberto foi achado
E vazio encontrado.

Meu coração também
É o túmulo do Bem
Que a minha Alma não tem.

Mas há um anjo a me ver
E a meu lado a dizer
Que tudo é outro ser.

2-7-1934

Eram vadios todos
Andavam na floresta
Sem motivo e sem modos
E a razão era esta —

87

Que andando iam cantando
O que não pude ser,
Nesse tom mole e brando
Como um anoitecer

Em que se canta quanto
Nada há nem é e dói.
Sentiam nisso o encanto
De tudo quanto foi.

[post 2-7-1934]

Já me não pesa tanto o vir da morte.
Sei já que é nada, que é ficção e sonho,
E que, na roda universal da Sorte,
Não sou aquilo que me aqui suponho.

88

Sei que há mais mundos que este pouco mundo
Onde parece a nós haver morrer —
Dura terra e fragosa, que há no fundo
Do oceano imenso de viver.

Sei que a morte, que é tudo, não é nada,
E que, de morte em morte, a alma que há
Não cai num poço: vai por uma estrada.
Em Sua hora, e a nossa, Deus dirá.

6-7-1934

89 Era um bêbado sem fim...
 Olhava claro pra mim
 Com um olhar sem olhar
 Que parecia chorar,
 E erguia o copo a tremer
 À boca, num só beber...

 Pobre diabo! Pois sim
 Mas que me acontece a mim
 Melhor que a ele, que a alçar
 O copo, tremia no ar?
 Bêbado de nada ser
 Tremo de não perceber.

7-7-1934

90 Não digas nada! Que hás me de dizer?
 Que a vida é inútil, que o prazer é falso?
 Di-lo de cada dia o cadafalso
 Ao que ali cada dia vai morrer.
 Mais vale não querer.

 Sim, não querer, porque querer é um monte
 Posto no horizonte de onde estamos,
 E que nunca atingimos nem achamos,
 Presas locais da ida e do horizonte
 Sem asas e sem ponte.

 Não digas nada, que dizer é nada!
 Que importa a vida, e o que se faz na vida?
 É tudo uma ignorância diluída.
 Tudo é esperar à beira de uma estrada
 A vinda sempre adiada.

Outros são os caminhos e as razões.
Outra a vontade que nos fará seus.
Outros os montes e os solenes céus.

8-7-1934

A casa foi deixada,
A quinta abandonada.
Caiu em abandono
O pomar, como em sono.

91

Pelas ruas da quinta
A razão era extinta.
Pelas veredas da horta
A razão era morta.

Assim se consumou
O que não se acabou
E assim há de ficar
O que houver por achar.

8-7-1934

No Beco do Fala-Só
Falei com outra pessoa.
— Essa é boa!

92

É. Mas o outro era eu
Porque isto sucedeu
No Beco do Fala-Só...

Mas então que há que fazer
De essa fala sem fala,
De esse dizer sem dizer?

Nada; que a vida é uma mó
Que mói a falta de trigo
E que eu falei só comigo
No Beco do Fala-Só.

9-7-1934

93

Beco do Fala-Só..
Quem teria trazido
Do fundo de riso ou dó
Este nome vivido?

Louco? Bêbado? Poeta?
Falava só consigo.
Nessa amplidão completa,
Suficiente e secreta
Do que não tem amigo.

Beco do Fala-Só..
Qualquer alma é assim.
Que eu tenha de mim dó..
Ninguém o tem de mim.

9-7-1934

94

Cor de rosa vago
Do poente,
Meu coração trago
Doente.

Doente de já não
Sentir bem
Qualquer sensação
Que tem.

Poente cor de rosa
Eu te fito
Como a qualquer cousa.
Dormito.

9-7-1934

Lágrimas que não chorei,
Pesais-me no coração.
Não tenho de vós perdão.
Um dia vos chorarei
E serei feliz então.

95

Lágrimas que foram vindo,
Às escondidas, de mim,
Lágrimas sem dor nem fim.
Eu vos chorarei sorrindo
Só por vos chorar assim.

Lágrimas de tudo quanto
Perdi ou não pude ter —
Ou sonhei sem esquecer —
Mal sois mágoa, mal sois pranto
Mas sois meu sonho e meu ser.

9-7-1934

Veio um corvo negro, negro,
Veio um corvo a negrejar,
A dizer-me que a alegria
Vive para além do mar.

96

Vive para além do mar
Onde ninguém pode ir ter.
Veio um corvo negro, negro,
Veio só pra mo dizer.

Mas eu tinha um barco feito
Para fins que não sabia
E vou ir naquele barco
Para onde ninguém iria

E para onde ninguém iria
E por guia eu hei de ter
Esse corvo negro, negro,
Sem que ele o queira ser.

Porque foi ele que disse
Que a alegria por achar
Vive longe, muito longe,
Do outro lado do mar.

11-7-1934

97

Ignoro e espero. Passa no arvoredor
Um vento que o faz mar.
Esse outro modo meu far-me-ia medo
Ou sentir sem pensar.

Agora não. Dá-me um repouso à alma
Em que penso, a sorrir,
E quanto penso é uma lua calma
No céu de eu o sentir.

Ignoro e espero, vagaroso e alheio.
E, ao som que me embalou,
Cada vez mais inteiramente creio
No que durmo mas sou.

11-7-1934

Do fundo do fim do mundo
Vieram-me perguntar
Qual era o anseio fundo
Que me fazia chorar.

98

E eu disse, «É esse que os poetas
Têm tentado dizer
Em obras sempre incompletas
Em que puseram seu ser.»

E assim com um gesto nobre
Respondi a quem não sei
Se me houve por rico ou pobre.

14-7-1934

Tenho em mim como uma bruma
Que nada é nem contém
A saudade de coisa nenhuma,
O desejo de qualquer bem.

99

Sou envolvido por ela
Como por um nevoeiro
E vejo luzir a última estrela
Por cima da ponta do meu cinzeiro.

Fumei a vida. Que incerto
Tudo quanto vi ou li!
E todo o mundo é um grande livro aberto
Que em ignorada língua me sorri.

16-7-1934

100

Quando era jovem, quando tinha pena
Que fazia chorar,
A vida, embora má, era serena
Porque era só sonhar.

Hoje que tenho pena, quando a tenho,
Só por compreender,
A minha vida é como alguém estranho
Que me visita o ser.

Porque a pena, ou a mágoa, ou o cansaço
Que acaso surja em mim
É como alguém que pisa, com mau passo,
Canteiros de jardim.

16-7-1934

101

Dá só treze badaladas
O relógio que não há.
Põe-no nas encruzilhadas
Onde relógio não está.
E ali as horas que dá
Têm treze badaladas.

É o enguiço e o defunto
Que vem da beira do rio

A fazer mal ao assunto
Que era pra tratar a fio.
Ah, meu coração vazio
É que é o enguiço e o defunto.

16-7-1934

Quando deixei de dormir
Ainda havia sonhar
Como um resto de existir.
É como a onda do mar
Que recua e deixa o rir.

102

Quando deixei de ter sono
Nem por isso despertei.
Senti um grande abandono.
Um grande sonho entreguei
De que nunca fora dono.

E fiquei boiando incerto
Entre quem era e quem sou,
De mim nem longe nem perto.
Desperto. Em que sonho estou?
Em que vida estou? Desperto.

16-7-1934

Se toda a gente trabalha,
Porque não trabalhas tu?
Porque a inteligência ralha
Há quem goste de andar nu.

103

E quando o meu pensamento
Se veste de ter vontade
E, roupa, lhe pesa o intento
De alguma veleidade —

O que quer é só despir-se
E de novo regressar
Àquilo que Deus lhe disse,
Põe-te nu a pensar!

16-7-1934

104

Canto a Leopardi

Ah, mas da voz exânime pranteia
O coração aflito respondendo:
«Se é falsa a ideia, quem me deu a ideia?
Se não há nem bondade nem justiça
Porque é que anseia o coração na liça
Os seus inúteis mitos defendendo?

Se é falso crer num deus ou num destino
Que saiba o que é o coração humano,
Porque há o humano coração e o tino
Que tem do bem e o mal? Ah, se é insano
Querer justiça, porque qu'erer justiça
Querer o bem, para que o bem querer?
Que maldade, que □ que injustiça
Nos fez pra crer, se não devemos crer?

Se o dúbio e incerto mundo,
Se a vida transitória
Têm noutra parte o íntimo e profundo
Sentido, e o quadro último da história,

Porque há um mundo transitório e incerto
Aonde anda por incerteza e transição
Hoje um mal, uma dor, e, □, aberto
Um só dorido coração?»

A paisagem de gelo interior
Da vida, misto vão de gozo e dor,
Mas, porque misto, má, e porque má
□
E □ a mente
Contempla em êxtase sem fé nem calma
O abismo que é o mundo para a alma —
O todo — stá □

Assim, na noite abstrata da Razão,
Inutilmente, magoadamente
Dialoga consigo o coração,
Fala alto a si mesma a mente;
E não há paz, nem conclusão
Tudo é como se fora inexistente.

[Julho de 1934]

Essas coisas que escrevi
Quando tinha só vinte anos,
Hoje, hoje, que as reli
Nelas, antigas, não vi
Nenhuns antigos enganos.

105

Meus enganos são de agora.
Quando jovem, via certo.
Hoje é que a minha alma ignora
Porque a emoção foi-se embora
E a inteligência é deserto.

Quem me dera nessa idade
Em que a ciência de dizer
Era uma suavidade,
E eu conheci a verdade
Por nada inda conhecer!

Hoje, que penso, e que sinto
Somente porque pensei,
Vivo dentro de um recinto
Que me aperta como um cinto
Que demasiado apertei.

Então eu era quem era
Sem pensar nem em sentir.
Bom tempo, quem o tivera
Ainda que como hera
A matar-me de cingir!

18-7-1934

106

Depois de te conheceres
Aprende a desconhecer-te

21-7-1934

107

Não sei se é triste
Se é de alegrar
Saber que existe
Sob o luar
Poder sonhar.

Sei só que a lua
Nada me traz

Mas a aura sua
Na água que jaz
Feliz me faz.

Paira um encanto —
Não sei de quê...
E do meu pranto
Que ninguém vê
Fica uma fé.

21-7-1934

Tu, de quem o Sol é sombra,
De quem cadáver o mundo,
Meus passos guia, a que ensombra
O sentir-te, ermo e profundo!

108

Presença anónima e ausente
De quem a alma é o véu,
A meus passos de inconsciente
Dá o consciente que é teu!

Para que, passadas eras
De tempo ou alma ou razão,
Meus sonhos sejam esferas,
Meu pensamento visão.

22-7-1934

Quem sabe se o que pensamos
Não é só o que esquecemos.
Vamos, remando, sob ramos
Do rio, assentes nos remos;

109

E uma visão mais remota
Que as margens e o arvoredo
Torce sem querer a rota
Que se seguia em segredo.

Cada rio tem dois rios,
Por um íamos remando
Sem atenção nem desvios,
Contentes de ir avançando.

Mas quando, tristes e quedos,
Íamos remando a fio,
Sentimos que os arvoredos
Cobriam um outro rio.

26-7-1934

110

Como é por dentro outra pessoa
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo
Com que não há comunicação possível,
Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma
Senão da nossa.
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo.
Mas □

[27-7-1934]

Teu perfil, teu olhar real ou feito,
Lembra-me aquela eterna ocasião
Em que eu amei Semíramis, eleito
Daquela plácida visão.

111

Amei-a, é claro, sem que o tempo e espaço
Tivessem nada com o meu amor.
Por isso guardo desse amor escasso
O meu amor maior.

Mas, ao olhar-te, lembro, e reverbera
Quem fui em quem eu sou.
Quando eu amei Semíramis, já era
Tarde no Fado, e o amor passou.

Quanta perdida voz cantou tão bem
Nos séculos perdidos que hoje são
Uma memória irreal do coração!
Quanta voz viva, hoje de ninguém!

27-7-1934

Qual é aquela canção
Que, em vontade do que sinto,
Procuro, e procuro em vão?
Sempre que a escrevo, me minto.

112

Era melhor não pensar,
Porque assim a cantaria:
Era uma canção a dar
A quem a procuraria.

Hálito breve e desnudo
De uma intenção de dizer.
Falado, calava tudo.
Dito, ficava a esquecer.

27-7-1934

113 Horas, obrigações... Deem-me a eira...
A tarde de verão com o sol fechado

[1934]

114 A lâmpada nova
No fim de apagar
Volta a dar a prova
De estar a brilhar.

Assim a alma sua
Deveras desperta
Quando a noite é nua
E se acha deserta.

Vestígio que ergueu
Seu ser ao lugar
De onde se perdeu...
Nasce devagar!

[3-8-1934]

Vaga saudade, tanto 115
Dóis como a outra que é
A saudade de quanto
Existiu aqui ao pé.

Tu, que és do que nunca houve,
Punges como o passado
A que existir não aprouve.

3-8-1934

Concluso a opalas e ametistas, 116
No fim do haver o fim de tudo,
Virei para o silêncio as vistas
Com que me fiz o nome e o escudo.

Depois, ébrio da glória finda,
Senhor do incógnito lugar,
No dia se sai a noite finda.
Achei a chave por encontrar.

E fruto do infiel disfarce
Onde o silêncio se fechou,
Dei meu sossego ao que me nasce
Do coração que se apagou...

[post 3-8-1934]

Outrora, antes de tempo e espaço, 117
Não sei em que região que houve
Antes que o natural abraço
Do mundo ao nada a Deus aprouve,

Vivi entre astros e mistérios
A vida que me lembra agora
Quando me chegam sons aéreos
Do que o silêncio faz da hora.

E o que o hoje vivo, a pouca vida
Com que me nutro de esquecer,
Cessa como uma coisa ida
Numa vitória instituída
Entre os tambores de morrer.

4-8-1934

118

Não: nada quero, nada vou querer.
Só o silêncio, que me dói saber
Que nada sou nem quero, me vem dar
A sensação de nada desejar.

Bem sei: há rosas em jardins de alguém;
No alto do céu a lua brilha bem;
O amor é jovem sempre, e o fado mudo.
Mas nada quero, pois negar é tudo.

Talvez que noutra clima do mistério,
Sob outro signo de outro ser sidéreo,
Se me abra a porta ou se me mostre a estrada...
Neste momento só não quero nada.

4-8-1934

Sorrio porque sonho, 119
E o sorriso não é
Aquilo que suponho,
Pois nem sequer dei fé

Se sorri de acordar,
Se sorri de dormir
Se sorri de me achar
Assim mesmo a sorrir...

Qualquer coisa haveria
Em sonho ou realidade
À qual eu sorriria
Só por não ser verdade.

4-8-1934

Dá rosas, rosas, a quem sonha rosas! 120
Ou não dê nada, que sonhar é tudo.
As flores naturais e preciosas
São as que eu sonho, transtornado e mudo.

Dá rosas, rosas, só em pensamento,
A quem não tem no mundo mais jardim
Que aquele que há entre o desejo e o intento
E onde haja as rosas que me dás a mim.

4-8-1934

No alto da torre está o relógio, 121
Mais alto ainda o sol está.
Hora a hora um diz meu necrológio
O outro não fala: brilha e há.

Não sei quem mede o tempo aqui:
Se o que dá horas na alta torre
Se o que só alumia, e ri
De alguém poder supor que morre.

4-8-1934

122

Meu coração, se alguém o quis,
Não se lembra de que o queria...
Por isso sou só e feliz.
Pois minha vida é fria.

Mas tenho aonde me aquecer.
Há uma chama involuntária
No fundo ignoto do meu ser.
Que importa a vida, alheia e vária?

4-8-1934

123

Ao som da música adormeço
Sem dormir.
O que fui e o que sou esqueço
Por sorrir

Ao que não há e me é aragem
De som
E que do fundo da viagem
Do nada, é bom.

São uns ventos ao acaso.
Bem sei...
Mas são sonhos, e eu amo o atraso
Do que sonhei.

4-8-1934

No fim do fim de tudo, 124
Onde nada há nem vive,
Um grande ídolo mudo
Está hoje onde estive.

Vão crentes dar-lhe incenso.
Amam-o a ele só.
E o incenso é o que penso,
E o amor é quem eu sou.

Foi num templo esquecido
E num sacrário incerto
Longe de todo ruído
Deste mundo desperto.

4-8-1934

Por mais que a penumbra seja 125
O sentido deste mundo,
A sombra da árvore beija
Meu esquecimento profundo

Sob ela jazo, dormente,
Sonho não star a dormir...
E sigo, anónimo e crente
O que me sinto sentir...

Que sossego sem pensar!
Que sensações sem querer!
E gozo o nada e o ar
Que nada me vem dizer.

4-8-1934

126 Onde quer que o arado o seu traço consiga
E onde a fonte, correndo, com a sua água siga
O caminho que, justo, as calhas lhe darão,
Aí, porque há a paz, está o meu coração.
Bem sei que o som do mar vem de além dos outeiros
E que do seu bom som os ímpetos primeiros
Toldam de ser diverso o natural da hora,
Quando o campo a não ouve e a solidão a ignora.
Mas qualquer cousa falsa e vera se insinua
Nas árvores que são vestígios sob a lua.

5-8-1934

127 Era água corrente.
Não tinha sentido.
Ia lentamente
Com pouco ruído,

Salvo onde uma pedra
Fazia a água dar
Um som bom que medra
Para se apagar...

Assim a emoção
Engana, a sentir,
Nosso coração —
Água sempre a ir.

6-8-1934

O louco endoideceu 128
Por ter tido juízo.
Correu, correu, correu
Até ao paraíso...

Que era só estar cansado
Porque quando se corre
O cansaço é-nos dado
Quando o correr-bem morre.

De aí essa loucura
Do louco com juízo
Que viu a noite escura
E saltando por cima dela
Caiu no paraíso.

6-8-1934

Tive quem me amasse, 129
Tive quem amei.
Hoje em minha face
De quem fui corei.

Tive essa vergonha
De ser hoje e aqui,
O que sempre sonha
E não sai de si,

E de recordar
Que não posso haver
Mais que assim sonhar
O que pude ser.

6-8-1934

130 Névoa... A manhã é névoa e o dia é este...
Que quero eu dele ou ele quer de mim?
Quero que a minha angústia nada ateste
De si, nem de quem quiere um fim...

Quero que a manhã seja como é,
Porque o seria sem o eu querer;
E que eu tenha esse resto vil da fé
Que é querer ainda viver.

6-8-1934

131 Quero, antes que me cesse o dia,
E o sol se apague em noite minha,
Ter ainda uma plácida alegria,
Que em mim coroarei a rainha —

A de, a uma mesa de taberna,
Com os que foram camaradas
Da minha boa companhia externa,
Comer umas coisas assadas,

E, ao som interior do vinho,
Rir com eles, sem ter talento,
Ante a porta entreaberta, onde adivinho
O frio do último vento.

6-8-1934

132 Música, ao contrário de tudo...
Cá fora a vida — noite e luar...
E eu, a ouvir e a sonhar,
O irmão ausente e mudo
De quanto amei e tive que deixar...

Sim, música, o cruel avesso,
Suave, contudo, de sentir
Que quanto mais eu quero ir
Para onde tudo vejo e esqueço,
Mais pesa em mim a ausência de o fruir..

Música, sim, música, um lago
Em silêncio sob o luar
E só o prazer de o olhar
Naquele vestígio de afago
Que do sentir faz modo de pensar..

Música, sempre música: dá
Mais que sentir ao coração...
Não me deixes só a emoção...
Não há, nada há — nada há...
Dá-me um aceno que seja só perdão...

Música! E cessa porque tudo
Cessa... E há só a noite e o luar...
E eu, despertando de sonhar,
Jazo, contemplativo e mudo,
E nem do que sabia me sei lembrar.

6-8-1934

Soam doze horas. É o fim...
E é o princípio de outro dia!...
Ó coração, aprende assim
Que a vida, que se sente em mim,
Quando acabar é que principia...

133

Não há morte. E o som breve e lento
Do relógio a dar horas que há
Tem só a corda, sem alento.
Não conta com o pensamento
Nem com as horas que haverá.

6-8-1934

134

A criança e o seu brinquedo
São, ao meu olhar de dó —
Um dó de saudade e medo —
Uma coisa só:

A dupla fragilidade
Da inocência e do fingir
São uma e outra metade
Da vida a sorrir.

Deus te mate sem demora,
A morte te leve cedo
Antes que a vida ou a hora
Te quebre a alma que ignora
Ou o brinquedo!

6-8-1934

135

Ah, como eu quereria
Ser como aqueles em quem
A inspiração é já poesia
E a forma toda a alma tem!...

Meu mestre Camilo Pessanha!
Como sentias? Por que modo

O que em ti é matéria estranha
Era teu natural, teu todo?

Ninguém sabe. E teus versos são
Como o que passa no sonhar
E que é melhor que uma visão
Sem que haja de que despertar.

7-8-1934

Bem sei... Um leve sorriso
Que, porque tardou,
Ficou mais impreciso
Do que ficou...

136

Um intervalo: sentir
E saber que se sente,
Fá-lo a sorrir
Quem é inteligente.
Mas quem é só gente

Sente deveras mágoa
Por aquele sorriso
Não ser senão como a água,
O Impreciso...

7-8-1934

O pavão no parque morto
Sobrevive a quem viveu.
Abre a cauda, bruto e absorto,
Sob o silêncio do céu.

137

E a sua cauda espalhada
É o indício resignado
De que a vida não é nada
Mas tem um leque mostrado.

7-8-1934

138

Como criança, ou como condenado,
Livre de culpa ou cheio de pecado,
Dorme teu ser cansado.

Quem dorme, porque é nada e é ninguém,
E sua essência de dormente tem
Direito a qualquer bem.

Ao menos à renúncia e ao perdão
Que, ambos, vestígios ignorados são
De uma maior visão.

Quem dorme é inocente e volta a ser
O que em criança foi sem perceber —
O que sonha sem ter...

Dorme. Inda que te odiasse, nesta hora
Nada em mim odiaria, que a pastora
As idas reses chora...

Sim: há um monte para além de aqui
Onde um rebanho pasce, e ali, ali,
Esta vida sorri.

7-8-1934

Quem fez de mim aquilo que hoje sou? 139
Que força estranha, oculta dentro em mim,
No que nunca quis ser meu ser fixou?
Fosse qual fosse, sou quem é assim.

Os vestígios do último remorso
Ergueram asas de onde estou sonhando,
E o meu ser é como um bandido corso
Que a polícia de França vai caçando.

7-8-1934

Que bebedeira! Mas no fundo 140
Há quem eu sou...
Uma visão anónima do mundo
Visto de onde estou.

Que bebedeira! Mas que bem que vejo
Todos perder
Aquele antigo e natural ensejo
Que os faria viver...

Que bebedeira... Mas os outros são
Mais bêbados do que eu...
Porque trazem nas mãos o coração
E perguntam se é seu...

7-8-1934

Anos e anos do que não foi eu 141
Vivi recluso no ser que era o meu.
Anos e anos de quem nunca fui
Vivi submisso do meu ser que flui.

Agora, que a viagem é regresso
Ao que deveras sou, deveras peço
Que eu tenha num momento da viagem
Remorsos de mim mesmo ou da paisagem.

Porque, por muito que se a alma tenha
Afastado do mar que as praias banha
Da sua solidão universal,
Volta, de noite, sem que o luar venha,
Ali, num passo antigo e natural.

8-8-1934

142

Como um grande rochedo debruçado
Sobre o mar,
Sobre meu ser anónimo e agitado
Stou a pensar...

Vejo a emoção que como uma onda deita
Orlas a rir
Numa minúscula mistura feita
Para se ouvir...

Vejo a vontade, como um som de vento
Fazer erguer
A spuma inútil, a emoção,
Para se ver...

E sempre forte, sobranceiro e inútil
O rochedo à
Praia que vê dá a proteção fútil
Do que só está.

8-8-1934

Estou cheio de tédio, de nada. Estendido na cama 143
Leio, com uma minuciosidade atômica,
Lentamente, com uma atenção sem chama,
A Nova Enciclopédia Maçónica.

Penso no que fui (não me escapam as entrelinhas),
E o que a minha alma quis e a minha vida fez
Cai-me, como a uma senhora um carrinho de linhas,
No meio do Grau 32 do Rito Escocês.

O que quis de grande qualquer brisa o esfolha,
O que pude de oculto teve a tempo medo;
E olho a sorrir o título ao alto da folha:
Sublime Príncipe do Real Segredo...

8-8-1934

Passa um silêncio sobre a erva alta. 144
Cessam seus topos de cabecear...
O vento esconde-se, e a sua falta
Dá uma tristeza ao ar.

Assim quando cessou o sentimento
Que fez mover os cimos do meu ser
Não se me melhorou o pensamento
E fiquei sem querer.

Vento que dormes, ergue-te e caminha!
Emoção tarda, sente-te e revive!
E a erva volta à comoção que tinha
E eu ao amor que tive...

8-8-1934

145 No silêncio da noite te chorei...
Eu, que já te esquecera...
Inevitável rei
De um povo feito de cera.

Sim, dono só de falsos
Entre os quais, régio, ergui,
Prolixos cadafalsos
Para ninguém morrer ali.

E aí fui eu buscar essa emoção
E ali a encontrei
Com que, sem coração,
No silêncio da noite te chorei.

8-8-1934

146 Tragam-me tédio para divertir-me!
Tragam-me flores, para as recusar!
Quero de quanto quis ou pude rir-me,
Do quanto amei falar...

Falar, dizendo o que se nunca diz,
O que a alma a si oculta e a outros nega.
Quero a mim mesmo parecer feliz
Como a criança que sem água rega.

Tragam-me rosas, — rosas, sim, ou lírios —
Para que eu sinta em mim o Imperador,
Até que enfim os meus próprios delírios,
Suaves, se voltem contra o seu senhor.

8-8-1934

Tenho sono. Depois de não sentir
Em tão longos momentos de pensar,
Cansei-me de saber que era sonhar,
E só sonhar, o que era eu existir. 147

E, assim, recluso entre os errados muros
Das conclusões a que ninguém chegou,
Abdiqueei minha sombra e o que sou
Em grandes, vagos, gestos só obscuros...

Puseram os taipais no que perdi.
Negaram a verdade ao que sonhei.
E então, então, me coroaram rei
E senti a coroa que não vi.

8-8-1934

As meninas que há na feira
Nas barracas a espreitar
São, de uma outra maneira,
A minha alma a desejar. 148

Elas vão, a reparar,
Sempre no rastro da esteira
Do povo, e se há um tardar
Tomam logo a dianteira.

Vão às barracas da feira
E riem por espreitar.
Ah, quebram-me a alma inteira
Porque a não posso pensar!

8-8-1934

149

Eram todos mascarados
Porque eram todos gente...
Iam mistos, misturados,
Iam misturadamente...

E sem haver entender
Entre o que um ou outro era,
Ia tudo num viver
Como dentro de uma esfera...

Era um globo de ninguém
Toda aquela mascarada,
Como uma bola que tem
A superfície pintada,

E que rola monte abaixo
Só pelo declive que há.
Se a procuro, não n'á acho,
Porque rolou para lá...

Para lá onde acabou
O monte que ali começa...
E em busca dela me vou
Até que o buscar me esqueça.

9-8-1934

150

Quem me pôs nódoas no vestido dela?
Quem me roubou o que não era meu?
Que nuvem veio interromper a estrela
Que me era todo o céu?

Que insulto absurdo da maré da sorte
Me leva na ressaca o sonho e a glória,

Que, porque os tive ao desprezar a morte,
Seriam minha história?

Quem, depois, no silêncio de eu pensá-lo,
Tudo me restituiu, em maré cheia,
Como um rei que a um cego, seu vassalo,
Restitua a candeia?

9-8-1934

Pouco, pouco, pouco...
Só sob o luar
Senti-me um pouco louco,
Um pouco por achar...

151

Havia um labirinto
Para se descobrir.
Não sei se penso ou sinto,
Se devo ir ou não ir.

Havia um procurar...
Havia um grande enredo
De altos buxos ao luar
Em ruelas de medo.

Ali, depois de voltas
Que vinham para lados
(Que gargalhadas soltas
Dos outros enganados!)

Chegava-se ao seu centro
Depois de ida errada
E falso ir para dentro.
No centro não há nada.

9-8-1934

152

As fadas são pensamentos,
Mas pensamentos são gente...
No interstício dos momentos
Vivem a vida contente,

Com que, se nada sentimos
E nada sequer pensámos,
Nós as vimos, nós as vimos...
Depois dizemos que errámos.

De um lado, a rua é vazia
Do outro há campo, agro e misto.
Mas, enfim, não haveria
Qualquer coisa mais do que isto?

De onde vem esta saudade
Que não deixa o coração
E meu pensamento invade
Sem que lhe eu saiba a razão?

Foi só a rua deserta
Ou só o campo sem fim,
Que me deu a paz incerta
Que chora dentro de mim?

10-8-1934

153

De tanto me fingir quem sou deveras,
Já desconheço quem deveras sou.
Trago, talvez, desde longínquas eras,
Não quem eu sou, mas só para onde vou...

E assim, inevitável e mesquinho,
Fiel a um ritmo cuja lei ignoro,

De mim sei só qual é o meu caminho
E que na estrada, de cansado, choro.

Pobre de tudo, salvo de ir seguindo,
Tenho contudo uma esperança ainda:
É que Deus dê, a quem assim vai indo,
Uma estrada que nunca seja finda...

10-8-1934

Sorrindo, com as mãos ainda estando
Sobre o teclado do piano findo,
Olhas os que te ouviram, convidando
Cada um deles a sorrir, sorrindo...

154

Não queres que te digam que tocaste
Com arte, ou segurança, ou emoção.
Sorriste... E assim, sem o sentir, ficaste
Cativa de nenhuma sensação...

Quando a música acaba, acaba o mundo,
E o que há de tudo é nada valer nada...
E ninguém sente senão um profundo
Desejo de uma coisa já acabada...

Mas tu sorris... E todos despertamos
E todos somos gratos e o dizemos...
Mas entre nós há um rio, e escutamos...
O barco voga sem o som de remos.

10-8-1934

155 Já que por sonhos posso ser quem quero
E por vontade posso ser quem sou,
Solene e alheio, minha vida espero,
E nem sonho, nem quero, nem me vou.

Firme em ser nada, plácido de tudo,
Sem outro anseio que o de conseguir
Um solitário eremitério mudo
Onde me morra o modo de sentir,

Serei rei próprio, governando nada,
Da mais alta janela do meu ser,
Fitando, em traje ritual, a estrada
De onde ninguém virá para me ver.

10-8-1934

156 Um inseto feio
Cuja cor agrada
Paira sobre a água
A não fazer nada...

Se não fosse feio
Nem tivesse cor
Era um outro inseto.
Assim é melhor.

Assim é que o vejo,
Assim é que é;
E assim é que ensino
O olhar a ter fé.

10-8-1934

Traze — não negues nem um só botão! — 157
As rosas todas do jardim desfeito!
Aperta-as todas contra o coração
Pois que as trazes opressas sobre o peito!

Traze até onde o limiar aberto
Aguarda morto tua vida viva;
E, entrada, e o olhar do sonho teu desperto,
Depõe tudo no chão ante o conviva...

Braços abertos, avental descido,
E as rosas todas a juncar o chão,
Sem razão, sem conviva e sem sentido,
No silêncio deserto do salão...

10-8-1934

Sem fim oscila quanto é erva ou trigo 158
Ao vento vário, que se lembra e esquece.
No coração não sou comigo.
Minha alma entenebrece —

Não como a nuvem que viesse e desse
Ao campo a cor cinzenta de um castigo,
Mas como um vento vão que se esquecesse
Da sua oscilação da erva e do trigo,

E assim, prolixo de não ser, viesse
Por ausência tornar-me seu amigo.
A aranha eterna sua teia tece
□

12-8-1934

159

Poema após poema, íntimo, escrevia
Aquela grande obra do seu ser
Que nunca em tempo algum alguém leria
E que ele via o universo a ler

Era mais que poeta: era profeta,
E em seus versos errados e divinos
Carrilhonava o que nele era poeta,
Mas numa torre que não tinha sinos.

Viveu assim, feliz do que escreveu.
Morreu, deixando a obra como sobra
Da alma que fora... Mas, meu Deus, e eu?
Eu que nem tenho a fé nem tenho a obra?

13-8-1934

160

Ninguém me disse quem eu era, e eu
A ninguém perguntei.
Vi-me vivendo sob um vasto céu
E senti uma lei.

A infame natureza, desdobrada
Em terra e rio e mar,
Deu-me um indício, como que uma estrada
Para eu caminhar.

Mas o caminho era para quem sou,
E tinha por seu fim
O saber que o caminho por que vou
Stá só dentro de mim.

16-8-1934

Ténue, uma brisa ou não vem ou esquece. 161
Tudo parece
Mais leve e brando só de ela ser
Um parecer.

Tão vago é tudo que se a brisa vem
Não há ninguém
Que a note, todos conversando, mas
Há contudo as

Palavras que ficaram por falar
E que nesse ar
Que é brisa, ou quási brisa, se quebrou
Contra o que não ficou.

16-8-1934

Tão leve, tão suave, 162
Tão sem ter que ser,
Veio ideia ou ave
Pousar no meu ser.

Se foi ave, foi-se:
Voou como veio.
Se ideia, não trouxe
Com que fosse enleio.

Não sei distinguir
Se

16-8-1934

163 Quem foi que, em minha ausência, regou flores
E me foi bom limpando a casa amiga?
Quem arrumou meus livros — os melhores
Postos no centro — em minha estante antiga?

Quem pôs em seu lugar essas cadeiras
Que desde muito o procuravam quedas,
E, com boas e anónimas maneiras,
Acomodou cortinas como sedas?

Foi qualquer fada, que me amasse outrora
Antes que o tempo e o espaço fossem Deus?
Não sei, mas tenho a minha casa agora
Limpa e fechada contra a terra e os céus.

17-8-1934

164 O louco olhou-me de frente.
Olhei o louco que olhava.
E eu, suposto inteligente,
Senti que já não pensava.

Que vulcão naquela calma
Com que me olhava a olhar
O outro lado da minha alma
Em que penso sem pensar...

Por seus olhos mudos fita
A meu coração posição
Uma certeza infinita
Cheia de nada e de viço...

E eu, humilhado, conheço
No absurdo desse fitar

Que me olha o que sonho e esqueço
Transportado a esse olhar.

Sou eu que me fito e humilho.
Esse louco é a loucura
De que meu ser mudo é filho,
Surgida da sepultura.

18-8-1934

Colhe todas as rosas que encontrares!
Colhe até as que sonhas; com um laço
De erva comprida prende-as regulares,
E, assim em feixe, traze-as no regaço!

165

Vem até mim com essas rosas plenas
E eu saberei, entre elas, distinguir
As que são reais, porque são mais pequenas,
E, maiores, as fora de existir.

Que é com realidade e ilusão,
Como num feixe de flores vindo e dado,
Que conseguimos dar ao coração
O prémio inútil que lhe nega o fado.

18-8-1934

A tua voz e o que ela diz,
Ao meu ouvido desatento
São duas coisas. Nada fiz
Neste momento

166

Senão sentir que o que dizias
E tua voz
Eram duas caixas vazias
Jazendo sós,
Como num cais mercadorias...

18-8-1934

167

Dorme, fluindo lentamente, a água,
Contudo dorme, fluida lentamente,
Como quem, porque vive, sente mágoa,
Mas, por cansado, sente que não sente.

As árvores e as ervas da ribeira
Veem que corre a água adormecida,
E elas também, que um vento irreal peneira,
Dormem na paz anónima e tremida.

E eu, que ambas coisas perto de longe olho,
E nas mãos tenho as flores que colhi,
Lentamente as não vejo e as desfolho,
E tudo passa e trémulo sorri.

É um dia sucedente a outro dia,
É uma hora antes da hora que há a seguir.
Que voluntariamente o esqueceria
Se tivesse vontade de o fingir!

Ténue torvelinhar da água branda,
Vago murmúrio quási não ouvido
Das folhas trémulas, que Deusa anda
Tecendo em nós a iniciação do olvido?

18-8-1934

Há um lago para barcos de crianças 168
No fim do meu sonhá-lo.
Quero cercá-lo de ócios e esperanças
Para poder criá-lo.

Um lago como se o pusesse ali
Quem ali o não pôs,
E onde um pequeno barco álaçre vi
Puxado com retrós...

Depois, a esquadra que a ninguém faz mal...
(Vieram mais brincar)
Quem me dera na vida

Ter uma alma exatamente igual
A essa esquadra que, ao irem merendar,
Ficou, como eu, calma e esquecida...

18-8-1934

Nas voltas todas da dança 169
Fica uma volta por dar:
É a que faz a tardança
Entre sentir e pensar...

Essa dá-se só depois
De, acabando de, ao dançar,
Não saber se somos dois,
Sermos dois ao apartar.

Mas a dança continua
No que sentimos de achar
Que a minha alma é só tua
E a tua é para me dar.

18-8-1934

Os ranchos das raparigas
Vão pela estrada a cantar.
Cantam cantigas antigas,
Daquelas que, de as lembrar,
Fazem a gente chorar.

Cantam porque outras cantaram...
Cantam por cantar somente...
E o canto que recordaram,
Cantando-o constantemente,
É sempre velho e presente.

Há qualquer coisa de eterno —
A alegria, a vida, elas —
Que vem no tom alto e terno
Que faz chegar às janelas
As que não cantam — aquelas

Que, na penumbra do amor,
Ou sperado ou prometido,
Sentem sua voz de dor
Vinda naquele sentido
Que ali é gritado e rido.

Porque esse canto que passa,
Sem querer, vem figurar
A grande e humana desgraça
Que é amar ou não amar —
A mesma, sem acabar...

18-8-1934

Por tantos e tão ásperos caminhos!
Por tanta infiel vereda,
Que para os pés tinha só pedras duras,
Pedras e espinhos,
Em vez de aquela areia, como seda,
Que os sonhos dão às aventuras...

171

Por tantos e tão ásperos caminhos
Cheguei aqui, inútil e perdido,
Sem razão de aqui estar ou por que ser...
Somos todos sozinhos...
Mas no meu coração tenho o sentido
De aquilo, o outro, que quis ter.

Por tantos e tão ásperos caminhos!...
Morreram os príncipes de balada,
Os bobos choram quedos...
Que foi da festa por detrás dos moinhos?
E a princesa encantada —
Porque é que a sua mão largou meus dedos?

18-8-1934

Como a noite chegasse e ninguém vinha,
Tranquei a porta contra todo o mundo;
E a minha casa plácida e mesquinha
Ficou comigo num silêncio fundo...

172

Ébrio de só, falando a sós comigo,
Despreocupadamente passeando,
Fui verdadeiramente aquele amigo
Que em cada amigo já me vai faltando.

Mas bateram-me à porta de repente
E todo um poema se apagou num salto...
Era o vizinho, que o almoço assente
Para amanhã me lembrou. Não, não falto.

E, de novo trancados porta e ser,
Tentei restituir ao coração
O passeio, o entusiasmo e o desejo
Com que era ébrio do que os outros são.

Mas nada... Os móveis naturais da casa,
As paredes certeiras a me olhar,
Como alguém que deixou de olhar a brasa
E não viu brasa já ao ir olhar.

19-8-1834

173

Releio, triste e com um tédio feio,
Meus versos feitos nestes quatro dias.
Quási irritadamente leio...
Que coisas ocas, que coisas frias!

Com que febre contudo os escrevi
Com que imediata suposição
De que escrevia o que deveras vi
Nesse momento no meu coração...

Mas que cordéis desatados
Esses versos, os bocados
De pão de uma refeição
Em que não prestava o pão!...

E é com isto que sou poeta?
Será com estas linhas a rimar

Que serei amanhã artista ou esteta?
Nunca serei senão a seta
Que os Deuses não souberam atirar...

20-8-1934

As coisas que errei na vida
São as que acharei na morte,
Porque a vida é dividida
Entre quem sou e a sorte.

174

As coisas que a Sorte deu
Levou-as ela consigo,
Mas as coisas que sou eu
Guardei-as todas comigo.

E por isso os erros meus,
Sendo a má sorte que tive,
Terei que os buscar nos céus
Quando a morte tire os véus
À inconsciência em que estive.

21-8-1934

Cansaço... Sim, cansaço do que fui
E do universo inteiro; sim, cansaço,
Não um cansaço morto, pois que flui...
Não qualquer coisa que haja em tempo e em espaço...

175

Não: um cansaço intérmimo de tudo
Que, como um rio, vai por margens mudas
Num grande, antigo movimento mudo
Sob strelas silenciosas e agudas.

Um cansaço de quanto possa haver,
De quanto, até, eu possa desejar,
Lentamente indo, sem se ver correr,
Para a esperança de não haver mar.

21-8-1934

176

O sol que doura as neves afastadas
No inútil cume de altos montes quedos
Faz no vale luzir rios e estradas
E torna as verdes árvores brinquedos...

Tudo é pequeno salvo o cume frio,
De onde quem pensa que de ali nos vê
Vê tudo mínimo, num desvario
De quem da altura olhe quanto é.

22-8-1934

177

Ah, quero as relvas e as crianças!
Quero o coreto com a banda!
Quero os brinquedos e as danças —
A corda com que a alma anda.

Quero ver todas brincar
Num jardim onde se passa
Para ver se posso achar
Onde está minha desgraça.

Ah, mas minha desgraça está
Em eu poder querer isto —
Poder desejar o que há

□

[post 22-8-1934]

Deixem-me o sono! Sei que é já manhã. 178
Mas se tão tarde o sono veio,
Quero, desperto, inda sentir a vã
Sensação do seu vago enleio.

Quero, desperto, não me recusar
A estar dormindo ainda,
E, entre a noção irreal de aqui estar,
Ver essa noção finda.

Quero que me não neguem quem não sou
Nem que, debruçado eu
Da varanda por sobre onde não estou,
Nem sequer veja o céu.

[post 22-8-1934]

Deixei atrás os erros do que fui, 179
Deixei atrás os erros do que quis
E que não pude haver porque a hora flui
E ninguém é exato nem feliz.

Tudo isso como o lixo da viagem
Deixei nas circunstâncias do caminho,
No episódio que foi cada paragem,
No desvio que foi cada vizinho.

Deixei tudo isso, como quem se tapa
Por viajar com uma capa sua,
E a certa altura se desfaz da capa
E atira com a capa para a rua.

23-8-1934

180 Não digas nada!
Não, nem a verdade!
Há tanta suavidade
Em nada se dizer
E tudo se entender —
Tudo metade
De sentir e de ser...
Não digas nada!
Deixa esquecer.

Talvez que amanhã
Em outra paisagem
Digas que foi vã
Toda esta viagem
Até onde quis
Ver quem me agrada...
Mas ali fui feliz...
Não digas nada.

23-8-1934

181 Os reis que fora quando o sonho o tinha
Pesavam já em sua frente baixa.
E a sensação de nunca haver rainha
Fechava-lhe a alma numa caixa.

Tivera, como todos quantos são,
Um reinado e um reino e um diadema,
Mas a verdade é um ovo que, no chão
Caindo, espalha clara e gema.

E assim o espio, no café do imbele
Sorvendo absorto a chávena em que o molho,
E não deixo de olhá-lo, não vá ele
Olhar-me a mim como eu o olho...

24-8-1934

No poço que há no fim do mundo 182
Vão as crianças procurar
Tirar desse poço sem fundo
A água que se não pode achar.

E uma após outra o balde deita
Preso por uma corda fina
E nada sai, e tudo espreita,
E a humanidade é pequenina.

No mundo que há aqui na vida,
Do poço que há onde há haver,
Sai água, sem grande descida,
E todos podem água ter.

Mas eu, que a vida sinto má,
Acho, em meu sentimento fundo,
Que mais vale a água que não há
No poço que há no fim do mundo.

24-8-1934

Que torpor vela o olhar que quero ter? 183
É um sono que me obriga
A não saber quem sou ou sonho ser,
Ou qualquer vaga coisa antiga,

Que está pensando, ébria de memória,
Numa vida que teve
Antes que a vida que há tivesse história
E que essa história fosse breve?

Nada: um cansaço que me pesa sobre
Cada órbita que vê
Na involuntária pálpebra que a cobre
O calor cego de uma fé.

[24-8-1934]

184

Que é feito de Jules Laforgue
E de Gustave Kahn?
Quem se lembra do Jean Moréas?
Ah, quanta coisa vã

Foi vasta em minha juventude!
Senti-as e amei.
Hoje nem quero saber se as lembro.
Porquê não sei.

Também, se vamos a isso,
As princesas das baladas —
Que é feito delas no silêncio
De onde se foram as fadas?

E, no meio disto tudo,
Que é feito de mim,
Principalmente, principalmente,
Sem dó nem fim?...

24-8-1934

185

Tudo acabou: os campos e os pinhais
Desde que enfim fechei janela e porta.
Agora não sou mais
Que quem não vê e a quem a vida é morta.

Mas que bom o sossego de quem tem
A casa sua e a fecha contra o mundo!...
Estar só é um bem
Se de estar só há um sentimento fundo.

Tirar da consciência a natureza!
Fechar a alma contra o céu e a terra!
Basta uma tábua dupla em gonzos presa
E pôr pra cima um fecho que se enterra...

Assim se apaga de quem vive a vida,
Assim o sonho tem o seu lugar
Naquela estagnação indefinida
Que está em ficar só por só ficar...

Mas, ah, fechada a casa e eu sozinho,
O que sou e o que fui, em fúria nua,
Vem ter comigo, porque o seu caminho
Não há porta fechada que o obstrua.

E eu, que queria ser só, vejo dançando
Ante meus olhos de quem sou em mim
Um vil, irrepelível bando
Que não tem nexo mas tem fim.

Não ousou abrir de novo o que fechei.
Aqui, escravo dos sonhos que pedi,
Sou verdadeiramente rei,
Ah, mas sou rei de aquilo que perdi.

E oiço lá fora o arvoredo e o vento
Fazer barulho, rir, só rir, de quem
Quis contra eles fechar seu pensamento
Mas não o soube fechar bem.

Imagens destroçadas do passado,
Futuros frustes, ébrios de arremedo
Num ritmo falso e desdobrado
Em amplas áleas de ilusão e medo.

Porque fechei meu pobre ser comigo?
Porque vendi a natureza a quem
Não tem nem amor nem amigo?
Porque sem paz me tornei eu ninguém?

[post 24-8-1934]

186

Aquelas danças de roda
A que, menino, eu sorria,
Foram-se, e com elas toda
A meninice que as via.

Há coisas que somos nós.
Vão-se, e nós vamos com elas.
Não são nós, mas somos sós
Se elas já não são aquelas.

Eram outros a dançar
Os que não dançam agora.
Estes fazem-me chorar
Porque quem fui a os olhar,
Porque já não é, não o chora.

[25-8-1934]

Estamos sempre na encruzilhada.
Cada dia é vários caminhos
Possíveis. Cada hora é mais que uma estrada.
Nós, os sozinhos
De nada,

187

Nem escolhemos, nem queremos:
Vamos...
E, seja a via pelo areal que vemos
Ou na floresta pela qual andamos,
Vamos para onde não sabemos,
Nunca sabemos onde estamos.

E a cada hora, a cada hora,
Há que virar para a direita ou esquerda
Segundo uma lei que se ignora
Ou um impulso cujo instinto se não herda.

Sempre tantos caminhos!
E nós, sem tempo para os escolher,
Apressados, ignaros e sozinhos,
Seguimos o que tem que ser.

Se é bom, se é mau o por onde ir,
Ninguém o sabe ou saberá...
Tudo é não saber e seguir:
O resto Deus dará, ou não dará.

25-8-1934

A preguiça de pensar
É uma grande alegria,
Porque pensar é achar
Que a lareira já está fria.

188

Não quero pensar em nada.
Quero aquecer-me a sentir
Que na lareira apagada
Arde uma lenha de ouvir.

Que lareiras e alegrias
São coisas só de sonhar...
Aquecem por fantasias,
Mas, se pensar, são frias —
São frias por se pensar.

25-8-1934

189

Debaixo de onde altos ramos
Fazem grande o arvoredo
Solitariamente vamos
Num colóquio que calamos,
Cada um com seu segredo.

Falam por nós, que, calados,
Seguimos mútuos e lentos,
Os altos ramos falados
Por ventos desencontrados
Com os nossos pensamentos.

Vamos e achamos que é uma
A dupla emoção que temos.
Os ramos têm som de espuma.
O som tem ondas de bruma.
A emoção? Já a esquecemos...

25-8-1934

Qual foi a suposição 190
De anseio ou felicidade
Que veio ao meu coração
Trazer-me mais ansiedade?

Foi o supor que, se eu fora
Quem nunca poderei ser,
Seria mais calmo agora
O ser que me sinto ter?

Foi o pensar que talvez
Um futuro imaginado
Teria em si uma vez
Em que eu fosse bem fadado?

Seja o que for, qual foi ela —
Aquela suposição
Que me foi como uma estrela
Dentro do meu coração?

Talvez, afinal, não fosse
Mais que uma nuvem passar
Restituindo ao sol que a trouxe
A luz que ele sabe dar.

[post 25-8-1934]

O riso da tua boca 191
É uma fita desatada
Cuja ponta solta toca
Na cara de a quem agrada.

É como um tirar de xaile
Quando se tira num jeito

Em que uma alegria baile
Por o jeito se ter feito...

É um riso que faz cantar
A vontade de sorrir
Que teu riso sabe dar
A quem, sob o rir do olhar,
Vê tua boca a sorrir.

25-8-1934

192

Quero dormir. Não sei se quero a morte,
Nem sei o que ela é.
O que quero é não ser submisso à sorte,
Seja ela lei ou fé.

Quero poder nos campos prolongados
Meu ser abandonar
Aos seus verdes silêncios afastados,
Que amo só de os olhar.

Quero poder imaginar a vida
Como ela nunca foi,
E assim vivê-la, vívida e perdida,
Num sonho que nem dói.

Quero poder mudar o universo
De um para outro lado,
Como quem junta o seu viver disperso
E o ata com o fado.

Quero, por fim, ser coroado rei
Do nada a que enfim vou.
Será minha coroa o que serei,
E o meu cetro o que sou.

26-8-1934

Ah, verdadeiramente a deusa! — 193
A que ninguém viu sem amar
E que já o coração endeusa
Quando a só sabe adivinhar.

Por fim magnânima aparece
Naquela perfeição que é
Uma estátua que a vida aquece
E faz da mesma vida fé.

Ah, verdadeiramente aquela
Com que no túmulo do mundo
O morto sonha, com a estrela
Que há de surgir no céu profundo.

3-9-1934

Teu inútil dever 194

Quanta obra faças cobrirá a terra
Como ao que a fez, nem haverá de ti
Mais que a breve memória

[1934]

Cessa teu canto! Cessa o que ele traz 195
De outras memórias, de outros sentimentos!
O mal mole que ele me faz
Torna confusos os momentos
Que julguei que fossem de paz.

Cessa teu canto! Basta haver
O coração; basta sentir

Só por sentir ser existir.
Para que cantas sem saber
O mal que faz a quem te ouvir?

Não és tu, que não és ninguém.
Não é o canto, porque é nada.
É o mal que toda a alma tem:
Sente o desejo de encontrar o bem
E não sabe saber qual é a estrada.

5-9-1934

196 Depois de não ter dormido,
Depois de já não ter sono,
Interminável madrugada em que se pensa sempre sem se pensar,
Vi o dia vir
Como a pior das maldições —
A condenação ao mesmo.

Contudo, que riqueza de azul verde e amarelo dourado de vermelho
No céu eternamente longínquo —
Nesse Oriente que estragaram
Dizendo que vêm de lá as civilizações;
Nesse Oriente que nos roubaram
Com o Conto do Vigário dos mitos solares.
Maravilhoso Oriente sem civilização nem mitos,
Simplesmente céu e luz,
Material sem materialidade...
Todo luz, mas assim
A sombra, que é a luz da noite dada ao dia,
Enche por vezes, irresistivelmente natural,
O grande silêncio do trigo sem vento,
O verdor esbatido dos campos afastados,
A vida e o sentimento da vida.

A manhã inunda toda a cidade.
Meus olhos pesados do sono que não tivestes,
Que manhã inundará o que está por trás de vós,
Que é vós,
Que sou eu?

5-9-1934

O mar, o mar, o mar...
O mar de sempre e agora
As ondas vêm quebrar
Num som só de chiar
Que parece que chora.

197

O mar... Vejo-o e medito
Mas essa meditação...
É o mar infinito?
Não sei. O mar que fito
São as ondas que são.

Vem uma, e outra, e tem
O mesmo quebrar quedo
Que chia e estruge bem.
E vão-se todas sem
Que eu saiba o seu segredo.

5-9-1934

Se alguém bater um dia à tua porta,
Dizendo que é um emissário meu,
Não acredites, nem que seja eu;
Que o meu vaidoso orgulho não comporta
Bater sequer à porta irreal do céu.

198

Mas se, naturalmente, e sem ouvir
Alguém bater, fores a porta abrir
E encontrares alguém como que à espera
De ousar bater, medita um pouco. Esse era
Meu emissário, e eu, e o que comporta
O meu orgulho que já desespera.
Abre a quem não bater a tua porta!

5-9-1934

199

Sim, vem um canto na noite.
Não lhe conheço a intenção,
Não sei que palavras são.

É um canto desligado
De tudo que o canto tem.
É algum canto de alguém.

Vem na noite independente
De me dizer bem ou mal.
Vem absurdo e natural.

Já não me lembro que penso.
Oiço; é um canto a pairar
Como o vento sobre o mar.

Oiço, oiço; mas ele cessa...
Tinha que ser, porque foi.
Que mais que a alma me dói?

5-9-1934

Todas as coisas são 200
Uma coisa qualquer..
Redemoinho
Ou malmequer...

Futilidade enfim..
Ou nem isso até..
Nunca se chega ao fim
Sem ter fé...

O fim, claro, é nada,
Mas o lá chegar
Sempre é ter tido a estrada
Por onde andar.

5-9-1934

Falsas, amor, as coisas que dizias... 201
Mas quem diz que não fora realidade
O que inconscientemente me dirias
Se tivesses mentido com vontade?
Não pensavas nas vagas que trazias
À superfície da vulgaridade.

Falavas como quem a isso obriga
A condição de ter de responder,
Mas essa condição não é amiga
De se pensar antes de se dizer..
É falso quanto tua boca diga,
Mas dize, dize, só para eu saber.

5-9-1934

202 Tudo que amei, se é que o amei, ignoro,
E é como a infância de outro. Já não sei
Se o choro, se suponho só que o choro,
Se o choro por supor que o chorarei.

Das lágrimas sei eu... Essas são quentes
Nos olhos cheios de um olhar perdido...
Mas nisso tudo são-me indiferentes
As causas vagas deste mal sentido.

E choro, choro, na sinceridade
De quem chora sentindo-se chorar.
Mas se choro a mentira ou a verdade,
Continuarei, chorando, a ignorar.

5-9-1934

203

Verdade de Provar

Às vezes depois do almoço
Medito nos jornais.
Medito quanto posso,
E depois medito mais...

Há tanta gente a pensar neste modo que ninguém se entende.
Nem dentro de si mesmo...
E quem diz jornais diz livros, diz teoria
Diz filosofia e religião,
Diz tudo quanto se pensa.

Traga-me ainda mais vinho.
Não é por ter sede; é por não ter nada.

5-9-1934

Oiço falar onde na rua
Estão parados a falar...
Falem, falem: a fala é sua!
Não sabem que a conversa é nua
Porque a estou a escutar...

204

Mas afinal não ouvi nada...
Era um conjunto de mais que um
Fazendo a noite conversada...
Gostei de ouvir esse nenhum
Da conversa pegada...

Assim é tudo que há na vida.
Julgamos, só por escutar,
Que há qualquer coisa que é ouvida...
Mas a conversa é só sentida
Sem uma frase a destacar.

6-9-1934

Tudo, menos o tédio, me faz tédio.
Quero, sem ter sossego, sossegar.
Tomar a vida todos os dias
Como um remédio,
Desses remédios que há para tomar.

205

Tanto aspirei, tanto sonhei, que tanto
De tantos tantos me fez nada em mim.
Minhas mãos ficaram frias
Só de aguardar o encanto
Daquele amor que as aquecesse enfim.

Frias, vazias,
Assim.

6-9-1934

206

Sim, tens razão...
Esqueci há muito
Meu coração
E o seu intuito.

Ando perdido
Sem perceber
Se há um sentido
Em compreender.

Mas se um momento
O sol aquece,
Meu pensamento
Dorme e conhece.

7-9-1934

207

Foi ontem ou foi nunca ou foi ninguém
O que me aconteceu
Quando esperava a ilusão ou o bem,
O mistério ou o céu...

Foi qualquer coisa que me esqueceu já
Por entre as nuvens do mistério dado
Alguns lagos do não-dado há
Que são cheias do Fado —

Do Fado, do Destino, do que é Tudo,
E, entre o menor mistério de viver,
Opera, entre quem fala, o rito mudo
De nada se saber.

7-9-1934

A vida inútil que vivi e vivo 208
Levo-a nos braços como um peso morto,
Com um esforço desnatural e esquivo,
Como um navio que não quer um porto,

E como um fardo que não era meu
Deponho-me ao onde-calha do caminho
Fiel ao princípio de que sou só eu
E de que o mais é só com o vizinho.

Mas de entre os ramos do arvoredo nasce
Um canto de ave que me não conhece.
Oiço, sorrio, em mim meu ser renasce,
E ergo de novo o fardo, que me empece.

9-9-1934

Sobe a grande escada 209
A que vai vestida
De ser adorada.

Seu cabelo louro
É coisa vivida
Pela vida do ouro.

Seu passo a subir
É coisa sentida
Por poder sentir.

Sobe a escadaria
Como quem convida
A nascer o dia.

Não leva ninguém.
Ela é toda a vida
Com o mal e o bem.

9-9-1934

210

Já decifrei a cifra sem sentido
E achei a conclusão que nada é.
Assim ganhei direito a ser ouvido
Pelos outros de pé.

Proclamarei a minha lei inútil
A essa assembleia de concordos mudos
Prolixa, natural, rígida e fútil,
Farta de estudos

Que me ensinaram que são falsas todas
As leis e falsos todos os caminhos,
E que todas as coisas são só rodas
Ou só moinhos.

10-9-1934

211

A nuvem veio e o sol passou.
Foi vento ou ocasião que a trouxe?
Não sei: a luz se me velou
Como se luz a sombra fosse.

Às vezes, quando a vida passa
Por sobre a alma, que é ninguém,
A sensação torna-se baça
E pensar é não sentir bem.

Sim, é como isto: pelo céu
Vai uma nuvem destroçada
Que é véu, mau véu, ou quási véu,
E, como tudo, não é nada.

10-9-1934

Sonho. Como uma asa que tocasse
O onde estou, ou só o vento viesse
Porque essa asa, rápida, passasse,
O seu enleio assim se tece.

212

Sonho. Não sei quem sou, nem o que fui.
Assim se sonha. Durmo sem dormir;
E há como um rio que indistinto flui
Entre eu pensar e eu sentir.

E nesse rio como algas mortas
Vai o que quis fazer de quem eu sou...
Memórias, sonhos, sombras, como, às portas,
Murcham as folhas entre o pó.

10-9-1934

Divido o que conheço.
De um lado é o que sou
Do outro quanto esqueço.
Por entre os dois eu vou.

213

Não sou nem quem me lembro
Nem sou quem há em mim.
Se penso, me desmembro.
Se creio, não há fim.

Que melhor que isto tudo
É ouvir, na ramagem
Aquele ar certo e mudo
Que estremece a folhagem.

10-9-1934

214

Começa, no ar da antemanhã
A haver o que vai ser o dia.
É uma sombra entre as sombras vã,
Mais tarde, quente, é a manhã.
Agora é nada, noite e fria.

É nada, mas é diferente
Da sombra em quem a noite está;
E há nela só a nostalgia
Não do passado, mas do dia
Que é afinal o que será.

12-9-1934

215

A menina dorme.
Sossega enfim.
A noite é enorme.
Não chega pra mim...

Quero inda mais grande
A noite que há
Para que eu não ande
Onde nada está.

Que a menina quer
Dormir sossegada...
Sonha — malmequer,
Muito, pouco, nada.

13-9-1934

Que dia este! Quantas coisas foram
Irregulares no acontecer!

216

[13-9-1934]

Deslembro incertamente. Meu passado
Não sei quem o viveu. Se eu mesmo fui,
Está confusamente deslembado
E logo em mim inobservado flui.

217

Não sei quem fui nem sou. Ignoro tudo.
Só há de meu o que me vê agora —
O Campo verde, natural e mudo
Que um vento que não vejo vago aflora.

Sou tão parado em mim que nem o sinto.
Vejo, e onde o vale se ergue para a encosta,
Vai meu olhar seguindo o meu instinto
Como quem olha a mesa que está posta.

13-9-1934

218 Se há arte ou ciência para ler a sina
Ao que em nós o Destino faz de nós,
Dá-me que eu a não saiba, e que, indivina,
Me corra a vida vagamente e a sós.

Que quero eu do futuro que não tenho?
Que me pesa hoje, ou alegre, o que serei?
Sei, por lembrar, de que passado venho,
E onde hoje estou incertamente sei.

O mais, o que o futuro me dará,
Deixo a quem dê e à forma como o der.
Basta a sombra que esta árvore me dá
E a sensação de nada mais querer.

13-9-1934

219 A febre do que me suponho
Tolda-me a fronte de o pensar.
Mas, se penso, somente sonho,
Porque a febre me faz sonhar.

Num intervalo de mim mesmo
Durmo desperto sem razão,
E sou um encontrar-me a esmo
Entre silêncios em desvão.

Declínio de quem o não tem,
Sonho que não me faz dormir —
Isto não é nem mal nem bem,
Não é pensar nem é sentir.

15-9-1934

O sol
Nasceu.
Começou
No céu
A ser
Visto.
Passou
A ter
Isto:
Luz,
Altura,
Certeza.
Seduz.
Matura.
Embeleza.
A meu ver
É nada.
Não é comigo.
Vejo-o da estrada:
É um postigo.

220

15-9-1934

A pompa inútil de teus gestos quedos,
Como que à espera do ritual a dar,
Não traz ainda os segredos
Que ninguém tem para entregar.
Mas é como um prelúdio entre rochedos
Ao que é o som do mar.

221

Deram-me rosas para que eu viesse.
Deram-me lírios para que eu sonhasse.
A rosa murcha e esquece,
E o lírio cai antes que amarelasse.

Mas isso tudo é a teia que nos tece
Uma aranha que nos amasse.

Ah, em vez de rosas, lírios, ou o que seja,
Que me deem o céu e o mar sem fim
E o que da aragem vaga seja
Tudo o que faz dormir assim.
E o que de tudo eu sonhe ou até veja
Que seja sempre só em mim!

15-9-1934

222

Bem sei que estou endoidecendo.
Bem sei que falha em mim quem sou.
Sim, mas, enquanto me não rendo,
Quero saber por onde vou.

Inda que vá para render-me
Ao que o Destino me faz ser,
Quero, um momento, aqui deter-me
E descansar a conhecer.

Há grandes lapsos de memória,
Grandes parábolas perdidas,
E muita lenda e muita história
E muitas vidas, muitas vidas.

Tudo isso, agora que me perco
De mim e vou a transviar,
Quero chamar a mim, e cerco
Meu ser de tudo relembrar.

Porque, se vou ser louco, quero
Ser louco com moral e siso.
Vou tanger lira como Nero.
Mas o incêndio não é preciso.

15-9-1934

Eu caminhava, anónimo e distante
Do que via e ouvia,
Quando, sem eu esperar, surgiu diante
Dessa minha apatia

223

Uma criança a rir e a correr
E a olhar para mim;
E despertei do enigma do meu ser
Como que num jardim...

Foi como se uma flor se destacasse
Ao meu olhar casual
E de seu sonho súbito o acordasse
E o tornasse normal.

Flor de ser pequenina! Como tudo
Quanto estava pensando
Se me volvia nitidamente mudo
Só de sentir-me olhando.

Riu, e deu pulos e ainda riu mais
E outra vez me olhou
E fez, com um adeus, grandes sinais
Àquilo que não sou.

15-9-1934

224

O Caos tem uma verdade.
A noite tem a claridade
Que é o ser noite inteiramente

A noite anterior a tudo
E o Caos, que é prolixo e mudo,
São entes mortos que □

Nada é; o Caos vive e a noite é dia.
O que acontece □

15-9-1934

225

Nada é: o Caos dorme, e a Noite é muda.
Ambos são um, e o mundo é o que são
Quando a ilusão seu próprio ser transmuda
Em parecer que é ilusão.

Nada há; o Mundo fugiu e a Alma é queda.
Ambos são tudo, e o que há não é ninguém,
Porque o universo é um sonho que arremeda
O sonho que ele mesmo tem.

Nada está: o Ser falta e o Não-ser sobra.
Ambos são nada, e passa quanto há,
E tudo é como o rasto de uma cobra —
A antiga, que diz: Nada está.

15-9-1934

226

Quando se está cansado e apraz ser outro
Só porque isso é impossível, há vagar
Para pensar que há um género que é neutro

No latim virgem do sonhar.

Sim, há cansações sem saber de quê
Que tomam toda a vida e a sua sina
Numa coisa indecisa que não é
Masculina ou feminina.

Há estados de sem alma que se alastram
Pelos domínios quedos da razão
Com cheias de rios que desbastam
Com a sua fecundação.

Depois regressa ao leito o rio antigo
E a alma volve à quietação que teve.
E o que nos foi amigo e inimigo
Nem homem nem mulher esteve.

Foi um andrógino da noite muda
Que transmudou em nós o que pensou...
E a alma se ergueu do leito em que foi surda
E já não sabe o que sonhou.

15-9-1934

Vinha bêbado sempre para casa
Resmungando uma cousa só metade.
Mas os que não vêm bêbados pra casa,
Trarão consigo mais verdade?

227

Sim, o que é vinho tolda a inteligência:
O homem sonha e supõe que isso é pensar.
Mas o não beber vinho dá ciência?
O andar direito é acertar?

Não, o critério é outro; que o que importa
Não é saber, cá neste mundo vão,
Se se pode encontrar a casa e a porta,
Mas se se encontra o coração.

15-9-1934

228

Tarda, tarda, tarda,
Tarda-me a vida toda,
E a cabeça, porque arda,
Anda-me toda à roda.

Se eu tivesse juízo
Andava-me a cabeça,
Assim como é preciso
Ao contrário, e depressa.

Mas como sou quem sou
E não sei quem sou eu,
Vou assim como vou,
E o resto Deus o deu...

18-9-1934

229

Não quero pedir nada ao fado e à vida.
Nada vale pedir-lhes, porque são
Dependentes de uma outra coisa ida
Que não lhes deixou forma nem razão.

Para que hei eu de pedir glória ou esmola
A quem não tem licença para ser?
O ar suficientemente me consola
Com existir, e o campo por o ver.

Não, nada peço. Quando a prece é inútil
É prolixo o mais curto do rezar.
Se a natureza é assim tão falsa e fútil
De que serve sentir, crer ou pensar?

Há ramos altos cuja sombra espalha
Um sossego de fresco sobre nós,
E há um som de água, que ao cair da calha,
Nos faz mais sonolentos e mais sós.

Isso sim, isso... O resto é o que o mundo
Tem por glória ou amor ou isenção.

19-9-1934

Domingo, Maria,
Domingo...
A tua mania!..
Eu distingo
Entre quem me quer
E quem me quer ver.
Faze isso...

230

20-9-1934

Ah, que maçada o piano
Eternamente a tocar
Lá em cima, no outro andar!

231

Ah, que tristeza o cessar!
Sempre era gente a tocar!
Sempre tinha companhia
Nessa constante arrelia.

Vizinha, se não morreu,
Que aquele piano seu
Volte de novo a maçar!
Sem ele penso e sou eu,
Com ele esqueço a sonhar...

Má música? Sim, mas há
Até na música má
Um sentimento de alguém.
Não sei quem o sente ou dá,
Não sei quem o dá ou tem.

Não deixe de me maçar
Com o contínuo tocar
Do seu piano frequente.
Ah, torne-me a arreliar
E mace-me eternamente!

A quem é só, tudo é mais
Que o que está naquilo que é.
Notas falsas, desiguais —
Não se importe: a minha fé,
Meu sonho, vão a reboque
Do que toca mal e até
Do piano, do não sei quê...
Toque mal; mas toque, toque!

20-9-1934

Bem sei que há ilhas lá ao sul de tudo
Onde há paisagens que não pode haver.
Tão belas que são como que o veludo
Do tecido que o mundo pode ser.

Bem sei. Vegetações olhando o mar,
Coral, encostas, tudo o que é a vida
Tornado amor e luz, o que o sonhar
Dá à imaginação anoitecida.

Bem sei. Vejo isso tudo. O mesmo vento
Que ali agita os ramos em torpor
Agora passa no meu pensamento
E o pensamento sente que é amor.

Sei, sim, é belo, é luz, é impossível,
Existe, dorme, tem a cor e o fim,
E, ainda que não haja, é tão visível
Que é uma parte natural de mim.

Sei tudo, sei, sei tudo. E sei também
Que não é lá que há isso que lá está.
Sei qual é a luz que essa paisagem tem
E qual a rota que nos leva lá.

20-9-1934

Chega-me a dança rústica por som:
Harmónio, risos, baralhada ao luar.
E isso, indeterminadamente bom,
Suspende minha pena em seu riscar
O que talvez supus que ia pensar.

233

Que verdade há em mim? Melhor que aquilo
Que é dança e rumor vário e rir ao vento?
Não: não há nada... Tenho um certo estilo
Quando não escrevo com o pensamento
E o que é melhor depende do momento.

Mas eles dançam, fazem qualquer cousa.
É uma maneira natural de ser
Que em mim nada deseja e nada ousa.
Sinto-me vida só para escrever.
Quem me dera dançar e não viver!

20-9-1934

234

Dias tão gastos em se não gastar
Neles mais nada que não gastar nada...
Hei de fazer de vós as bolas no ar,
Que o sabão dá a uma palhinha dada...

Também, pensando bem, que vida tive
Melhor que isso que sobe sob o sol
E é um ser redondo que soltado vive
Com um próprio silêncio e arrebol.

Sim, são cores aéreas, matutinas,
Que súbitas se quebram ante o céu
E não deixam saudades nem ruínas,
O resto, o resto sou apenas eu.

20-9-1934

235

Pouco da vida que tive
Foi a que devesse ter.
O que em mim ainda vive,
Deseja poder querer.

Deseja, sim, mas não sabe
Se na grande loteria,
É a vontade que lhe cabe
Ou só o que ela seria.

Mas, enfim, o que é que importa
O que há ou o que não há?
A vida é só estar à porta.
Só passa quem passará.

20-9-1934

Não, não é esta astúcia do luar,
Nem este aroma vindo, ou do arvoredo,
Ou das flores que entre ele desfolhar
Um vento incerto e quedo,
Que há de arrancar-me o meu segredo.

236

Sim, tudo isso, traduzido na alma,
É uma figura abstrata de mulher
Que acaricia, perigosa e calma,
É um oásis longínquo, alvor de palma,
É o que toda a gente quer.

Mas não saio do meu assombro
De quem ouviu os astros a cantar.
E isso me vela e inibe.
É tudo o amor: visão, mulher, palmar.
Mas vou a ver e toca-me no ombro,
Para eu pra trás olhar
O Mestre que dá tudo o que proíbe.

20-9-1934

Ninguém me disse quem tu eras,
Ninguém falou de que virias...
Vieste, e havia primaveras
Em que só tu florias...

237

Não sei ainda se vieste
Pois não distingo o sonho e a vida.
Sei qual o bem que me trouxeste,
Mas não me foi guarida.

Era um desejo começado,
Era um anseio por achar.
Só me resta do teu agrado
O sonhar-te a lembrar.

20-9-1934

238

O sol que está onde a montanha está
É um píncaro onde há
Toda a luz concentrada que o sol dá.

A noite que entra quando o dia finda
Esse píncaro ainda
Com uma vaga luz, por alto, alinda.

Na noite inteira, o píncaro aparece
Que o seu sentido é esse,
Alto, e só de ser alto resplandece.

20-9-1934

239

Passa uma nuvem ligeira
No céu sem ela vazio.
Esta nuvem passageira
Traz um momento de frio.
A nuvem tem um arrepio.

De novo o sol, que não foi
Senão troçado, aparece
E o frio já nos não dói.
A nuvem que foi esquece
E, passada, o sol a aquece.

Vai distante, perseguida
Pela luz que já velou,
E vai por isso luzida.
Envolve Deus nessa ida
E Ele doura-a na partida.

20-9-1934

A montanha por achar
Há de ter, quando a encontrar,
Um templo aberto na pedra
Da encosta onde nada medra.

240

O santuário que ter,
Quando o encontrar, há de ser
Na montanha procurada
E na gruta ali achada.

A verdade, se ela existe,
Ver-se-á que só consiste
Na procura da verdade
Porque a vida é só metade.

21-9-1934

241 Grande é a noite que me cerca,
E negra a dúvida que sinto,
Mas, antes que minha alma perca
A consciência em que me minto,

Quero que alguma coisa minha
Possa ter mais que nada ter.

21-9-1934

242 Pobres das hostes
Perdidas sem ser
Por entre os caminhos
Do acontecer.

São grandes armadas
Que a bruma formou.
Foram derrotadas
E por isso eu sou.

Eu sou a derrota
Daquele passado
De que não me lembro
E de quem sou nado.

23-9-1934

243 Não sei qual o caminho — se o que passa
Por onde entre o arvoredado o atalho vai,
Se o que é a estrada extensa, que se traça
Como um vinco na terra, de onde sai.

Não sei, não sei. Porque ou atalho ou estrada
São terra, e o que importa é como andar;
Nem pesa muito a estrada ir dar a nada,
Nem o atalho a nada ir a dar.

Vale só o quem anda, que é quem vive.
Assim, adulto do que quis fazer,
Vou caminhando para o que já tive
Sabendo bem que o não poderei ter.

23-9-1934

Ao certo não sei...
Não sei se é verdade
Se é somente lei...
Depois te direi...
Ou talvez não diga...
Que vale o dizer?

244

28-9-1934

Paira na noite um som de água
Que me ajuda a não pensar...
Não sei se é água, se é mágoa,
Dentro em mim a divagar.

245

O certo é que o som se sente
E que é água o que nele há,
E é fluido, triste, insistente,
E sonoro, pois nada dá.

Sim, oiço-o, e de bicas corre
Invisíveis esse som...
Mas na noite ele decorre
E, por não ser nada, é bom.

2-10-1934

246

Não distingo se sou eu
Que estou ouvindo, ou se é
Só um som de água que é meu
Porque está aqui ao pé.

Mas o som da água persiste
Para além de quem eu sou.
Penso: sou dormente e triste.
Oiço: quem fui despertou.

2-10-1934

247

O sol, ausência de Deus,
Ali presente,
Enche de luz estes céus
Que são gente
Veladamente.

Mas não me dá a palavra
Que com haver sol perdi.

3-10-1934

Porque dormes, porque dormes, 248
Porque dormes sem razão
Sob céus fictícios e enormes
Sem nenhuma sensação?

Desperta! Há aurora no mundo
O sol doira o que se vê,
E há um sentimento profundo
Que se não sabe o que é.

Mas tu dormes, dormes... Ah,
Quem sabe se dormes bem
E se o que em teu sono há
Não é mais que o que o sol tem.

3-10-1934

A ciência, a ciência, a ciência... 249
Ah como tudo é nulo e vão!
A pobreza da inteligência
Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha
Como uma santa em sacrifício
Com quanto esforço dado ralha
Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!
Rico é o que alma dá e tem.

A criança que ri na rua,
A música que vem no acaso,
A tela absurda, a estátua nua,
A bondade que não tem prazo —

Tudo isso excede este rigor
Que o raciocínio dá a tudo,
E tem qualquer coisa de amor
Ainda que o amor seja mudo.

4-10-1934

250

Sim, já sei...
Há uma lei
Que manda que no sentir
Haja um seguir
Uma certa estrada
Que leva a nada.

Bem sei. É aquela
Que dizem bela
E definida
Os que na vida
Não querem nada
De qualquer estrada.

Vou no caminho
Que é meu vizinho
Porque não sou
Quem aqui estou.

4-10-1934

251

Era isso mesmo —
O que tu dizias,
E já nem falo
Do que tu fazias...

Era isso mesmo...
Eras outra já
Eras má deveras
A quem chamei má.

Eu não era o mesmo
Para ti, bem sei
Eu não mudaria,
Não — nem mudarei...

Julgas que outro é outro.
Não: somos iguais.

6-10-1934

Eu ia pra casa bêbado
Quando encontrei a verdade.
Como ia pra casa bêbado
Percebi só a metade.

252

Era que amor nos engana
E que razão nos não vale
E que a quem lhes der na gana
Que vença e se desiguale.

A bebedeira foi esta
Que a festa fez que eu tivesse.
Mas eu não estive na festa.
Antes eu lá estivesse.

8-10-1934

253

Que fútil toda essa tristeza
Que uns vagos versos vácuos dão,
Num modo de nem sim nem não,
À quente e abstrata singeleza
De se sentir o coração!

8-10-1934

254

Bem sei que ela era a Rainha.
Tantas vezes a sonhei
Que julguei até que a tinha
Com quanto a imaginei...

Porque a gente, por pensar,
Julga que pode querer,
Até sentir que sonhar
É pensar sem poder ter.

Bem sei. Mas era a Rainha
E não abduco encontrá-la.
Faltam-me o ser ela minha
E as condições e a sala.

8-10-1934

255

Bem sei que todas as mágoas
São como as mágoas que são
Parecidas com as águas
Que continuamente vão...

Quero, pois, ter guardada
Uma tristeza de mim
Que não possa ser levada
Por essas águas sem fim.

Quero uma tristeza minha
Uma mágoa que me seja
Uma espécie de rainha
Cujo trono se não veja.

9-10-1934

Quietas, fiéis, na velha quinta alheia
As bicas deixam águas vir descer
Para o tanque onde a água se enxameia
Da luz e sombra que o dossel faz ser.
Dossel de verbenas numa larga teia
O cansaço de não poder querer
□

256

[post 6-10-1934]

Na véspera de nada
Ninguém me visitou.
Olhei atento a estrada
Durante todo o dia
Mas ninguém vinha ou via,
Ninguém aqui chegou.

257

Mas talvez não chegar
Queira dizer que há
Outra estrada que achar,
Outra estrada que esta,
Como quando da festa
Se esquece quem lá está.

11-10-1934

258

Não digas nada a quem te disse tudo —
Tudo, esse tudo que se nunca diz...
Essas palavras feitas do veludo
A que se não sabe o matiz.

Não digas nada a quem te deu a alma...
Que a alma não se dá. O confessar
É feito só para se obter a calma
De nos ouvirmos a falar.

Tudo é inútil e também mentira.
É um pião que um garoto na estrada
Deita só para ver como ele gira.
Ele gira. Não digas nada.

11-10-1934

259

A reunião foi marcada
Para a véspera de nada.
Todos traziam segredos;
Os de alguns eram só medos,
Os de outros a vida errada
Ou a esperança perdida
A que chamamos a vida.

Mas ninguém apareceu.
Uns iam a achar o céu,
Outros a cair no inferno,
E outros, num ritmo mais seu,
Num caminho mais eterno.

Apareci eu, só eu;
E à sessão, que não havia,
Presidi, e nomeei-me

Secretário, e falei-me.
Entrei na ordem do dia.

Se isto aconteceu agora,
Ou fora de toda hora
Que possa haver neste mundo,
Não sei, nem quero saber.
Sofro um descanso profundo
Da reunião por haver.

18-10-1934

Como é que qualquer cousa pode ser,
Como é que existe o ser e o haver,
Como é que há o que há um ser qualquer —
Isto nem eu nem Deus sabe dizer.

260

Por isso, atento de ignorar tudo,
O melhor é ser solene, calmo e mudo
Cheio de tudo, e vida e espanto.
Pobre, que □

21-10-1934

Bate dura na vidraça
A chuva que o vento açula.
Bate, cessa; bate e passa.
Minha sensação é nula.

261

Acostumado a sentir
O que os outros já sentiram,
Não sei com que alma hei de ouvir
Aquilo que outros ouviram.

Não sei se hei de achar-me bem
Em casa, ouvindo chover,
Ou chorar que a chuva tem
Um pranto por esquecer.

E assim me vou distraíndo
Da chuva que bate ou cessa,
Sem saber se estou sentindo,
Com a íntima alma possessa

De não saber se hei de ser
Que sou ou quem eu seria
Se eu fosse quem o chover
Convencesse que chovia.

1-11-1934

262

Bem sei, bem sei: eu sou essa criança
Que encontraram na estrada
Após aquela intérmina tardança
Que não quer dizer nada.

Sou a criança que não pude ser.
Dormem mundos em mim.
E ergo a cabeça que não sei erguer
Para mais que o meu fim.

Sim, tenho alma para os astros todos,
Eu sei o que é sonhar,
Com todos os sentidos e os modos
De nada vir a achar.

20-11-1934

Sob olhos que não olham — os meus olhos — 263
Passa o ribeiro, que nem sei se é
Rápido ou lento, passa incerto ao pé
Dos invisíveis spinhos e abrolhos
Da margem, minha estagnação sem fé.

É como um viandante que passasse
Por um muro de quinta abandonada
E, por não ter que olhá-lo, por ser nada
Para o seu interesse, o não olhasse,
Fiel somente ao nada seu — a estrada.

22-11-1934

Não tenho que sonhar que possam dar-me 264
Um dia, vero ou falso, as rosas vãs
Entre que em sonhos mortos fui achar-me
No alvorecer de incógnitas manhãs.

Não tenho que sonhar o que renego
Antes do sonho e o recusar a ter.
Sou no que sou como na vida é um cego
A quem causou horror o poder ver.

Isto, ou quási isto... Só do sonho morto
Me fica uma imprecisa hesitação —
Como se a nau □

22-11-1934

265

Nunca faz mal o que escrevas
Desde que não escrevas nada
Como não faz mal que bebas
Se não bebes à canada.

Vinho ao copo é muito pouco,
Vinho aos copos é ou não.
Eu vou fingir-me de louco
Que bêbado já eu sou.

28-11-1934

266

Não! Isso não!
Não tragas com essa cantiga —
Esse mero som de canção —
A tristeza de uma alegria antiga
Ao meu coração.

Essa cantiga de Lisboa
Era a que me cantava
Minha mãe quando eu mal andava.
A vida então era eu bebé e boa
E dia a dia a mesma estava.

Porque foste cantar
O que veio acordar
Em meu coração, que aquecia!
Como que um som de mar
Como que um ar de maresia?

Já sou triste bastante —
Para que precise
Que a tua voz, a distraída, cante,
Sem que com o canto encante
O antigo, o amigo. Mas enfim, dize...

Dize, ainda que eu sofrá... Canta bem —
Ou nada — nada me importa — essa canção
Com que me embala minha mãe,
Longe, longe, quando eu era ninguém
E andava ao colo, e também
Não tinha que pensar nem ter razão.

28-11-1934

Quando os anjos são gente são crianças,
Crianças pequeninas que não crescem
Porque, como aqui são
Visitas, só, das nossas esperanças,
Sorriem ante o nosso coração
Pouco tempo e depois desaparecem.

267

Será que o céu não pode aqui deixá-las
Mais que o tempo, tão pouco!, que há que dar
Para que o coração aprenda a amá-las,
E assim possa aprender a tudo amar?

Não sei... Talvez saudades da outra vida
As façam regressar depressa ao céu
Depois de estar sua missão cumprida —
Qualquer missão, a nós desconhecida,
De amor e paz que Deus nos deu.

Vêm, sorriem, passam, como a flor
Deixa cair as pétalas já fanadas...

Ai, Maria Leonor
Teus olhos cujo azul era o amor,
E as tuas pequenas mãos tão lindas!

29-11-1934

268 Sonhei — quem não sonhara? — porque a tarde
 Baixou o azul do céu e já se via
 Uma estrela pequena, sem alarde,
 Ainda em dia a desmentir o dia.

 Tudo quanto mal fiz ou não queria
 Numa fogueira que não vejo arde,
 Meu coração, que espera e não confia,
 É como um poço aonde a água tarde.

 Sonhei. Pois não havia de sonhar
 Vendo ante mim este céu brando e o mar,
 Ao longe um lago, parecer parado...

 Sonho... Não sei de quê, mas foi de um bem
 Que não sei se era algum ou se era alguém
 E que só conheci como ignorado.

29-11-1934

270 Exígua lâmpada tranquila,
 Quem te alumia e me dá luz,
 Entre quem és e eu sou oscila.

[30-11-1934]

271 Eu quisera pensar,
 Mas uma música
 Súbita, fez-me parar..
 Seguiu, tal como era
 Popular e seguida.

[30-11-1934]

Não, não sou nada, nem o quero ser. 272
Basta-me o ar que desce da montanha
E que me faz sentir que há em viver
□

[30-11-1934]

O som contínuo da chuva 273
A se ouvir lá fora bem
Deixa-nos a alma viúva
Daquilo que já não tem.

Quando era dia gozava
O sentimento da vida
Da interrupção que se dava
Entre cada □

[Outono de 1934]

Depois de ter seguido 274
A estrada que não via,
Fiquei na encruzilhada,
Acordei da enganada
Confusão em que eu ia
Firmemente perdido.

Não sei que vida é esta
Em cujo meio estou,
Que tem tantos caminhos
Que são como escaninhos
Em que se me arrumou
A força que me resta.

Hesito, porque há tanto
Que não posso escolher.
Tanto caminho, e eu
Sem saber qual o meu!
Tanto, e eu sem saber
O quanto, o quanto, o quanto...

O quanto me valera
Ir por este ou aquele
Dos caminhos que estão.
Eles para onde vão?

Se ao menos eu soubesse
Para onde quero ir,
Se ao menos morte ou sorte
Me dissesse onde é o norte,
Para eu poder seguir
Entre a sombra e a prece.

1-12-1934

275

Nesse número do *Orpheu* que há de ser feito
Com sóis e estrelas em um mundo novo.

Nunca supus que isto que chamam morte
Tivesse qualquer espécie de sentido..
Cada um de nós, aqui aparecido,
Onde manda a lei certa e a falsa sorte,

Tem só uma demora de passagem
Entre um comboio e outro, entroncamento
Chamado o mundo, ou a vida ou o momento;
Mas, seja como for, segue a viagem.

Por isso, embora num comboio expresso
Seguisses, e adiante do em que vou,
No términus de tudo, ao fim lá estou
Nessa ida que afinal é um regresso.

Porque na enorme gare onde Deus manda
Grandes acolhimentos se darão
Para cada prolixo coração
Que com seu próprio ser vive em demanda.

Hoje, falho de ti, sou dois a sós.
Há almas pares, as que conheceram
Onde os seres são almas □
□

Como éramos só um, falando! Nós
Éramos como um diálogo numa alma.
Não sei se dormes □ calma
Sei que, falho de ti, estou um a sós.

É como se esperasse eternamente
A tua vinda certa e combinada
Aí em baixo, no Café Arcada —
Quási no extremo deste Continente;

Aí onde escreveste aqueles versos
Do trapézio, do vice-rei, — sei eu —
Aquilo tudo que depois no *Orpheu*
□

Ah, meu maior amigo, nunca mais
Na paisagem sepulta desta vida
Encontrarei uma alma tão querida
Às coisas que em meu ser são as reais.

Não mais, não mais, e desde que saíste
Desta prisão fechada que é o mundo,
Meu coração é inerte e infecundo
E o que sou é um sonho que está triste.

Porque há em nós, por mais que consigamos
Ser nós mesmos a sós sem nostalgia,
Um desejo de termos companhia —
O amigo enorme que a falar amamos.

[1934]

276

Música... Que sei eu de mim?
Que sei eu de haver ser ou estar?
Música... Sei só que sem fim
Quero saber só de sonhar...

Música... Bem sei que faz mal
À alma entregar-se a nada...
Mas quero ser animal
Da insuficiência enganada.

Música... Se eu pudesse ter
Não o que penso ou desejo
Mas o que não pude haver
E que até nem em sonhos vejo,

Se tudo isso eu pudesse fruir
Entre as algemas de aqui estar!
Não faz mal. Flui,
Para que eu deixe de pensar!

[1934]

A mão posta sobre a mesa,
A mão abstrata, esquecida,
Imagem da minha vida...
A mão que pus sobre a mesa
Para mim mesmo é surpresa.

277

Porque a mão é o que temos,
Que define quem não somos.
Com ela aquilo fazemos
□

11-12-1934

Mas eu, casual e fortuito,
Factício até no que sou,
Sonho muito, penso muito
E indeterminadamente estou.

277A

Levantar-me da cadeira?
Que canseira!
Fazer um esforço a valer?
Para conquistar o quê?
A glória? A ciência? O poder?
O que é que tudo isso é?

Pastor que não és ninguém
Porque ninguém de ti cura,
A frescura que a tua alma tem
Tenho-a também, mas sem frescura.

Mas ao menos guardo
A fidelidade à inocência,
No que não faço ou no que tardo.
Que o Diabo leve, porque é dele a ciência!

[circa janeiro de 1935]

278 Num diminuendo que vem
Desde o princípio do mundo,
Meu coração não contém
Já mais que o seu próprio fundo.

Como quem vem dando esmola,
A quem vem sendo roubado,
Neste caminho, que é escola,
Do mundo que nos é dado,

Chego quási nu de mim
À hora de ser quem sou.
Não sei se é isto o meu fim.
Aqui conheço: aqui estou.

17-12-1934

279 Não deixes de falar, inda que tarde
O sentido no que dizes. Só dizeres
Em meu anónimo coração arde
Como se fosses mulheres...

Não deixes de falar. Em ti há tudo
Desde que eu sinta nada no que dizes.

26-12-1934

280 O burro vai nos caminhos
Do modo que os burros vão.
Eu vou na vida que vivo
Como os burros que aqui estão.

Sou como os inconscientes
Que andam só por ter andar.
Penso, mas pensar não serve
Para chegar a um lugar.

Mas chego, e eles também,
Porque chegar é viver.
Deem-me com que eu me entenda
E deixarei de entender.

26-12-1934

Colho impressões como se colhem flores.
Desfolho-as por dever de as ter colhido.
Há quem faça isso aos seus amores
E quem o faça ao amor inatingido...

281

Isto é difícil de dizer... Eu sou
Aquele que, tendo sentido isto,
De certo incerto modo o modelou,
E de tal forma □

7-1-1935

Não quero rosas, desde que haja rosas.
Quero-as só quando não as possa haver.
Que hei de fazer das coisas
Que qualquer mão pode colher?

282

Não quero a noite senão quando a aurora
A faz em ouro e azul se diluir.
O que a minha alma ignora —
É isso que quer possuir.

Para quê?... Se o soubesse, não faria
Versos para dizer que inda o não sei.
Tenho a alma pobre e fria...
Ah, com que esmola a aquecerei?...

7-1-1935

283

Foi um olhar casual,
Dado de lado,
Não a mim, mas ao lugar
Onde eu, homem, estava sentado.

Senti alegria, mas
Deixei de ter alegria...
Esses olhos são os que as
Que olham assim dão todo o dia...

Há um romântico imbecil
No melhor do melhor nosso,
Mas muitas vezes é, nulo e pueril,
Só o irmão gémeo do não-ouso.

7-1-1935

284

Quais são, enfim, as flores que colheste
No jardim falso que não visitaste?
São aquelas, já murchas, que me deste,
Ou aquelas, viçosas, que, em contraste,
Viste, admiraste e não trouxeste?

Respondes: Como poderia dar-te
Aqueles flores que não estavam lá?
Meu amor, eu não quero revelar-te

Os mistérios □

□ arte.

Porque as flores, e tudo que há no mundo

São coisas falsas que □

7-1-1935

Mas tu mulher, tu homem, tu criança,

Tu, menino da incógnita clareza,

Em que sonhos de sombra e de beleza

Banhaste de ouro e alarme a tua speranza?

285

Príncipe falso de domínios idos

Vivendo louco entre o que vive a estar,

Não tinhas aqui casa nem lugar,

Senhor pardo dos sonhos esquecidos...

Teu coração batia de outro modo

Que o ritmo que faz coisas das estrelas.

Para ti as manhãs seriam belas

Se ali pudesse estar teu sonho todo.

E assim, tomando a vida por brinquedo,

A escangalhaste, ainda se fora a tua.

Amuaste porque te não deu a lua

Quem dá a dor, as fórmulas e o medo.

E assim partiste, como um cavaleiro

Da Idade Média que só há em nós

À procura de anónimos avós

Que fossem donos do universo inteiro.

18-1-1935

286

O meu menino não dorme.
Não sei como dormirá.
Lá fora a noite é enorme
E não há lua, não há...

Meu menino chora, chora,
Não tem sossego consigo.
Voltei-o pra mim agora,
Mas não dorme, não consigo...

Já cantei quanto se canta...
Já lhe falei do papão...
Já lhe disse como encanta
A fada que tem condão...

Mas ele não dorme; vejo
Sempre os seus olhos abertos...
Dou-lhe um beijo e outro beijo
E estende os braços despertos...

Dorme, meu menino, dorme
Que a mãezinha vai dormir!
Lá fora a noite é enorme...
Dorme, meu menino, dorme
Que já te vejo a sorrir...

19-1-1935

287

Tudo quanto penso,
Tudo quanto sou
É um deserto imenso
Onde nem eu estou.

Extensão parada
Sem nada a estar ali.
Areia peneirada
Vou dar-lhe a ferroada
Da vida que vivi.

Vou dar-lhe o lixo que é
O que deixei de ter,
Deus queira que □
□

11-3-1935

Liberdade

288

(falta uma citação de Séneca)

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doura
Sem literatura.
O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa.

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando há bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca...

16-3-1935

289

Um dia baço mas não frio...
Um dia como
Se tivesse paciência pra ser dia,
E só num assomo
Num ímpeto vazio
De dever, mas com ironia,
Se desse luz a um dia enfim
Igual a mim,
Ou então
Ao meu coração
Um coração vazio
Não de emoção
Mas de buscar um fim —
Um coração baço mas não frio.

18-3-1935

António de Oliveira Salazar. 290

Três nomes em sequência regular...

António é António.

Oliveira é uma árvore.

Salazar é só apelido.

Até aí está bem.

O que não faz sentido

É o sentido que tudo isto tem.

29-3-1935

Este senhor Salazar 291

É feito de sal e azar.

Se um dia chove,

A água dissolve

O sal,

E sob o céu

Fica só o azar, é natural.

Oh, còs diabos!

Parece que já choveu...

29-3-1935

Coitadinho 292

Do tiraninho!

Não bebe vinho,

Nem sequer sozinho...

Bebe a verdade

E a liberdade,

E com tal agrado

Que já começam

A escassear no mercado.

Coitadinho
Do tiraninho!
O meu vizinho
Está na Guiné,
E o meu padrinho
No Limoeiro
Aqui ao pé,
Mas ninguém sabe porquê.

Mas, enfim, é
Certo e certo
Que isto consola
E nos dá fé:
Que o coitadinho
Do tiraninho
Não bebe vinho,
Nem até
Café.

UM SONHADOR NOSTÁLGICO DO
ABATIMENTO E DA DECADÊNCIA

[29-3-1935]

293

Mata os piolhos maiores
Essa droga que tu dizes.
Mas inda há bichos piores.
Vê lá, se arranjas veneno
(Ou grande ou médio ou pequeno)
Para matar diretrizes.

4-4-1935

Vai pra o seminário 294
Vai
O vento é contrário
Vai des-can-sar.

Já fizeste contas
Até que as tresleste.
Vê lá se me encontras
Do lado de leste.

[post 6-2-1935]

O amor é que é essencial. 295
O sexo é só um acidente.
Pode ser igual
Ou diferente.
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,
Embora às vezes doente.

5-4-1935

À Emissora Nacional 296

Para a gente se entreter
E não haver mais chatice
Queiram dar-nos o prazer
De umas vezes nos dizer
O que Salazar *não* disse.

Transmitem a toda a hora,
Nas entrelinhas das danças,
«Salazar disse» Emissora

E aí vem essa senhora
A Estada Nova com tranças.

Sim, talvez seja o melhor,
Porque estes homens do estado
Quando falam, é o pior,
E então quando são do teor
Do chatazar já citado!

[post primavera de 1935]

297

Solenemente
Carneirissimamente
Foi aprovado
Por toda a gente
Que é, um a um, animal,
Na assembleia nacional
Esse projeto do José Cabral.

Está claro
Que isso tudo
É desse pulha austero e raro
Que, em virtude de muito estudo,
E de outras feias coisas mais
É hoje presidente do conselho,
Chefe de intermináveis animais,
E astro de um estado novo muito velho.

Que quadra
Isso com qualquer coisa que se faça?
Nada.
A Igreja de Roma ladra
E a Maçonaria passa.

E eles todos a pensar
Na vitória que os uniu
Neste nada que se viu,
Dizem, lá se conseguiu,
Para onde agora avançar?
Olhem, vão pra o Salazar
Que é a puta que os pariu.

[post 5-4-1935]

Azul, azul, azul, o mar fraqueja
Em orlas brancas pela praia fora.
Só esse som, alegre e antigo, rumoreja
No lúcido silêncio desta hora.

298

O mais — quietude, e no horizonte ralo
Um nevoeiro ou bruma ou ilusão
Que é como que um inútil intervalo
No amplo azul que céu e águas são.

Sossega em mim, de ver, de ver, de ver,
Essa intranquilidade, a mágoa antiga
Que vem de se sentir viver,
Que vem de não poder querer
E de não ter uma alma nossa amiga.

Ah, mas essa dor,
Cheia de consciência do mutável
Da pobreza da vida e do amor
É tão antiga como o mar
E tem marés,
Cessa para recomeçar
Mais uma vez.

Que fiz da vida?
Que fez ela de mim?
Quanta coisa feliz ignorada ou perdida!
Quanto princípio que não teve fim!

Que sinto ante estas águas e este céu?
Ai de mim! Só o coração que é meu...

E no súbito azul em que reparo
Do mar, do antigo mar,
Pois despertei do sonho em que caíra,
Há uma carícia vaga, há um sorriso raro
Que parece falar
De qualquer paz além de gozo e dor,
De qualquer novo amor
Que transcende a verdade e a mentira.

E, desperto de todo, eu que dormia
O sono natural da sensação,
E que por isso não ouvia,
Oíço o som de ondas, claro, fresco, e uma
Brisa me passa pelo coração,
E estendo ao mar a mão
E o mar me estende sua mão, a espuma.

9-4-1935

299

A paz do dia, a luz que faz a paz —
Tudo isso faz
Que eu um momento esqueça quem me fiz —
O poeta abstrato e infeliz,
Que escreve para dar a entender
Que não tem nada que dizer.

19-4-1935

Elegia na Sombra

300

Lenta, a raça esmorece, e a alegria
É como uma memória de outrem. Passa
Um vento frio na nossa nostalgia
E a nostalgia torna-se desgraça.

Pesa em nós o passado e o futuro.
Dorme em nós o presente. E a sonhar
A alma encontra sempre o mesmo muro,
E encontra o mesmo muro ao despertar.

Quem nos roubou a alma? Que bruxedo
De que magia incógnita e suprema
Nos enche as almas de dolência e medo
Nesta hora inútil, apagada e extrema?

Os heróis resplandecem a distância
Num passado impossível de se ver
Com os olhos da fé ou os da ânsia.
Lembramos névoa, sombras a esquecer.

Que crime outrora feito, que pecado
Nos impôs esta estéril provação
Que é indistintamente nosso fado
Como o presente nosso coração?

Que vitória maligna conseguimos —
Em que guerra, com que armas, com que armada? —
Que assim o seu castigo irreal sentimos
Colado aos ossos desta carne errada?

Terra tão linda com heróis tão grandes,
Bom sol universal localizado
Pelo melhor calor que aqui expandes,
Calor suave e azul só a nós dado —

Tanta beleza dada e glória ida!
Tanta esperança que, depois da glória,
Só conheceu que é fácil a descida
Das encostas anónimas da história!

Tanto, tanto! Que é feito de quem foi?
Ninguém volta? Do mundo subterrâneo
Onde a sombria luz por nula dói,
Pesando sobre onde já esteve o crânio,

Não restitui Plutão a sob o céu
Um herói ou o ânimo que o faz,
Como Eurídice dada à dor de Orfeu;
Ou restituiu, e olhámos para trás?

Nada. Nem fé nem lei, nem mar nem porto.
Só a prolixa estagnação das mágoas,
Como nas tardes baças, no mar morto,
A dolorosa solidão das águas.

Povo sem nexo, raça sem suporte,
Que, agitada, indecisa, nem repare
Em que é raça, e que aguarda a própria morte
Como a um comboio expresso que aqui pare.

Torvelinho de dúvidas, descrença
Da própria consciência de se a ter,
Nada há em nós que, firme e crente, vença
Nossa impossibilidade de querer.

Plagiários da sombra e do abandono,
Registramos, quietos e vazios,
Os sonhos que há antes que venha o sono
E o sono inútil que nos deixa frios.

Oh, que há de ser de nós? Raça que foi
Como que um novo sol ocidental
Que houve por tipo o aventureiro e o herói
E outrora teve nome Portugal...

(Fala mais baixo! Deixa a tarde ser
Ao menos uma externa quietação
Que por ser fora faça menos doer
Nosso descompassado coração.

Fala mais baixo! Somos sem remédio,
Salvo se do ermo abismo onde Deus dorme
Nos venha despertar do nosso tédio
Qualquer obscuro sentimento informe.

Silêncio quási! Nada digas! Cala
A esperança vazia em que te acho,
Pátria. Que doença de teu ser se exala?
Tu nem sabes dormir. Fala mais baixo!)

Ó incerta manhã de neveiro
Em que o Rei morto vivo tornará
Ao povo ignóbil e o fará inteiro —
És qualquer coisa que Deus quer ou dá?

Quando é a tua Hora e o teu Exemplo?
Quando é que vens, do fundo do que é dado,
Cumprir teu rito, reabrir teu Templo
Vendendo os olhos lúcidos do Fado?

Quando é que soa, no deserto de alma
Que Portugal é hoje, sem sentir,
Tua voz, como um balouçar de palma
Ao pé do oásis do que possa vir?

Quando é que esta tristeza desconforme
Verá, desfeita a tua cerração,
Surgir um vulto, no nevoeiro informe,
Que nos faça sentir o coração?

Quando? Estagnamos. A melancolia
Das horas sucessivas que a alma tem
Enche de tédio a noite, e chega o dia
E o tédio aumenta porque o dia vem.

Pátria, quem te feriu e envenenou?
Quem, com suave e maligno fingimento
Teu coração suposto sossegou
Com abundante e inútil alimento?

Quem fez que durmas mais do que dormias?
Que fez que jazas mais que até aqui?
Aperto as tuas mãos: como estão frias!
Mãe do meu ser que te ama, que é de ti?

Vives, sim, vives porque não morreste...
Mas a vida que vives é um sono
Em que indistintamente o teu ser veste
Todos os sambenitos do abandono.

Dorme, ao menos, de vez. O Desejado
Talvez não seja mais que um sonho louco
De quem, por muito te ter, Pátria, amado,
Acha que todo o amor por ti é pouco.

Dorme, que eu durmo, só de te saber
Presa da inquietação que não tem nome
E nem revolta ou ânsia sabe ter
Nem da esperança sente sede ou fome.

Dorme, e a teus pés teus filhos, nós que o somos,
Colheremos, inúteis e cansados
O agasalho do amor que ainda pomos
Em ter teus pés gloriosos por amados.

Dorme, mãe Pátria, nula e postergada,
E, se um sonho de esperança te surgir,
Não creias nele, porque tudo é nada,
E nunca vem aquilo que há de vir.

Dorme, que a tarde é finda e a noite vem.
Dorme, que as pálpebras do mundo incerto
Baixam solenes, com a dor que têm,
Sobre o mortíço olhar inda desperto.

Dorme, que tudo cessa, e tu com tudo,
Quererias viver eternamente,
Ficção eterna ante este espaço mudo
Que é um vácuo azul? Dorme, que nada sente,

Nem paira mais no ar, que fora almo
Se não fora a nossa alma erma e vazia,
Que o nosso fado, vento frio e calmo
E a tarde de nós mesmos, calma e fria —

Como — longínquo sopro altivo e humano! —
Essa tarde monótona e serena
Em que, ao morrer, o imperador romano
Disse: *Fui tudo, nada vale a pena.*

2-6-1935

Azul ou verde ou roxo, quando o sol
O doura falsamente de vermelho,
O mar é áspero, casual ou mole,
É uma vez abismo e outra espelho.
Evoco porque sinto velho
O que em mim quereria mais que o mar
Já que nada ali há por desvendar.

Os grandes capitães e os marinheiros
Com que fizeram a navegação,
Jazem longínquos, lúgubres parceiros
Do nosso esquecimento e ingratidão.
Só o mar, às vezes, quando são
Grandes as ondas e é de veras mar
Parece incertamente recordar.

Mas sonho... O mar é água, é água nua,
Serve do obscuro ímpeto distante
Que, como a poesia, vem da lua
Que uma vez o abata e outra o levante.
Mas, por mais que descante
Sobre a ignorância natural do mar,
Pressinto-o, vagamente, a memorar.

Quem sabe o que é a alma? Quem conhece
Que alma há nas coisas que parecem mortas,
Quanto em terra ou nos mares nunca esquece.
Quem sabe se no espaço vácuo há portas?
Ó sonho, que me exortas
A meditar assim a voz do mar,
Ensina-me a saber-te meditar.

Capitães, contramestres — todos nautas
Da descoberta infiel de cada dia —
Acaso vos chamou de ignotas flautas

A vaga e impossível melodia.
Acaso o vosso ouvido ouvia
Qualquer coisa do mar sem ser o mar —
Sereias só de ouvir, e não de achar?

Quem, através de intérminos oceanos
Vos chamou à distância, como quem
Soubesse que há nos corações humanos
Não só uma ânsia natural do bem,
Mas, mais vaga, mais subtil também,
Uma coisa que quer o som do mar
E o estar longe de tudo e não parar.

Se assim é, e se vós e o mar imenso
Sois qualquer coisa, vós por o sentir
E o mar por o ser, disto que penso;
Se no fundo ignorado do existir
Há mais alma que a que pode vir
À tona vã de nós, como à do mar,
Fazei-me livre, enfim, de o ignorar.

Dai-me uma alma transposta de argonauta,
Fazei que eu tenha, como o capitão
Ou o contramestre, ouvidos para a flauta
Que chama ao largo o nosso coração,
Fazei-me ouvir, como a um perdão,
Numa reminiscência de ensinar,
O antigo português que fala o mar!

9-6-1935

Praça da Figueira

Ainda que escritos sobre o tema popular dos três Santos lisboetas de junho, estes poemas não são, nem pretendi que fossem, populares. Baseados no obscuro sentimento pagão do nosso povo, pretendeu-se que o passassem para outro nível; que, sendo fiéis à emoção simples do povo lisboeta, a interpretassem, sem obscuridade desnecessária, com as complexidades naturais da inteligência.

Foram escritos, todos os três, no dia 9 de junho de 1935. Cronologicamente, pois, não há neles erro, salvo se houver qualquer coisa de erro em toda antecipação.

Santo António

Nasci exatamente no teu dia —
Treze de junho, quente de alegria,
Citadino, bucólico e humano,
Onde até esses cravos de papel
Que têm uma bandeira em pé quebrado
Sabem rir..
Santo dia profano
Cuja luz sabe a mel
Sobre o chão de bom vinho derramado!

Santo António, és portanto
O meu santo,
Se bem que nunca me pegasses
Teu franciscano sentir,
Católico, apostólico e romano.

(Refleti.
Os cravos de papel creio que são
Mais propriamente, aqui,
Do dia de S. João...

Mas não vou escangalhar o que escrevi.
Que tem um poeta com a precisão?)

Adiante... Ia eu dizendo, Santo António,
Que tu és o meu santo sem o ser.
Por isso o és a valer,
Que é essa a santidade boa,
A que fugiu deveras ao demónio.
És o santo das raparigas,
És o santo de Lisboa,
És o santo do povo.
Tens uma auréola de cantigas,
E então
Quanto ao teu coração —
Está sempre aberto lá o vinho novo.

Dizem que foste um pregador insigne,
Um austero, mas de alma ardente e ansiosa,
Et cetera...
Mas qual de nós vai tomar isso à letra?
Que de hoje em diante quem o diz se digne
Deixar de dizer isso ou qualquer outra cousa.

Qual santo! Olham a árvore a olho nu
E não a veem, de olhar só os ramos.
Chama-se a isto ser doutor
Ou investigador.

Qual Santo António! Tu és tu.
Tu és tu como nós te figuramos.

Valem mais que os sermões que deveras pregaste
As bilhas que talvez não concertaste.
Mais que a tua longínqua santidade
Que até já o Diabo perdoou,

Mais que o que houvesse, se houve, de verdade
No que — aos peixes ou não — a tua voz pregou,
Vale este sol das gerações antigas
Que acorda em nós ainda as semelhanças
Com quando a vida era só a vida e instinto,
As cantigas,
Os rapazes e as raparigas,
As danças
E o vinho tinto.

Nós somos todos quem nos faz a história.
Nós somos todos quem nos quer o povo.
O verdadeiro título de glória,
Que nada em nossa vida dá ou traz
É haver sido tais quando aqui andámos,
Bons, justos, naturais em singeleza,
Que os descendentes dos que nós amámos
Nos promovem a outros, como faz
Com a imaginação que há na certeza,
O amante a quem ama,
E o faz um velho amante sempre novo.
Assim o povo fez contigo
Nunca foi teu devoto; é teu amigo,
Ó eterno rapaz.

(Qual santo nem santeza!
Deita-te noutra cama!)
Santos, bem santos, nunca têm beleza.
Deus fez de ti um santo ou foi o Papa?...
Tira lá essa capa!
Deus fez-te santo? O Diabo, que é mais rico
Em fantasia, promoveu-te a manjerico.

És o que és para nós. O que tu foste
Em tua vida real, por mal ou bem,

Que coisas ou não-coisas se te devem
Com isso a estéril multidão arrote
Na nora de erros duns burros que puxam, quando escrevem,
Essa prolixa nulidade, a que se chama história.
Quem foste tu, ou foi alguém,
Só Deus o sabe, e mais ninguém.

És pois quem nós queremos, és tal qual
O teu retrato, como está aqui,
Neste bilhete postal.
E parece-me até que já te vi.

És este, e este és tu, e o povo é teu —
O povo que não sabe onde é o céu,
E nesta hora em que vai alta a lua
Num plácido e legítimo recorte,
Atira risos naturais à morte,
E, cheio de um prazer que mal é seu,
Em canteiros que andam enche a rua.

Sê sempre assim, nosso pagão encanto,
Sê sempre assim!
Deixa lá Roma entregue à intriga e ao latim,
Esquece a doutrina e os sermões.
De mal, nem tu nem nós merecíamos tanto.
Foste Fernando de Bulhões,
Foste Frei António —
Isso sim.
Porque demónio
É que foram pregar contigo em santo?

S. João

Ó Precursor, fizeste-la bonita!
Não que teu Cristo, incarnação do Bem —
Não seja quem
Deveras seja o teu Divino Anunciado.
O mal são os que após, sem mística divina,
Nem ternura cristã, ou só humana,
Meteram a Jesus na cela da doutrina
Com as algemas do ódio manietado
Para depois manchar de falsa fé
O pobre homem que todo homem é

A cruel multidão negramente infinita
Que tem sido o algoz ou o ladrão
Da ingénua humanidade aflita —
Esses que, aqui mesmo, pelos modos,
Dão ao inferno realização...
Ah, não podiam ser piores, nem
Que a mulher do Diabo, se ele a tem,
Os tivesse parido a todos.

Eu bem sei que houve muito santo e crente,
Muito puro, bondoso e inocente.
Bem sei, bem sei:
Sei-o eu e sabe-o toda a gente.
Mas esses, cuja alma está em Cristo
São só isto —
Qualquer remédio que se dissolvesse
No chá que para isso há,
E cujo gosto nele se perdesse;
O chá fica sabendo só a chá.
Se o remédio faz bem,
Não o sabe ninguém.
Que o chá não presta, não duvida alguém.

Sabemos isso, e sabê-lo-ia antes
De todos nós teu Mestre que viria,
Profeta, Deus e guia dos errantes.
Quão dolorosamente o saberia!
Sei que houve astros no céu da fé vazia.
Sei, mas repara que falso isso soa!
Por mais astros que a noite use brilhantes,
Que Diabo!, a noite não se chama dia.

Ó Precursor! Fizeste-a boa!

Deliro. Para nós, os de Lisboa,
Não és o precursor de nada.
És um rapaz ainda menino
Que tem por missão boa,
Por missão sorridente e sossegada
Ter ao colo um cordeiro pequenino.

Lá o que esse cordeiro significa
Não tem cheiro
Para o povo, que tem a alma rica
Da emoção que não conhece.
Para ele o cordeiro é um cordeiro,
E o menino sorri e a vida esquece.

O resto são fogueira
E os saltos dados a gritar
Com um medo exagerado
Feito tudo de maneira
A mostrar
O riso, as pernas e o agrado.
É quente e anónima a aragem,
Tudo é juventude e viço
Num arraial multicolor e vasto.
Bonito serviço

Como homenagem
A quem, ainda com cabeça, foi um casto!

Mas é assim que és
E é assim que serás,
Até que pisem esta terra os pés
Do último fado que o Destino traz.

Então, esperamos, eu e todos,
Ver-te «surgir no céu», como quem vence
Tudo que é realidade ou ilusão
Por o menino ser que lhe pertence,
E os seus bons e santos modos
«Com o cordeirinho na mão»,
Como te viu Catulo Cearense.

Mas, desçamos à terra,
Que, por enquanto, o céu aterra,
Porque antes disso mete a morte.
Há muita coisa desconhecida
Na tua vida.
Tens muita sorte
Em ninguém saber da partida
Que em mil setecentos e dezassete
Tu fizeste à Igreja constituída.
Estavas, eu bem sei, cansado
Com o que a Igreja se intromete
Com tua vida e o teu divino fado.

E foi então que, para te vingar
E, à maneira de santo, os arreliar,
Desceste mansamente à terra
Perfeitamente disfarçado
E fizeste entre os homens da razão
Um milagre arrojado,

Mas cuja assinatura se erra,
Quando em teu dia, S. João do verão,
Fundaste a Grande Loja de Inglaterra.

Isto agora é que é bom,
Se bem que vagamente rocambólico.
Eu a julgar-te até católico,
E tu sais-me maçõn.

Bem, aí é que há espaço para tudo,
Para o bem temporal do mundo vário.
Que o teu sorriso doure quanto estudo
E o teu Cordeiro
Me faça sempre justo e verdadeiro,
Pronto a fazer falar o coração
Alto e bom som
Contra todas as fórmulas do mal,
Contra tudo que torne o homem precário.
Se és maçõn,
Sou mais do que maçõn — eu sou templário.

Esqueço-te Santo.
Deslembro o teu indefinido encanto.

Meu Irmão, dou-te o abraço fraternal.

S. Pedro

Tu, que Diabo?, és velho.
És o único dos três que traz velhice
Às festas. Tuas barbas brancas
Têm contudo um ar terno
A que o teu duro olhar não dá razão.
Parece que com essas barbas brancas

Por um fenómeno de imitação
Pretendes ter um ar de Padre Eterno.

Carcereiro do céu, isso é o que és,
Basta ver o tamanho dessas chaves —
As que Roma cruzou no seu brasão.
Segundo aquele passo do Evangelho
Do «Tu és Pedro» et cetera (tu sabes),
Que é, afinal, uma fraude
Meu velho, uma interpolação.

Carcereiro do céu, que chaves essas!
Nem dão vontade de ser bom na terra,
Se, segundo evangélicas promessas
Vamos parar, no fim, a um céu claustral.
Isso — fechem-me — não quero eu,
Nem com Deus e o que é seu
Que o estar fechado faz-me mal
Até na beatitude do teu céu,
Entre os santos do paraíso,
(A liberdade Deus dá a Deus —
Um Deus que não sei se é o teu),
O estar fechado, aqui ou ali, dizia eu
Faz-me terríveis cócegas no juízo.

Enfim, que direi eu de ti, amigo,
Que não seja uma coisa morta,
Antipopular, gongórica,
Por fruste deselegante,
Como de quem, sem saber nada, exorta.
Começo por duvidar bastante,
Desculpa-me chaveiro antigo,
De que tivesses existência histórica.

Mas isso, é claro, não importa
Se nos trazes
A alegria da singeleza
Ou a bondade que não sabe ter tristeza.
O pior é que nada disso fazes.
O teu semblante é duro e cru
E as barbas que roubaste ao Deus que tens
Só arrancam aos dândis teus loquazes
Ditos de dandíssimos desdéns.
Que diabo, és uma série de ninguéns.
O Santo são as chaves, e não tu.

Para uns és S. Pedro, o grão porteiro,
Para outros as barbas já citadas,
Para uns o tal fatídico chaveiro
Que fecha à chave as almas sublimadas.
Para uns fundaste a Roma do Papado
(Andavas bêbado ou enganado
Ou esqueceste
O teu Mestre quando o fizeste)
E para outros enfim, como é o povo
E segundo as ideias que ele faz,
És quem lhe não vem dar nada de novo —
Umhas barbas com S. Pedro lá por trás.

É difícil tratar-te em verso ou prosa,
Tudo em ti, salvo as barbas, é incerto.
Tudo teu, salvo as chaves, não tem ser.
E a alma mais humilde é clamorosa
De qualquer coisa que se possa ver,
Em sonho até, qual se estivesse perto.

Olha, eu confesso
Que nunca escreveria
Este vago poema, em que me apresso

Só para me ver livre do teu nada,
Se não fosse para dar um cunho
A este livro da trilogia
(Santo António, S. João, S. Pedro. —
De popular, que bem que soa!)
Mas porque diabo de intuição errada
É que vieste parar a junho
E a Lisboa?

Isto aqui ainda tem
Um sorriso que lhe fica bem,
Que até, até
No teu dia,
(Ó estupor velho
Com um chavelho,
Nas ruas
O povo anda com alegria,
É fé,
Não em ti nem nas barbas tuas
Mas no que a alegria é.

Olha, acabei.
Que mais dizer-te, não sei.
Espera lá, olha.
Roma, fingindo que viceja,
Lentamente se desfolha.
Um gesto volvente e mudo
Teu último gesto seja.
Se tens poder milagroso,
Se essas chaves abrem tudo,
Deixa esse céu lastimoso.
Deixa de vez esse céu,
Desce até à humanidade
E abre-lhe, enfim, no maior gesto teu,
As portas da Justiça e da Verdade.

9-6-1935

Sim, um momento
Ainda passas
Pelo meu vago pensamento,
E lembrar-te seria um tormento
Se imaginar fosse desgraças.

Sim, nessa hora
Em que falámos mais a olhar
Do que a falar
Resultou esta irónica demora
Que tenho agora ao te lembrar.

Apareceste
Em minha vida
Como uma coisa que estava lá fora.
Desapareceste.
Mais tarde soube da tua ida.

Contudo, contudo,
Conseguiste
Prender-me um pouco o coração.
É um coração triste
E não
Se entende com tudo

Nem tem jeito
Para se fazer amar
Ou para o imaginar,
Salvo quando
Teu olhar
Teimosamente brando
Me fazia saltar
O coração dentro do peito.

Onde ia eu?
Já me esquecia.
Sim, o meu coração foi teu
Naquele dia,
Naquele dia ou noutro dia...
Nem se houvesse outra terra ou outro céu
Qualquer coisa aconteceria.

19-7-1935

304 Já estou tranquilo. Já não spero nada.
Já sobre meu vazio coração
Desceu a inconsciência abençoada
De nem querer uma ilusão.

20-7-1935

305 Começa a ir ser dia.
O céu negro começa,
Numa menor negrura
Da sua noite escura,
A ter uma cor fria
Onde a negrura cessa.

Um negro azul cinzento
Emerge vagamente
De onde o Oriente dorme
Seu tardo sono informe,
E há um frio sem vento
Que se ouve e mal se sente.

Mas eu, o mal-dormido,
Não sinto noite ou frio,

Nem sinto vir o dia
Da solidão vazia...
Só sinto o indefinido
Do coração vazio.

Em vão o dia chega
A quem não dorme, a quem
Não tem que ter razão
Dentro do coração,
Que quando vive nega
E quando ama não tem.

Em vão, em vão, e o céu
Azula-se de verde
Acinzentadamente.
Que é que a minha alma sente?
Nem isto, não, nem eu,
Na noite que se perde.

23-7-1935

A Outra

306

Amamos sempre no que temos
O que não temos quando amamos.
O barco para, largo os remos
E, um a outro, as mãos nos damos.
A quem dou as mãos?
À Outra.

Teus beijos são de mel de boca,
São os que sempre pensei dar,
E agora a minha boca toca
Os beijos que eu sonhei beijar.

De quem são os beijos?
Da Outra.

Os remos já caíram na água,
O barco faz o que a água quer.
Meus braços vingam minha mágoa
No abraço que enfim podem ter.
Quem abraço?
A Outra.

Bem sei, és bela, és quem desejo...
Não deixa a vida que eu deseje
Mais que o que pode ser teu beijo
E poder ser eu que te beije.
Beijo, e em quem penso?
Na Outra.

Os remos vão perdidos já,
O barco vai não sei para onde.
Que fresco o teu sorriso está,
Ah, meu amor, e o que ele esconde!
Que é do sorriso
Da Outra?

Ah, talvez, mortos ambos nós,
Num outro rio sem lugar
Em outro barco outra vez só
Possamos nos recomeçar,
Que talvez sejam
A Outra.

Mas não, nem onde essa paisagem
É sob eterna luz eterna
Te acharei mais que alguém na viagem
Que amei com ansiedade terna

Por ser parecida
Com a Outra.

Ah, por ora, idos remo e rumo,
Dá-me as mãos, a boca, o teu ser.
Façamos desta hora um resumo
Do que não poderemos ter.
Nesta hora, a única,
Sê a Outra!

28-7-1935

Através da radiofonia
A melancólica voz
De não sei que melodia,
Ou de quem a canta a sós
Ante um microfono morto
Como que chega ao porto
Quando chega até nós.

307

Quantos, como eu,
Sentem agora
A atração de banalidade e céu
Dessa canção
Que foi marcada nos jornais para esta hora
Mas punge o coração.
Ah, não há hora, nem há emissora,
Nem aparelho surdo a que cantar
Que possa enganar
O que o coração chora,
Que possa evitar
Que se levante o véu
Do que se passa nesta hora
Entre a banalidade e o céu.

Que estúpida canção
É, palavra a palavra,
O que esse francês vem cantar
Da sua lavra.
Enchem-se-nos os olhos de lágrimas.
Porque não?
Mas não, não quero chorar.
Um poeta ter lágrimas
Perante um cantar!
Que vergonha para a poesia!
Mas o coração
Com o que quero nada quer,
E vai na esteira de essa voz e melodia
Sem eu o saber.

28-7-1935

308

Sim, é o Estado Novo, e o povo
Ouviu, leu e assentiu.
Sim, isto é um Estado Novo,
Pois é um estado de coisas
Que nunca antes se viu.

Em tudo paira a alegria,
E, de tão íntima que é,
Como Deus na teologia
Ela existe em toda a parte
E em parte alguma se vê.

Há estradas, e a grande Estrada
Que a tradição ao porvir
Liga, branca e orçamentada,
E vai de onde ninguém parte
Para onde ninguém quer ir.

Há portos, e o porto-maca
Onde vem doente o cais.
Sim, mas nunca ali atraca
O paquete *Portugal*
Pois tem calado de mais.

Há esquadra... Só um tolo o cala,
Que a inteligência, propícia
A achar, sabe que, se fala,
Desde logo encontra a esquadra:
É uma esquadra de polícia.

Visão grande! Ódio à minúscula!
Nem para prová-la tal
Tem alguém que ficar triste:
União Nacional existe,
Mas não união nacional.

E o Império? Vasto caminho
Onde os que o poder despeja
Conduzirão com carinho
A civilização cristã,
Que ninguém sabe o que seja.

Com «diretrizes» à arte
Reata-se a tradição,
E juntam-se Apolo e Marte
No Teatro Nacional,
Que é onde era a Inquisição.

E a fé dos nossos maiores?
Forma-a, impoluta, o consórcio
Entre os padres e os doutores.
Casados o Erro e a Fraude,
Já não pode haver divórcio.

Que a fé seja sempre viva,
Porque a esperança não é vã!
A fome corporativa
É derrotismo. Alegria!
Hoje o almoço é amanhã.

29-7-1935

309

O Rei

O Rei, cuja coroa de oiro é luz
Fita do alto trono os seus mesquinhos.
Ao meu Rei coroaram-O de espinhos
E por trono Lhe deram uma cruz.

O olhar fito do Rei a si conduz
Os olhares fitados e vizinhos
Mas mais me fitam, e mortas sem carinhos,
As pálpebras descidas de Jesus.

O Rei fala, e um seu gesto tudo prende,
O som da sua voz tudo transmuda.
E a Sua viva majestade espande,

Meu Rei morto tem mais que majestade:
Fala a Verdade nessa boca muda;
Suas mãos presas são a Liberdade.

31-7-1935

No túmulo de Christian Rosencreutz

311

Não tínhamos ainda visto o cadáver de nosso Pai prudente e sábio. Por isso afastámos para um lado o altar. Então pudemos levantar uma chapa forte de metal amarelo, e ali estava um belo corpo célebre, inteiro e incorrupto....., e tinha na mão um pequeno livro em pergaminho, escrito a ouro, intitulado T., que é depois da Bíblia o nosso mais alto tesouro nem deve ser facilmente submetido à censura do mundo.

Fama Fraternitatis Roseae Crucis

I

Quando, despertos deste sono, a vida,
Soubermos o que somos, e o que foi
Essa queda até Corpo, essa descida
Até à Noite que nos a Alma obstrui,

Conhecemos pois toda a escondida
Verdade do que é tudo que há ou flui?
Não: nem na Alma livre é conhecida...
Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui.

Deus é o homem de outro Deus maior:
Adão Supremo, também teve Queda;
Também, como foi nosso Criador,

Foi criado, e a Verdade lhe morreu...
De além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda;
Aquém não a há no Mundo, Corpo Seu.

II

Mas antes era o Verbo, aqui perdido
Quando a Infinita Luz, já apagada,
Do Caos, chão do Ser, foi levantada
Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido.

Mas se a Alma sente a sua forma errada,
Em si, que é Sombra, vê enfim luzido
O Verbo deste Mundo, humano e ungido,
Rosa Perfeita, em Deus crucificada.

Então, senhores do limiar dos Céus,
Podemos ir buscar além de Deus
O Segredo do Mestre e o Bem profundo;

Não só de aqui, mas já de nós, despertos,
No sangue atual de Cristo enfim libertos
Do a Deus que morre a geração do Mundo.

III

Ah, mas aqui, onde irreais erramos,
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,
Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?
Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?
Nosso toque é ausência e vacuidade.

Quem desta Alma fechada nos liberta?
Sem ver, ouvimos para além da sala
De ser: mas como, aqui, a porta aberta?

Calmo na falsa morte a nós exposto,
O Livro ocluso contra o peito posto,
Nosso Pai Roseacruz conhece e cala.

[1935]

Há quanto tempo isso foi!
Nem sei se foi nesta vida...
Lembrá-lo dói
Não conseguir lembrá-lo é uma ferida...

312

Sim, eras tu,
Ou alguém que hoje és,
O teu pé nu
Pousava sobre o leão que era a teus pés.

Isto, está claro, nunca poderia
Ter acontecido,
Mas, se pudesse, a gente viveria
Menos aborrecido.

Ah, teu longínquo olhar!
Teus beijos do passado!
Já os não sei amar
Por nunca os ter amado.

E tudo isto, que promete
Abismos de emoção
Vem só de eu estar olhando pra um tapete
Que está, como tudo, no chão.

10-8-1935

Este nó no lenço é
Para eu me lembrar, e até
Não me esquecer de lembrar...
Tem vantagens, já se vê.
Já sei que me hei de lembrar,
Que tenho que me lembrar,
Mas que me lembrar de quê?

314

18-8-1935

315 Dizem que o Jardim Zoológico
Tem sido mais concorrido
Por prolongada assistência
Atenta a cada animal.
Mas isso que é senão lógico
Se acabou
A concorrência
Porque fechou
A Assembleia Nacional?

18-8-1935

316 Sei bem que não consigo
O que não quero ter,
Que nem até prossigo
Na estrada até querer.

Sei que não sei da imagem
Que era o saber que foi
Aquela personagem
Do drama que me dói.

Sei tudo. Era presente
Quando abdiquei de mim...
E o que a minha alma sente
Ficou nesse jardim.

18-8-1935

317 Se eu pudesse não ter o ser que tenho
Seria feliz aqui...
Que grande sonho
Ser quem não sabe quem é e sorri!

Mas eu me estranho
Se em sonho me vi
Tal qual no tamanho
O que nunca vi.

18-8-1935

Virgem Maria

318

Mãe de quem não tem mãe, no teu regaço
Poisa a cabeça a dor universal
E dorme, ébria do fim do seu cansaço...

E tens na mão, usado e nunca imundo,
O pequenino lenço maternal
Com que enxugas as lágrimas do mundo.

21-8-1935

Dizem-me que vão apresentar
Na Sociedade das Nações
Um livro feito pra provar
(Não sei se em forma clara ou escura)
Que os abexins não têm razões
Pois na Abissínia há escravatura.

318A

Se isto é feito a favor da Itália,
É argumento que não dura
O tempo que uma criatura
Leva a esfolhar □ a dália:
Na Itália fasce a escravatura.
Na Itália tudo é escravatura.

[circa setembro de 1935]

Aquilo que a gente lembra
Sem o querer lembrar,
E incerto se desmembra
Como um fumo no ar,
É a música que a alma tem,
É o perfume que vem,
Vago, inútil, trazido
Por uma brisa de agrado,
Do fundo do que é esquecido,
Dos jardins do passado.

Aquilo que a gente sonha
Sem saber de sonhar,
Aquela boca risonha
Que nunca nos quis beijar,
Aquela vaga ironia
Que uns olhos tiveram um dia
Para a nossa emoção —
Tudo isso nos dá o agrado,
Do aroma que as flores são
Nos jardins do passado.

Não sei o que fiz da vida,
Nem o que quero saber.
Se a tenho por perdida,
Sei eu o que é perder?
Mas tudo é música se há
Alma onde a alma está,
E há um vago, suave sono,
Um sonho morno de agrado,
Quando regresso, dono,
Aos jardins do passado.

[2-9-1935]

Desce a névoa da montanha, 320
Desce ou nasce ou não sei quê...
Minha alma é a tudo estranha.
Quando vê, vê que não vê.

Mais vale a névoa que a vida...
Desce, ou sobe: enfim, existe.
E eu não sei em que consiste
Ter a emoção por vivida,
E, sem querer, estou triste.

2-9-1935

Já não me importo 321
Até com o que amo ou creio amar.
Sou um navio que chegou a um porto
E cujo movimento é ali estar.

Nada me resta
Do que quis ou achei.
Cheguei da festa
Como fui para lá ou ainda irei.

Indiferente
A quem sou ou suponho que mal sou,
Fito a gente
Que me rodeia e sempre rodeou,

Com um olhar
Que, sem o poder ver,
Sei que é sem ar
De olhar a valer.

E só me não cansa
O que a brisa me traz
De súbita mudança
No que nada me faz.

2-9-1935

322

Não sou feio nem bonito,
Não sou o a quem alguém recorde,
Nem há alguém que deixe escrito
Que se lembra de mim; e o acorde
Do realejo chora aflito.

3-9-1935

323

Un Soir à Lima

Vem a voz da radiofonia e dá
A notícia num arrastamento vão:
«A seguir
Un Soir à Lima»...

Cesso de sorrir...
Para-me o coração...

E, de repente,
Essa querida e maldita melodia
Rompe do aparelho inconsciente...
Numa memória súbita e presente
Minha alma se extravia...
O grande luar da África fazia
A encosta arborizada reluzente.

A sala em nossa casa era ampla, e estava
Posta onde, até ao mar, tudo se dava
À clara escuridão do luar ingente...
Mas só eu, à janela.
Minha mãe estava ao piano
E tocava...
Exatamente
«Un Soir à Lima».

Meu Deus, que longe, que perdido, que isso está!
Que é do seu alto porte?
Da sua voz continuamente acolhedora?
Do seu sorriso carinhoso e forte?
O que hoje há
Que mo recorda é isto que oiço agora
Un Soir à Lima.
Prossigue na radiofonia
A mesma, a mesma melodia
O mesmo «Un Soir à Lima»

Seu cabelo grisalho era tão lindo
Sob a luz
E eu que nunca pensei que ela morresse
E me deixasse entregue a quem eu sou!
Morreu, mas eu sou sempre o seu menino.
Ninguém é homem para a sua mãe!

E inda através de lágrimas não falha
À memória que tenho
O recorte perfeito de medalha
Daquele perfeitíssimo perfil.
Chora, ao lembrar-te, mãe, romana e já grisalha,
Meu coração sempre infantil.
Vejo teus dedos no teclado e há
Luar lá fora eternamente em mim.

Tocas em meu coração, sem fim,
Un Soir à Lima.

O silêncio fatal das coisas findas
As tuas mãos pequenas e tão lindas
Com escrúpulo risonho e familiar
Com um sorriso em que não há
Nada senão o eternamente humano
Tiravas da quietude do piano
Un Soir à Lima.

Tinhas, perfil, um rosto de medalha
Eras de frente, e olhando, a minha mãe
Como hoje o teu olhar me falha
E o teu perfil me lembra bem

«Os pequenos dormiram logo?»
«Ora, dormiram logo».
«Esta está quási a dormir»
E tu, sorrindo ao responder, continuavas
O que tocavas —
Atentamente tocavas —
Un Soir à Lima.

Tudo que fui quando não era nada,
Tudo que amei e sei só em verdade
Que o amei por não ter hoje estrada,
Que tenha qualquer realidade,
Por não ter dele mais que a saudade —
Tudo isso vive em mim
Por luzes, música e a visão
Que não tem fim
Dessa hora eterna no meu coração,
Em que voltavas
A folha irreal da música a tocar

E eu te ouvia e via
Continuar
A eterna melodia
Que está
No fundo eterno desta nostalgia
De quando, mãe, tocavas
Un Soir à Lima.

E o aparelho indiferente
Traz da emissora inconsciente
Un Soir à Lima.

Eu não sabia então que era feliz.
Hoje, que o já não sou, sei bem que o era.

«Esta também está a dormir...»
«Não está».
Ficámos todos a sorrir
E eu distraidamente vou
Continuando a ouvir,
Longe do luar que há
E que lá fora existe duro e só,
O que me faz sonhar sem o sentir,
O que hoje faz que tenha de mim dó
Esse canto sem voz, teclado e brando
Que minha mãe estava tocando —
Un Soir à Lima.

Não ter aqui numa gaveta,
Não ter aqui numa algibeira,
Fechada, havida, completa,
Essa cena inteira!
Não poder arrancar
Do espaço, do tempo, da vida
E isolar

Num lugar
Da alma onde ficasse possuída
Eternamente
Viva, quente,
Essa sala, essa hora,
Toda a família e a paz e a música que há
Mas real como ali está
Ainda, agora,
Quando, mãe, mãe, tocavas
Un Soir à Lima.

Mãe, mãe, fui teu menino
Tão bem dobrado
Na sua educação
E hoje sou o trapo que o Destino
Fez enrolado e atirado
Para um canto do chão.

Jazo, mesquinho,
Mas ao meu coração
Sobe, num torvelinho
A memória de quanto ouvi do que há
No que há de carícia, de lar, de ninho,
Ao lembrar o ouvi, hoje, meu Deus, sozinho,
Un Soir à Lima.

Onde é que a hora, e o lar e o amor está
Quando, mãe, mãe, tocavas
Un Soir à Lima?

E num recanto de cadeira grande
Minha irmã,
Pequena e encolhidinha
Não sabe se dorme se não.

Eu tenho sido tanta coisa vil!
Tenho traído tanto do que sou!
Meu espírito sedento
De raciocinador subtil
Quantas vezes prolixamente errou!
Quantas vezes até o sentimento
Inanimadamente me enganou!

Já que não tenho lar,
Deixa-me estar
Nesta visão
Do lar de então,
Deixa-me ouvir, ouvir, ouvir —
Eu à janela
Do nunca mais deixar de sentir,
Nessa sala, a nossa sala, quente
Da África ampla onde o luar está
Lá fora vasto e indiferente
Nem mal nem bem
E onde, no meu coração
Mãe, mãe
Tocas visivelmente,
Tocas eternamente
Un Soir à Lima.

A minha raiva de animal humano
A quem tiraram a mãe,
E não tem
Para o menino que lhe na alma há,
Para lhe embalar o coração,
Mais que esta visão —
As tuas mãos pequenas pelo piano
Quando, oh meu Deus, tocavas
Un Soir à Lima.

Ai, mas é engano.
Aqui sou velho
Não há sala nem há piano
Nem tu existes a tocar.
Há um aparelho mudo
De onde um som vem de longe, e dói
Como é que eu te darei um beijo agora?

Eu poderia, vindo da janela,
Como tantas vezes fiz
□

O raciocinador exato
Cuja alma está em mil pedaços,
Em mil pedaços que nem há...
Deixa-me dormir
E sonhar de estar vendo, a ouvir,
Un Soir à Lima.

E era nesta calma,
Nesta felicidade
Em que existia uma alma
(Meu Deus, que saudade!),
Que, sob a luz que dourava,
(Hoje onde é que isso está?)
Longe de onde o luar prateava,
Minha mãe tocava
Medalha atenta e humana ao piano,
Un Soir à Lima.

Desde então
Tenho atravessado
Muitas vidas.
As mais das vezes tenho errado.
Meu coração

Pesa de coisas esquecidas.
Desde quando
Nesse brando
Conforto do meu lar extinto
Eu, à janela, ouvia, hirtó e sonhando,
Ermo e indistinto,
O que há
Em toda a música de intuição e instinto,
Quanto tenho deixado morrer
Dentro do que quis ser,
Quanto tenho deixado
Só pensado,
Quanto, quanto,
Tem sido para mim somente sonho,
Somente o encanto,
Tristemente risonho
De o ter sonhado,
Quem sabe se a saudade
Transmutada num devaneio meio humano
De quanto nessa noite está,
Longínqua, em que, mamã, ao piano
Tocavas, sob a crua claridade,
Un Soir à Lima.

Pesa-me o coração. Um torpor denso
Ocupa-me a consciência de □
E um frio informe, desolado e denso
Não me deixa pensar.

Num baloiçar-me, num embalar
Relembro tudo, relembro em vão.
Meu Deus, isso tudo onde está?
Un Soir à Lima...
Quebra-te, coração!...

Meu padrasto
(Que homem! que alma! que coração!)
Reclinava o seu corpo basto
De atleta sossegado e são
Na poltrona maior
E ouvia, fumando e cismando,
E o seu olhar azul não tinha cor.
E minha irmã, criança,
No recanto da sua poltrona
Enrolada, ouvia a dormir
E a sorrir
Que estava alguém tocando
Se calhar uma dança...

E eu, de pé, ante a janela
Via todo o luar de toda a África inundar
A paisagem e o meu sonhar.

Onde tudo isso está!
Un Soir à Lima,
Quebra-te, coração!

Essa mão pequenina e branca,
Que nunca mais me afagará,
□
Sorrias, rindo, para mim
Esse sorriso que já teve fim,
E continuavas tocando
Un Soir à Lima.

E eu que nunca julguei que tu morresses
E me deixasses só com o que eu sou...

E é uma emissora indiferente
Que por um aparelho inconsciente
Em música, só, música me dá
A angústia viva que me vem
De te ver, por me lembrar,
Minha mãe, minha mãe,
Tão tranquila, tocar
Un Soir à Lima.

Mas entorpeço.
Não sei se vejo, se adormeço,
Se sou quem fui,
Não sei se lembro, nem se esqueço.
Há qualquer coisa que indistinta flui
Entre quem sou e o que eu era
E é como um rio, ou uma brisa, ou um sonhar,
Qualquer cousa que não se espera,
Que se suspende de repente
E, do fundo aonde parecia ir acabar,
Surge, cada vez mais distintamente,
Num halo de suavidade
E nostalgia,
Onde o meu coração ainda está,
Um piano, uma figura, uma saudade...
Durmo encostado a essa melodia —
E oiço que minha Mãe toca,
Oiço, já com o sal das lágrimas na boca,
Un Soir à Lima.

O véu das lágrimas não cega.
Vejo, a chorar,
O que essa música me entrega —
A mãe que eu tinha, o antigo lar,
A criança que fui,
O horror do tempo porque flui,

O horror da vida, porque é só matar.
Vejo, e adormeço
E no torpor em que me esqueço
Estou vendo minha mãe tocar.
Essas mãos brancas e pequenas,
Cuja carícia nunca mais me afagará,
Tocam ao piano, cuidadosas e serenas,
Un Soir à Lima.

Ah, vejo tudo claro!
Estou outra vez ali.
Afasto do luar externo e raro
Os olhos com que o vi.

Mas quê? Divago, e a música acabou...
Divago como sempre divaguei
Sem ter na alma certeza de quem sou,
Nem verdadeira fé ou firme lei.

Divago, crio eternidades minhas
Num ópio de memória e de abandono.
Entronizo fantásticas rainhas
Sem para elas ter um trono.

Sonho porque me banho
No rio irreal da música evocada.
Minha alma é uma criança esfarrapada
Que dorme num recanto obscuro.
De meu só tenho,
Na realidade certa e acordada,
Os trapos da minha alma abandonada
E a cabeça que sonha ao pé do muro.

Mas, mãe, não haverá
Um Deus que me não torne tudo vão,
Um outro mundo em que isso agora está?
Divago ainda: tudo é ilusão.
Un Soir à Lima...

Quebra-te, coração...

[17-9-1935]

Pedrouços

324

Quando eu era pequeno não sabia
Que cresceria.
Pelo menos não o sentia.

Naquela idade o tempo não existe.
Cada dia é a mesma mesa
Com o mesmo quintal ao fundo;
E quando se sente tristeza
Está tristeza, mas não se está triste.

Eu era assim
E todas as crianças deste mundo
Assim foram antes de mim.

O quintal grande estava dividido
Por uma frágil grade, alta, de tiras
Cruzadas, de madeirinhas,
Em horta e em jardim.

Meu coração anda esquecido,
Mas não minha visão. De ela não tires,
Tempo, esse quadro onde o feliz que eu fui
Dá-me uma felicidade ainda minha!

Inútil o teu frio curso flui
Para quem das lembranças se acarinha.

22-10-1935

325

Triplet, rondeau, balada —
Tudo isso é nada.
Balada, rondeau, triplet —
Tudo isso o que é?

A espuma do que a vida atira
À praia e a tira
De onde a pôs, e volta a chiar
Ao eterno mar.

28-10-1935

326

Teus olhos entristecem.
Estagnas para o que digo.
Dormem, sonham, esquecem...
Não me ouves, e prossigo.

Digo o que já, de triste,
Te disse tanta vez...
Creio que nunca o ouviste
De tão tua que és.

Olhas-me de repente
De um distante impreciso
Com um olhar ausente.
Começas um sorriso.

Continuo a falar.
Continuas ouvindo
O que estás a pensar,
Já quási não sorrindo,

Até que, neste ocioso
Sumir da tarde fútil,
Se esfolha silencioso
O teu sorriso inútil.

29-10-1935

Lembro-me vagamente
Ou sonho sem me lembrar?
Havia água corrente
Nesse lugar.

327

Que lugar? Ora, era onde a quinta
Nos parecia que acabava
Mas não lhe servia de cinta
O muro que ali perto se avistava.

E o som da água a correr
Cercava-nos, como me cerca
O relembrar, de o esquecer,
Até que a música se perca.

30-10-1935

Que triste na noite sem luar
A iluminação dos barcos
Esparsa, em amarelos parcos,
Altos, sem quilhas vistas, lá no mar!

Que triste! É como quando é noite na alma
E aqui e ali na sua escuridão
Lembranças separadas, como são
As luzes dos navios,
Brilham aéreos vãos calores frios
Na falsa calma
Da solidão.

Estar longe dos barcos é estar triste.
Cada um lá dentro é um navio e gente.
De aqui é duas luzes altas, três,
Ou mais, e a escuridão persiste
E calmamente desmente
A vida dessas luzes
□

Até que riem meus olhos tristes
E em tua boca, risonho,
Desponta um carinho de fada.
Mas eu não valso, tu não existes,
Tudo isto nem sequer é sonho
É nada, é nada...

Ah, sê ninguém, para que eu possa
Valsar contigo.

1-11-1935

Eu falei no «mar salgado»,
Disseram que era plagiado
Do Corrêa de Oliveira.
Ora, plagiei-o do mar.
Eu sou tal qual Portugal
Faz-me sempre mal o sal
E ando sobretudo com azar.

[post 14-3-1935]

Argumentamos em vão.
Distraído, certo, bate
Por trás do nosso debate
O coração.

Sei bem que gostas de mim,
Sabes bem quanto te quero,
E argumentamos assim,
No tom arrastado e insincero

De quem fala só de cousas
Que nada têm connosco,
Como quem com mãos ociosas,

Num gesto alheado e manso,
Limpa o pó de um manipanso
Santo e toscos.

2-11-1935

331 Nunca te achei nem te vi.
Mas, por imaginação,
Dói de ti meu coração:
Tenho saudades de ti.

Nunca, amor, te conheci.
Mas, sem saber se existes,
Meus olhos de ti estão tristes:
Tenho saudades de ti.

Quando outra achei, te perdi,
Só por a ter encontrado
Não sei se és sonho ou pecado
Sei que, enganado e exilado,
Tenho saudades de ti.

3-11-1935

332 Navega inútil pelas águas mansas
A barca que não chega a qualquer porto.
Leva consigo as minhas esperanças,
Deixou no cais a fé com que eu as tinha.

5-11-1935

333 Meu pobre Portugal,
Dóis-me no coração.
Teu mal é o meu mal
Por imaginação.

Tão fraco, tão doente,
E com a boa cor
Que a tísica põe quente
Na cara, o exterior.

Meu pobre e magro povo
A quem deram, às peças,
Um fato em estado novo
Para que o não pareças!

Tens a cara lavada,
Um fato de se ver
Mas não te deram nada,
Coitado, que comer.

E aí, nessa cadeira,
Jazes, apresentável.
□
O transeunte amável.

8-11-1935

Poema de Amor em Estado Novo

334

Tens o olhar misterioso
Com um jeito nevoento,
Indeciso, duvidoso,
Minha Maria Francisca,
Meu amor, meu orçamento!

A tua face de rosa
Tem o colorido esquivo
De uma nota oficiosa.
Quem dera ter-te em meus braços,
Ó meu saldo positivo!

E o teu cabelo — não choro
Seu regresso ao natural —
Abandona o estalão-ouro,

Amor, pomba, estrada, porta,
Sindicato nacional!

Não sei porque me desprezas.
Fita-me mais um instante,
Lindo corte nas despesas,
Adorada abolição
Da dívida flutuante!

Com que madrigais mostrar-te
Este amor que é chama viva?
Ouve, escuta: vou chamar-te
Assembleia Nacional,
Câmara Corporativa.

Como te amo, como, como,
Meu Ato Colonial!
De amar já quási não como,
Meu Estatuto do Trabalho,
Meu Banco de Portugal!

Meu crédito no estrangeiro!
Meu encaixe-ouro adorado!
Serei sempre o teu romeiro...
Pousa a cabeça em meu ombro,
Ó meu Conselho de Estado!

Ó minha corporativa,
Minha lei de Estado Novo,
Não me sejas mais esquiva!
Meu coração quer guarida
Ó linda Casa do Povo!

União Nacional querida,
Teus olhos enchem de mágoa

A sombra da minha vida
Que passa como uma esquadra
Sobre a energia da água.

Que aristocrático ri
O teu cabelo em cifrões —
Finanças em *mise-en-plis!*
Meu altivo plebiscito,
Nunca desceste a eleições!

Por isso nunca me escolhes
E a minha esperança é vã.
Nem sequer por dó me acolhes,
Minha imperialmente linda
Civilização cristã!

.

Bem sei: por estes meus modos
Nunca me podes amar.
Olha, desculpa-mos todos.
Estou seguindo as diretrizes
Do Professor Salazar.

O demo-liberalismo maçónico-comunista

8/9-11-1935

Eu morava à beira-rio
E tinha que atravessar
Mas o barqueiro sadio
Estava sempre com fastio
De ele mesmo me levar;

335

Por isso a filha é que vinha
Remar-me para o outro lado.
Era forte, linda e tinha
Remando um ar de rainha.
Que bem que eu ia levado!

Falávamos a sorrir
De quanto vinha a calhar
E, quando era para rir,
Ríamos de nos ouvir
E eu comia o seu olhar.

Vejo ainda, vejo ainda,
Como esse corpo tão certo
Se inclinava, — mas que linda! —
E aquele olhar nunca finda
No meu coração deserto...

Meu amor, sinto-te quente
No alvoroço de te abraçar.
Adoro-te realmente.
Mas há um rio de repente
E tu não sabes remar.

Perdoa, amor: não abarco
Mais que uma vaga maneira
De ser teu, sinto-me parco.
Meu coração vai num barco,
Que o guarde lá a barqueira.

10-11-1935

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma,
Mas que são dolorosas mais que as outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com o imaginá-las
Que são mais nossas do que a nossa vida.
Há tanta cousa que, sem existir,
Existe, existe demoradamente,
E demoradamente é nossa, é nós...
Por sobre o verdor turvo do amplo rio
Os circunflexos brancos das gaivotas...
Por sobre a alma o adejar inútil
Do que não foi, nem pôde ser, e é tudo.

Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

19-11-1935

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

—
www.impresanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

—
© Luís Prista
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

—
O livro *VINTE ANOS DE POESIA ORTÓNIMA. IV — 1934-1935*
é o oitavo título da coleção PESSOANA, série EDIÇÕES,
e tem edição de texto de LUÍS PRISTA.

Tem edição, revisão e paginação
da IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA,
e *design* gráfico de EDUARDO AIRES.
Foi composto em caracteres MINION PRO

—
Edição digital gratuita, janeiro de 2021
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda



S

